

UNIVERSIDADE DE MARÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E TURISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

UMA AMÉRICA E MUITAS VOZES:
A COMUNICAÇÃO NO CONTINENTE 25 ANOS APÓS O INFORME MACBRIDE

Bruno Augusto Amador Barreto

MARÍLIA/SP
2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

BRUNO AUGUSTO AMADOR BARRETO

**UMA AMÉRICA E MUITAS VOZES:
A COMUNICAÇÃO NO CONTINENTE 25 ANOS APÓS O INFORME MACBRIDE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação com Área de Concentração em Produção e Recepção de Mídia, da Faculdade de Comunicação, Educação e Turismo da Universidade de Marília, como requisito para a Defesa do Mestrado em Comunicação, sob orientação da Profa. Dra. Lúcia Correia Marques de Miranda Moreira.

MARÍLIA/SP
2006

BRUNO AUGUSTO AMADOR BARRETO

**UMA AMÉRICA E MUITAS VOZES:
A COMUNICAÇÃO NO CONTINENTE 25 ANOS APÓS O INFORME MACBRIDE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Faculdade de Comunicação, Educação e Turismo da Universidade de Marília para Defesa.

“A comunicação tanto pode ser um instrumento de poder como uma arma revolucionária, um produto comercial ou um meio de educação. Pode estar a serviço de causas de liberação ou de opressão, pode contribuir para a formação da personalidade individual e para um doutrinação uniforme dos seres humanos. Cabe a cada sociedade escolher o seu caminho para cumprir a tarefa na qual estamos todos engajados e encontrar o modo de superar os obstáculos materiais, sociais e políticos que impedem o progresso” (Informe MacBride, 1980).

“En estos veinte años, después de aquel frustrado intento de democratizar la información, las fusiones entre las empresas de la comunicación y el poder de las nuevas tecnologías han incentivado aún más la marginación del Sur. La llegada de Internet há abierto nuevas posibilidades para la creación de redes alternativas de información, pero también há redundado en la desigualdad. El 20% más rico de la población mundial acapara el 93% de los accesos a Internet, frente al 20% más pobre, que apenas tiene el 0,20% de las líneas. Las 10 principales empresas de telecomunicaciones controlan el 86% del mercado. Según los expertos se prevé que pronto en el sector de la informática y las telecomunicaciones no habrá más que ocho empresas a escala mundial, todas del Norte. Los retos de la información siguen siendo constituir a la sociedad civil en protagonista del proceso informativo, reconocer el derecho del individuo a ser sujeto y no objeto de la comunicación, fomentar la solidaridad y no el conflicto, la distribución más justa en la propiedad de los medios, incentivar el mestizaje y preservar la diversidad de las culturas.”
(CARAVANTES, Marta).

DEDICO

Aos excluídos desta amada terra, América Latina, que nos mais diversos cantos deste continente sofrem sem voz, sem liberdade de expressão e opinião. A este povo subjugado e reprimido, sem espaço nos próprios meios de comunicação social.

A Sean MacBride, pelo brilhantismo com que presidiu a Comissão Internacional para o Estudo dos Problemas da Comunicação.

A Amadou-Mahtar M'Bow, então presidente da UNESCO, pela força e determinação na criação da Comissão.

A tia Marina Amador Gimenes Correia (in memoriam), que tão recentemente nos deixa. Onde estiver sei que está feliz com este momento e apóia esta idéia.

AGRADEÇO

Aos meus pais, José Roberto Barreto e Francis Amador Gimenes Barreto, por mais esta conquista. Por acreditarem, apoiarem e investirem até nos momentos mais difíceis. Por sempre me mostrarem o caminho e a realidade. Por me darem a vida.

Aos meus tios/pais, José Amintas Barreto e Vera Barreto, por existirem. Por me darem a alegria de contar com a atenção, o amor e a força em todas as horas.

Aos meus primos/irmãos, Maira, Diego, Tiago e Lucas, pelos momentos felizes.

A toda minha família, por ser tão especial e pelos fortes laços, os quais a distância não atenua.

Aos círculos espirituais, por me protegerem e me despertarem a cada dia a fé necessária.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pelo apoio financeiro.

Ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Marília, por crer no seu aluno.

À Faculdade Projeção (Brasília/DF), pela compreensão e todo o apoio dispensado.

À minha orientadora, Profa. Dra. Lucia Miranda, que mais uma vez chegou no momento certo. Pela atenção e o tempo dispensado com a finalização deste trabalho.

À Profa. Dra Jussara Rezende Araújo, pela contribuição a esta pesquisa.

Ao Prof. Dr. Murilo César Ramos, pela valiosa contribuição intelectual sobre políticas de comunicação.

A todos os colegas que pacientemente colheram os jornais, aqui analisados, durante uma semana, em Buenos Aires (Argentina), Pedro Juan Caballero (Paraguai), Salvador, Brasília, Porto Velho, Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre.

A Carlos Arroyo por gentilmente realizar a pesquisa de recepção na Bolívia.

A cada um dos quase 150 entrevistados pelos subsídios e a atenção dada na Argentina, Brasil, Bolívia, Paraguai e Uruguai.

Aos editores de internacional, Gustavo Sierra, Patrício Bernabé, José Luis Aguiar e João Cláudio Garcia, que cordialmente atenderam-me e contribuíram com a pesquisa.

Ao Prof. Dr. José Marques de Melo, por enviar-me o seu texto: *Revisando MacBride e a NOMIC*.

SUMÁRIO

RESUMO (Português/Español/English).....	xi
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO PRIMEIRO – <i>Discussão metodológica</i>	
1.1 Procedimento metodológico	5
1.2 Discussão teórica	6
CAPÍTULO SEGUNDO – “<i>Um mundo e muitas vozes</i>” <i>Relatório Final da Comissão Internacional para o</i> <i>Estudo dos Problemas da Comunicação (1980)</i>	
2.1 Origem e missão	15
2.2 O relatório.....	21
2.2.1 Prefácio	21
2.2.2 Prólogo	22
2.2.3 Parte I – Comunicação e Sociedade	23
2.2.4 Parte II – A Comunicação Hoje	26
2.2.5 Parte III – Problemática: preocupações comuns	29
2.2.6 Parte IV – O contexto institucional e profissional	30
2.2.7 Parte V – A Comunicação Amanhã.....	31
CAPÍTULO TERCEIRO – “<i>Comunicação e informação na nossa época</i>” (2005)	
3.1 O recorte: Coleta e difusão de notícias.....	34
3.2 As agências de notícias e o noticiário internacional	35
3.3 O editor de internacional.....	51
3.4 O receptor.....	76
CONCLUSÃO	91

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	93
ANEXOS	106

RESUMOS

Português, Espanhol e Inglês.

BARRETO, B. A. A. *Uma América e muitas vozes: a comunicação no continente 25 anos após o informe MacBride*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) Faculdade de Comunicação, Educação e Turismo, UNIMAR, Marília/SP (Brasil), 2006.

RESUMO:

A presente pesquisa busca fazer um mapeamento geral da comunicação no continente latino-americano, investigando a atualidade e contingência dos problemas de comunicação estudados há 25 anos pela UNESCO (Relatório MacBride). Analisam-se os meios de comunicação da região, a circulação da informação, a produção e a recepção das notícias – em sua maior parte oriundas das agências internacionais de informações. Os fenômenos constatados neste trabalho mostram que os desequilíbrios e as distorções das informações, já citados no Relatório MacBride, continuam. Percebe-se que a falta de políticas de comunicação materializa-se no desenraizamento cultural dos povos, na omissão do direito de opinar e expressar e em uma visão parcialista da realidade, refletida no imaginário coletivo.

PALAVRAS-CHAVE: Relatório MacBride/NOMIC, Meios de comunicação, Fluxo informacional latino-americano, Políticas de comunicação.

BARRETO, B. A. A. *Una América y muchas voces: la comunicación en continente 25 años despues del informe MacBride*. Disertación (Maestria en Comunicación) Faculdade de Comunicação, Educação e Turismo, UNIMAR, Marília/SP (Brasil), 2006.

RESUMEN:

La presente investigación busca hacer un mapa general de la comunicación del continente latino-americano, investigando la actualidad y la contingencia de los problemas de comunicación estudiados hace 25 años por la UNESCO (Informe MacBride).

introdução

Esta pesquisa apresenta como ponto de partida investigar a atualidade do Relatório MacBride¹, 25 anos após sua publicação, considerando especificamente a comunicação no continente latino-americano.

Pretende-se levantar alguns pontos principais apontados no Relatório e investigar as suas ocorrências, hoje, na América Latina. O ponto principal refere-se aos fluxos comunicacionais latino-americanos e aos seus efeitos na realidade da região. Assim, exploram-se teorias e conceitos para confrontar as suas atividades com a realidade empírica.

O objetivo geral é verificar a atualidade e a contingência dos principais problemas da comunicação com o Relatório MacBride. Os objetivos específicos desta pesquisa, além do citado no parágrafo anterior, enfocam também a problemática da influência das Agências Internacionais de Notícias no exercício do Jornalismo da região, além de investigar a opinião e o papel dos leitores e dos editores de internacional sobre o sistema de comunicação atual.

Tem-se como hipótese que o fluxo unidimensional na América Latina, já detectado no referido Relatório, reflete-se numa ausência de cidadania e exclusão moral dos povos e países do continente. Assim, a pesquisa pergunta: como se concretiza a circulação das informações no continente? O jornalismo latino-americano retrata a realidade da região? Quais os fatores que contribuem para a baixa produção de reportagens sobre a América Latina em seus próprios veículos de comunicação de massa? Como se comportam os receptores da informação? Quais as conseqüências de um fluxo unidimensional? O que mudou após o Relatório MacBride? Estas e outras questões são levantadas no decorrer da pesquisa, bem como a tentativa de buscar algumas respostas.

Para abarcar essas problemáticas o trabalho foi dividido em três capítulos. O primeiro é a discussão metodológica, com os quadros teóricos de referências, coletas de dados, formas de análise e apuração e interpretação. No segundo, o antecedente histórico, uma apresentação do Relatório MacBride para que se possa traçar um paralelo com a comunicação do século XXI. E o último capítulo, faz um mapeamento geral da comunicação na América Latina, estudando: as agências de

notícias, os fluxos informativos, o noticiário de internacional e a recepção das informações.

É válido salientar que as discussões sobre as políticas de comunicação voltam à cena com os debates da Cúpula Mundial da Sociedade da Informação (CMSI), onde desde 2003, quando realizam o primeiro fórum, o tema toma fôlego e provoca novas reflexões a respeito da distribuição da informação no mundo. A presente pesquisa, não visa aprofundar a CMSI, deixando aqui apenas um registro.

capítulo primeiro

DISCUSSÃO METODOLÓGICA

1. DISCUSSÃO METODOLÓGICA

1.1 Procedimento metodológico

Para alcançar os objetivos propostos pela pesquisa, realizou-se um levantamento de dados contínuoⁱ, a fim de obter o maior número de informações possíveis a respeito dos 33 países e 14 territórios da América Latina, da organização das suas mídias e de suas políticas de comunicação.

A coleta de dados foi realizada com apoio de pesquisas quantitativas, qualitativas e de entrevistas: análise de jornais, entrevistas com leitores e editores de internacional, leituras de documentos e fichamentos bibliográficos; buscando dados para realizar as tabelas que descrevem o fluxo comunicacional da América Latina e a possível atualidade do Relatório MacBride.

1.1.1 Da análise quantitativa e qualitativa

A análise dos jornais foi colhida através da leitura de 70 exemplares de 10 jornais latino-americanosⁱ no período de uma semana. A análise foi dividida em duas: uma quantitativa, cujas variáveis mensuradas foram: editorias de internacional, espaço concedido à América Latina na editoria, procedência das notícias, (correspondentes, enviados especiais, agências ou outros) e quais países foram citados no período. A outra, qualitativa, para ver o modo como a América Latina está sendo representada e interpretada pela imprensa latino-americana, foram observadas três categorias: destaqueⁱ, alteridadeⁱ e agendamentoⁱ. Devido à natureza das variáveis em estudo, as mesmas foram tabuladas e descritas por meio de tabelas, gráficos, freqüências, proporções e porcentagens.

Ao longo da realização da pesquisa (curso de graduação e mestrado), notou-se que o jornalismo impresso na América Latina, desde a Segunda Guerra Mundial, apresenta índices cada vez mais crescentes de concentração da informação nas mãos de poucos. Segundo o Relatório MacBride (1983:26), “Em certos casos, a uniformidade e a homogeneização das mensagens obedecem às exigências das leis do mercado (...) o poder de informar está concentrado nas mãos de uma minoria (...)

que controla os instrumentos de comunicação.” Cada vez mais as redações não têm serviços de captação de reportagem no exterior com editorias completas: com programadores visuais e infográficos, com repórteres especializados, com jornalistas aparelhados e bem pagos; com equipamentos e veículos de transporte em geral.

Percebeu-se, em termos quantitativos/qualitativos, que o espaço informacional no que se refere ao contexto do plano de expressão é preenchido por padrões estereotipados e, quanto ao plano de conteúdo, são utilizados serviços de agências de notícias – muito mais para denegrir; para entreter com tratamentos teratológicos e manter redações apenas operárias, do que para informar fatos e acontecimentos que realmente poderiam contribuir para um cotidiano mais sadio e consciente da população. Nota-se que as agências de notícias transnacionais são as principais fontes dos serviços de transmissão de informação da grande maioria dos jornais latino-americanos.

1.1.2 Das entrevistas

Para confrontar os dados recolhidos nos jornais buscou-se conhecer a opinião dos leitores, suas preferências de leitura, o seu conhecimento sobre as agências de notícias e o sistema internacional de circulação de informações, seus contatos e impressões. Realizou-se uma entrevista com mais de 140 pessoas em cinco países - Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai e Uruguai - o modelo do questionário aplicado encontra-se em anexo.

Também para confrontar opiniões e conhecer um pouco do imaginário profissional dos atuais operários da informação, foi-se conhecer de perto alguns editores de internacional de jornais latino-americanos, especialmente os editores dos principais jornais dos territórios do MERCOSUL.

1.2 Discussão teórica

Além da análise sistematizada do Relatório MacBride, que oferece o eixo norteador da dissertação, a investigação teve como ferramenta as suposições teóricas pós-1960. As exposições das interpretações adotadas não são uma teoria, mas “hipóteses”. Buscam-se categorias que permitam a coleta de dados mais próxima das experiências reais, de campo, imanentes à experiência do repórter, do corpo a corpo – uma *pesquisa social*. Partindo do princípio que todo jornalista e todo

jornalismo é investigação científica, o profissional deve buscar ver e colher dados com critérios que estabeleçam as relações entre observador e objeto. Como diz Immacolata Lopes:

O levantamento é um estudo eminentemente descritivo, com ênfase na coleta e sistematização de dados empíricos para utilização prática, enquanto a pesquisa social parte da fundamentação empírica dos dados para contribuir para o corpo do conhecimento teórico e metodológico de um dado campo de estudos, independentemente de sua utilização imediata. Esta é, a meu ver, a condição que deve reger a pesquisa acadêmica de Comunicação, pois somente através da elaboração interpretativa dos dados é que se pode atingir um padrão de trabalho científico no campo da Comunicação. Só esse padrão é capaz de coordenar organicamente teoria e prática, operações técnicas, metodológicas, teóricas e epistemológicas numa única experiência de investigação. (LOPES, 2004: 33)

Para estudar a forma em que se materializam os fluxos de comunicação no continente, em que os clichês gerados na e pela mídia acabam por refletir no dia-a-dia da nossa sociedade, tomam-se os conceitos da *agenda-setting* como a forma mais adequada para interpretar esses fenômenos.

1.2.1 Agendamento (Hipótese da *Agenda-setting*)

A cidade de Marília, localizada no oeste paulista, possui dois jornais diários, duas TVs e várias emissoras de rádios; todos os dias, nessa cidade de aproximadamente 200 mil habitantes, ocorrem vários fatos, muitos simultâneos, deles são geradas inúmeras notícias que preenchem as páginas de seus jornais e ocupam suas grades de TVs e as programações das rádios. Ao pensar-se em termos de Brasil, esse montante de fatos e notícias é infinitamente multiplicado, de esportes a acontecimentos de polícia, de cultura a economia, de saúde e educação a política. O que dizer então do volume de informações de um continente, no caso a América Latina?

Esse fluxo contínuo de informações gerado pela vida em sociedade é pautado pelos meios de comunicação. Entretanto, por maior que seja a pluralidade de acontecimentos, todos os periódicos, em linhas gerais, no que tange ao noticiário internacional, são parecidos; as notícias quase todos os dias são as mesmas, o que

muda é o tempo e o espaço. Todavia, os temas e os assuntos circulam em um mesmo eixo. Este é o *agendamento*, o *efeito enciclopédico* provocado pela mídia. A escolha do que é dito nos veículos de comunicação torna-se o assunto de conversa entre as pessoas, gerando uma *agenda* individual e/ou coletiva. Por exemplo:

Os meios de comunicação, embora não sejam capazes de impor o *que* pensar em relação a um determinado tema, como desejava a teoria hipodérmica, são capazes de, a médio e longo prazo, influenciar *sobre o que* pensar e falar, o que motiva o batismo desta hipótese de trabalho. Ou seja, dependendo dos assuntos que venham a ser abordados – agendados – pela mídia, o público termina, a médio e longo prazos, por incluí-los igualmente em suas preocupações. Assim, a *agenda* da mídia *termina por construir também na agenda individual e mesmo na agenda social*. (HOHLFELDT, 2000 :191).

Esta explicação ajuda a demonstrar que todas as vezes que uma Agência de Notícias Internacional elege uma notícia sobre produtos falsificados do Paraguai ou sobre guerrilheiros da FARC na Colômbia, a outra informação, ela está gerando um clichêⁱ que será associado à identidade daquele país e, com o tempo, cria-se o preconceito que assombra a América Latina. Existe, como também cita HOHLFELDTⁱ, o *interagendamento*, em que um veículo influencia outro, o que é pautado por um é “copiado” pelo outro, seja ele jornal, rádio, TV ou *on-line*.

Não se pretende dizer que os fatos trágicos não aconteçam e que não devem ser noticiados, o que ocorre, e que se verificou com a pesquisa, é que as notícias que denigrem a região latino-americana são inúmeras vezes em maior número do que as que a enaltecem, comparadas a outras regiões do globo, como os Estados Unidos e a Europa por exemplo, resultando em uma distorção da realidade do continente.

A seguir serão destacados conceitos instrumentais que alicerçam todo o arcabouço do sistema de hipótese da *agenda-setting*. São os conceitos de *gatekeeper* (incorporado à figura do *gatekeeper*) e o conceito de “espiral do silêncio”, fenômeno equivalente ao que se chama de exclusão moral, pois cria-se um silêncio em torno de outros temas que poderiam ser incluídas na mídia. Veladamente, o cidadão, no mercado da informação, acaba comprando sub-informação.

1.2.2 Filtragem (Hipótese do *Gatekeeper*)

A passagem da informação por um “filtro”, retém partículas, fatos e separa, seleciona a informação, o produto que chega ao outro lado quase nunca é o mesmo que entrou.

(...) Há um indivíduo, ou um grupo, que tem o poder de decidir se deixa passar a informação ou se a bloqueia. (...).

Cerca de nove despachos de agências, em dez, são eliminados e só um em dez descobre o caminho para aparecer como notícia no jornal. (WOLF, 1995: 162).

Esse indivíduo, chamado *gatekeeper*, o selecionador das informações oriundas das Agências de Notícias, é o editor de internacional, um “fazedor” de notícias (*newsmaker*). O procedimento de seleção das notícias, até certo ponto, é compreensível, considerando o imenso caudal de informações despejadas todos os dias por essas agências nas redações.

O problema é a distorção causada pela filtragem, essa dá ao *gatekeeper* o privilégio de escolher o caráter paradigmático das informações: guerrilha à paz, fome ao crescimento agrícola, miséria ao desenvolvimento, desgraças a soluções... A seleção é feita sempre à distância dos fatos e dos povos e regiões latino-americanas. Estes editores igualmente possuem parcela no *agendamento* provocado e disseminado pelas grandes agências, pois quem publica e escolhe as notícias são eles, quem propaga os clichês também são eles. HOHFELDT traduz o *newsmaking – gatekeeping – como os fazedores de notícia ou a criação da notícia*. (2000: 204).

Observou-se, na pesquisa de campo, que o horizonte-limite do *gatekeeper*, do editor, é comprometido. Estes editores têm, também, a liberdade de eleger os países que saem em sua editoria; deste poder surgem os países “fantasmas” da América Latina, os que nunca aparecem nas páginas de jornais, principalmente os do Mar Caribe e os da América Central, salvo raras exceções.

É óbvio que os países são mais dependentes dos Estados Unidos e da Europa, que eles precisam mais da Bolsa de Valores de Nova Iorque e de Londres

que as de Manágua ou de Tegucigalpa. No entanto, isso não justifica a exclusão de países no noticiário.

1.2.3 Espiral do Silêncio

A espiral é como um parafuso, ela leva o receptor a dar voltas em torno de um único centro (a informação hegemônica), não permitindo aos indivíduos liberdade de opinião e expressão, estes giram em torno de uma informação pré-estabelecida.

A hipótese da Espiral do Silêncio será utilizada para ressaltar que os indivíduos que têm opiniões divergentes das veiculadas nos meios de comunicação são enclausurados no silêncio; não possuem espaço para expor ou ver suas idéias; assim como também o são os costumes e as manifestações intelectuais e culturais. Como se pode observar nos estudos de Elizabeth Noelle-Neumann:

Elizabeth Noelle-Neumann parte do princípio de que os indivíduos buscam evitar o isolamento, levando-os a se associar às opiniões dominantes. Se tal associação representa um alto custo social, na defesa de um ponto de vista minoritário, os indivíduos tendem a recolher-se ao silêncio.

(...) A exposição de suas opiniões passa pelo crivo da apreciação feita da repartição das opiniões no interior do ambiente social; se a repartição das opiniões não corresponde à sua repartição afetiva, é sinal de que houve uma supervalorização ou subvalorização da opinião em questão; as opiniões dominantes no presente podem ser vistas em relevância no futuro; se a força do presente difere de uma outra em ascensão no futuro, é a previsão da situação futura que prevalecerá. (FERREIRA, 1995: 113-114).

A pesquisadora passou a intuir que a influência da mídia sobre o receptor não seria, portanto, assim tão tênue. Pelo contrário, o efeito de acumulação, levantado pela hipótese da agenda setting, poderia ter outros resultados: era bem mais forte a influência da mídia sobre o público do que poderia imaginar, ainda que não se quisesse cair na antiga perspectiva da teoria hipodérmica. Esta influência, ao contrário do que se disse nas últimas décadas, não se limitava apenas ao sobre o que pensar ou opinar, como afirmava a hipótese da agenda, mas também atingiria o que pensar ou dizer. (HOHLFELDT, 2000: 222).

Como mostra FERREIRA, ou o indivíduo se associa à classe dominante ou se recolhe ao silêncio. Quando as opiniões individuais não fazem parte das agendas pelas agências e filtradas pelos veículos de comunicação, essas opiniões não passam pela aprovação e pela reflexão do crivo social, elas vêm a morrer. Apenas o que é dominante vai para o futuro, o que difere, perde-se no passado.

As opiniões contrárias a esse sistema pré-estabelecido (portanto, pautado por pré-conceitos) são minoritárias porque na América Latina o poder de pensar e agir é privilégio de poucos, apenas uma pequena elite decide a vida da grande maioria. Não são só as agências e os editores que controlam a região e os povos, considerável parte da elite latino-americana é corrompida e divulgadora dos setores financeiros (BELTRÁN, 1982: 38). Essas elites não querem se parecer latinas por julgarem a região estigmatizada pelas características de uma classificação terceiromundista, querem ter a imagem e fazer parte do hemisfério Norte, por isso não querem saber nada sobre o continente, criando a (falsa) imagem de que estão longe da América Latina.

Os poucos que pensam com responsabilidade social nesta região não têm espaço e são julgados utópicos, enclausurados em uma abóbada onde a classe dominante julga ser o seu lugar. Este é o ponto culminante desta hipótese para a pesquisa.

Com as pesquisas de opinião realizadas no Mercosul, viu-se que a população da região encontra-se isolada e sem informação, busca o conhecimento que não está nos veículos de comunicação de massa. Sente-se, no contato direto com os receptores, o desconforto diante da situação em que os receptores são forçados a conviver. Os entrevistados, principalmente os paraguaios, dizem que a realidade refletida no noticiário não é a que encontram em seu país.

*

As hipóteses da *agenda-setting*, *gatekeeper* e *espiral do silêncio*, servem para balizar as funções dos meios de comunicação - estudados no próximo capítulo, quanto se faz o estudo do relatório MacBride - como o jornalismo praticado no continente latino-americano, dando suporte a investigação e a interpretação dos dados.

Notas

capítulo segundo

“UM MUNDO E MUITAS VOZES”
*Relatório Final da Comissão Internacional para Estudo dos
Problemas da Comunicação (1980)*

2. “UM MUNDO E MUITAS VOZES”

2.1 Origem e missão

2.1.1 Antecedentes

Na década de 40, nos primeiros anos de existência da UNESCO e com a Declaração dos Direitos Humanos, os temas estudados na Comunicação Internacional eram relativos à liberdade de informação. Nos anos 50, a UNESCO manteve a mesma filosofia focada no direito da comunicação.

Apenas nos anos sessenta é que a estrutura da comunicação despertou interesse, com os primeiros estudos estatísticos sobre os meios de comunicação de massa. A partir destes trabalhos elaborou-se o que seria o paradigma dominante nos estudos de comunicação até a chegada do Relatório MacBride: “la teoría desarrollista o de la modernización, entre cuyos impulsores se cuentan los profesores estadounidenses Daniel Lerner y Wilbur Schramm.” (MORAGAS, 2005: 6). Na década de 1960, a UNESCO fomentou o estabelecimento de acordos relativos ao intercâmbio de informações e preparou projetos para a criação de agências de notícias com cooperações regionais. (MacBride, 1983: 63).

Na década de 1970, começou-se a questionar a disseminação das informações e as tecnologias dos países desenvolvidos e a sua repercussão no desenvolvimento dos países do Sul. Na 16ª reunião da Conferência Geral as delegações dos países em desenvolvimento alentaram a necessidade em se estudar a problemática da distribuição desigual dos meios de comunicação. Estas preocupações foram claramente marcadas na teoria da dependência (formuladas pelos latino-americanos Fernando Henrique Cardoso, Enzo Faletto e Celso Furtado),

em que se acreditava que o modelo de comunicação “desarrollado” gerava dependência, e que o subdesenvolvimento da periferia era pré-requisito para o desenvolvimento do centro hegemônico (*ibid.*).

2.1.1.1 O conceito de *políticas de comunicação*

Em 1972, o pedido para a criação de políticas de comunicação foi reforçado com mais veemência e o diretor-geral autorizou promover pesquisas “em matéria de comunicação, sobretudo na sua aplicação à formulação das políticas de comunicação e à elaboração de estratégias e planos nacionais de comunicação, a serviço do desenvolvimento (MacBride, 1983: 64). Na 18ª reunião (1974), recomendou-se à Organização na América Latina que realizasse uma conferência intergovernamental sobre políticas de comunicação.

Nunca antes en la historia de las relaciones internacionales había llegado la comunicación a ser causa de una confrontación entre los países desarrollados y los países subdesarrollados como la muy grave que ocurrió, a escala mundial, en la década de 1970. En ese año la Conferencia General de la UNESCO reconoció por primera vez que era necesario formular y aplicar ‘políticas nacionales de comunicación’ para normar el desarrollo de este campo de actividad. (BELTRÁN, 2005: 31).

Em julho de 1976, é realizada a primeira conferência sobre políticas de comunicação, em San José, Costa Rica.

O tema provocou discussões acirradas, por um lado os que defendiam o fluxo equilibrado da informação e por outro, os que temiam o controle e a censura da informação sob pretexto de corrigir o desequilíbrio. Desta forma, na 19ª reunião realizada em Nairóbi (1976), “observou-se que a única solução realista consistia em prosseguir o debate e adiar qualquer decisão.” (MacBride, 1983: 66).

“Depois de longo debate foi aceito, de modo geral, que cabia dar máxima prioridade às medidas destinadas a reduzir as desigualdades existentes em matéria de informação (...) e estabelecer uma circulação internacional da informação mais

livre e equilibrada (...) (MacBride, 1983: 481). Assim, o diretor-geral da UNESCO, o senegalês Amadou-Mahtar M'Bow, decidiu encomendar uma Comissão Internacional para estudar os principais problemas da comunicação no mundo¹.

Para MATTELART (2005: 53), os anos setenta deram voz aos que até então eram descartados dos semicírculos internacionais, fizeram escutar suas opiniões sobre a ordem do mundo, tanto no nível econômico como comunicacional. Foi a “primera vez que un documento, legitimado desde una institución del sistema de las Naciones Unidas, confiere visibilidad a los desequilibrios estructurales en el campo de la comunicación y, al mismo tiempo, propone algunas pistas para subsanarlos.”

2.1.2 A Comissão Internacional para o Estudo dos Problemas da Comunicação

2.1.2.1 Missão

A Comissão foi constituída em dezembro de 1977, sua missão também foi definida pelo diretor-geral, são quatro diretrizes gerais para estudo:

- a) estudar a situação atual em matéria de comunicação e informação e determinar quais são os problemas que requerem uma ação nova no plano nacional e um enfoque global e coeso no internacional. Ao analisar o estado da comunicação no mundo atual, e em particular a totalidade dos problemas da informação, deverá levar em conta a diversidade das condições sócio-econômicas, dos níveis e dos tipos de desenvolvimento;
- b) dedicar atenção especial aos problemas relativos à circulação livre e equilibrada da informação no mundo, assim como às necessidades específicas dos países em desenvolvimento, em conformidade com as decisões da Conferência Geral;
- c) analisar os problemas da comunicação, nos seus diversos aspectos, em relação às perspectivas do estabelecimento de uma nova ordem econômica internacional, e das iniciativas pertinentes para facilitar a instauração de uma ‘nova ordem mundial da informação’;
- d) definir o papel que poderia desempenhar a comunicação para conseguir com que a opinião pública chegasse a perceber claramente os grandes problemas que se colocam para o mundo, sensibilizá-la quanto a esses problemas e contribuir

para resolvê-los progressivamente, mediante uma ação coesa, nos planos nacional e internacional. (MacBride, 1983: 68).

2.1.2.2 Composição

A designação dos membros da Comissão Internacional cingiu-se tanto à exigência do pluralismo quanto ao imperativo da unidade e da homogeneidade. Levou-se em conta a necessidade de congregar pessoas dotadas da competência e da experiência necessárias, e representativas das correntes de pensamento, das tendências intelectuais e das tradições culturais que se manifestam nas grandes regiões do mundo, assim como da diversidade dos sistemas econômicos e sociais. (MacBride, 1983: 482).

2.1.2.3 Presidenteⁱ

O diretor-geral elegeu Sean MacBrideⁱ (Irlanda) para presidir a Comissão; jornalista, jurista e político. Presidente da Agência Internacional da Paz; ex-ministro de Assuntos Exteriores; membro fundador da Anistia Internacional; comissionado das Nações Unidas para a Namíbia; Prêmio Nobel e Prêmio Lênin da Paz

2.1.2.4 Membrosⁱ

África:

Elebe Ma Ekonzo (Zaireⁱ), jornalista e diretor-geral da Agência Zaire-Press.

Mustapha Masmoudi (Tunísia), delegado permanente da Tunísia na UNESCO; ex-secretário de Estado encarregado da Informação; presidente do Conselho Intergovernamental de Coordenação e Informação dos Países Não Alinhados.

Fred Issac Akporuaro Omu (Nigéria), professor de pesquisa da Universidade de Benin e ex-comissário de Informação, Desenvolvimento Social e Esportes do Estado de Bendel.

Gamal El Oteifi (Egito), ex-ministro da Informação e Cultura; professor honorário da Universidade do Cairo; jornalista, jurista e assessor jurídico.

América Latina:

*Gabriel García Márquez*¹ (Colômbia), jornalista e escritor.

Juan Somavia (Chile), diretor executivo do Instituto Latino-Americano de Estudos Internacionais.

América do Norte:

Alie Abel (Estados Unidos), jornalista e especialista profissional de radiodifusão; professor de Comunicação da Stanford University.

Betty Zimmerman (Canadá), especialista em radiodifusão e diretor da *Rádio Canadá Internacional*.

Ásia:

Michio Nagai (Japão), jornalista e sociólogo; ex-ministro da Educação; editor do jornal *Assahi Shimbun*.

Sergei Losen (URSS), diretor-geral da *Tass*

Mochtar Lubis (Indonésia), jornalista e presidente da Fundação Asiática de Imprensa.

Boobli George Verghese (Índia), jornalista e *fellow* da *Gandhi Peace Foundation*.

Europa:

Bogdan Osolnik (Iugoslávia), jornalista, político e membro da Assembléia Nacional.

Hubert Beuve-Méry (França), jornalista fundador do jornal *Le Monde*; presidente do Centro de Formação e Aperfeiçoamento dos Jornalistas, Paris.

Johannes Pieter Pronk (Holanda), economista e político.

2.1.2.1 O trabalho da Comissão

Segundo o próprio Relatório, a Comissão teve plena autonomia intelectual e liberdade para desenvolver as atividades bem como redigir o seu trabalho final. O tempo para o estudo foi curto, porém intenso.

A primeira reunião ocorreu em dezembro de 1977 e a última em novembro de 1979, neste período ocorreram oito reuniões, totalizando 42 dias de trabalhos. Destas, quatro reuniões ocorreram na sede da UNESCO, em Paris, e as outras na Suécia (abril de 1978), na Iugoslávia (janeiro de 1979), na Índia (março de 1979) e, a última, fora da França, na América Latina, México (junho de 1979).

Paralelamente às reuniões realizadas fora da sede da UNESCO, “os governos de diversos países organizavam mesas-redondas dedicadas a temas gerais de especial importância sobre as relações entre comunicação, a sociedade, o desenvolvimento, a tecnologia e a cultura”. (MacBride, 1983: 483). Durante os trabalhos os membros da Comissão também participaram de numerosas conferências, reuniões, colóquios e grupos de debate feitos por organizações internacionais, regionais e nacionais.

O trabalho da Comissão foi enriquecido pela contribuição adicional constituída por uma série de estudos e monografias sobre aspectos concretos da comunicação, preparados por especialistas de diferentes regiões do mundo. (...) [para conhecer a lista completa dos documentos usados pela Comissão, cheque as páginas 484-490 da versão brasileira] Analogamente, dezenas de instituições internacionais, regionais e nacionais – centros de pesquisa e documentação, escolas de jornalismo, universidades, associações profissionais e instituições similares – facilitaram generosamente à Comissão um grande número de testemunhos, sínteses de trabalhos de pesquisas, documentos especializados e comentários analíticos. (MacBride, 1983: 484).

Antes da publicação final, a Comissão fez um “Relatório Provisório” apresentado na 20ª Reunião Geral da UNESCO, enviado para mais de 7 mil pessoas, cujos comentários foram aproveitados para a construção da versão final.

2.1.2.2 A Publicação do Relatório

Em fevereiro de 1980, encerram-se os trabalhos e o presidente da Comissão, Sean MacBride, entregou o “Relatório Definitivo” ao diretor-geral da UNESCO, Amadou-Mahtar M’Bow.

Em 12 de maio de 1980, publicou-se o relatório, apresentado na 21ª Reunião Geral da UNESCO celebrada em Belgrado:

Este relatório não ficará apenas à disposição das autoridades responsáveis pela comunicação ou das instituições interessadas no seu desenvolvimento, mas também dos dirigentes e pesquisadores de todas as disciplinas, das organizações não-governamentais e intergovernamentais, assim como do público de todos os países. Primeiramente será publicado nas línguas de trabalho das instâncias deliberadoras da UNESCO, a saber: árabe, chinês, espanhol, francês, inglês e russo. Tratemos de fomentar, na medida do possível, a sua publicação em outras línguas¹. (Amadou-Mahtar M'Bow, prefácio do Relatório – 1983: viii)

A versão brasileira foi publicada pela editora da Fundação Getúlio Vargas em 1983, com tradução de Eliane Zagury. Sob o título: “Um mundo e muitas vozes: comunicação e informação na nossa época”, do original: “Voix multiples, un seul monde”.

2.2O Relatório

O Relatório MacBride é um volumoso documento de 500 páginas (na versão brasileira), com Prefácio do diretor-geral da UNESCO e Prólogo do presidente da Comissão. O corpo do trabalho é articulado em torno de cinco partes:

- I Parte – Comunicação e sociedade
- II Parte – A Comunicação hoje
- III Parte – Problemática: preocupações comuns
- IV Parte – O contexto institucional e profissional
- V Parte – A Comunicação amanhã

Logo após o texto, tem-se três apêndices: 1) com *comentários gerais*; 2) com *notas*; e 3) com *Comissão Internacional de Estudos dos Problemas de Comunicação*.

Para que se compreenda melhor o material e os temas que constituem o Relatório, apresenta-se uma síntese de cada uma de suas partes, são elas:

2.2.1 Prefácio

No prefácio, o então diretor-geral, Amadou-Mahtar M'Bow, desperta para a importância da comunicação na integração dos povos:

A comunicação é a base essencial de toda sociabilidade. Onde quer que os homens tenham tido que estabelecer relações duradouras, a natureza das redes de comunicação que se instituíram entre eles, assim como as formas que tomaram e a eficácia que atingiram determinaram em grande medida as oportunidades de aproximação ou de integração comunitária, assim como as possibilidades de reduzir tensões ou resolver conflitos que surgiam. (1983: v)

Para M'Bow, falta uma “consciência real de solidariedade”, para que diminua a interdependência que está atrelada a desequilíbrios e graves desigualdades. Segundo o diretor-geral, os meios de informação podem contribuir para que se respeitem os homens e suas diferenças, onde as aspirações prevaleçam sobre o egoísmo, sendo necessário “promover a igualdade de oportunidades e a reciprocidade dos intercâmbios” (vi), com uma circulação mais equilibrada da informação.

M'Bow considera o relatório como a “primeira fase do esforço da comunidade internacional”, e que os problemas da comunicação não podem ser examinados a fundo em um único estudo; o trabalho da Comissão “deverá continuar e aprofundar”.

Ele conclui dizendo que, com o estabelecimento de uma nova ordem mundial da comunicação, cada indivíduo vai aprender com o seu próximo, entendendo sua própria realidade e a realidade à sua volta. “Quando isso for atingido, a humanidade terá dado um passo decisivo em direção à liberdade, à democracia e à solidariedade.” (ix)

2.2.2 Prólogo

O presidente da Comissão, Sean MacBride, inicia seu texto contando sobre o processo de criação do Relatório e das dificuldades do debate internacional sobre os problemas da comunicação na década de 70. Com o Terceiro Mundo “contra o afluxo dominante de notícias precedentes dos países industrializados como outros tantos ataques contra a livre circulação da informação” (1983: xi); e o Primeiro Mundo defendendo o sistema vigente.

MacBride, como o diretor-geral da UNESCO, também via nos meios de comunicação a possibilidade de resolução de grandes problemas mundiais. Resume, parafraseando H. G. Wells, dizendo que “a história humana é cada vez mais uma corrida que se aposta entre a comunicação e a catástrofe.” (xii)

Para o presidente, os 16 membros da Comissão foram amplamente representativos da diversidade ideológica, política, econômica e geográfica do mundo. Esperava que os estudos, que chamou de “embrionários”, fossem de alguma utilidade para os futuros rumos da comunicação. Defendia a Nova Ordem Mundial da Informação e da Comunicação como “um processo e não um conjunto de condições e de práticas”:

Os aspectos desse processo modificar-se-ão constantemente, ao passo que os objetivos continuarão a ser os mesmos: maior justiça, maior equidade, maior reciprocidade no intercâmbio de informação, menos dependência em relação às correntes de comunicação, menos difusão de mensagens em sentido descendente, maior ‘auto-suficiência’ e identidade cultural e maior número de vantagens para toda a humanidade. (1983: xiii).

Segundo MacBride, os princípios que regem o estabelecimento da “Nova Ordem” são consenso de toda a Comissão. Para ele, o Relatório resume a concepção que tem a Comissão da ordem atual da comunicação e de como prevê o seu futuro; e “se os futuros diálogos forem regidos por esse mesmo espírito de boa vontade, será possível construir uma nova ordem em benefício da humanidade”.

2.2.3 Parte I – Comunicação e Sociedade

Intitulada “Comunicação e Sociedade”, a primeira parte inicia abordando a dimensão histórica da comunicação, a sua importância e evolução na história da humanidade. “A comunicação mantém e anima a vida. Motor e expressão da atividade social (...) Fonte comum da qual se tiram idéias (...) A comunicação, que reúne o saber, a organização e o poder (...)” (1983: 3).

Aborda o passado, considerando que a faculdade de comunicar ergueu o homem acima das outras espécies, a história segundo o prisma da comunicação, do interpessoal aos mais modernos meios. Chegando aos dias atuais, as

possibilidades de comunicar existem em princípio, “mas são negadas ainda para a maioria da população do mundo”. (19).

Este é o ponto de partida de todo o estudo realizado pela Comissão Internacional. Estudar o desequilíbrio, a concentração e o controle da informação no mundo; a necessidade de novas políticas de comunicação e o papel do Estado, a quem cabe a regulamentação. No entanto, “certos governos não só permitem, mas ainda fomentam o desenvolvimento da comunicação de grupo (...)” (32), este é também um ponto importante das reflexões e constatações desta pesquisa a cerca da comunicação na América Latina.

A força econômica, a concentração da transmissão, do armazenamento e da utilização da informação “apresenta-se como um recurso capital que está chamando a desempenhar um papel crucial, comparável ao da energia e das matérias-primas” (37). Segundo o Relatório, o fluxo da comunicação é um elemento decisivo para a vida econômica. Por outro lado, “a dependência de caráter intelectual e cultural tem efeitos tão negativos quanto à dependência econômica” (55).

2.2.3.1 Fluxos comunicacionais

Um ponto culminante da Parte I é o debate sobre os *desequilíbrios* e as *desigualdades* da comunicação mundial. O tema tem atenção especial no próximo capítulo desta dissertação, em que se estuda especificamente os fluxos comunicacionais na América Latina.

A questão da “livre circulação da informação” é posta em cheque pelo Relatório, na verdade esta “liberdade” é uma “corrente de sentido único”, um fluxo unidimensional, desequilibrado e desigual.

Para exemplificar, cita-se aqui o caso da América Latina, foco da presente pesquisa. A região não tem a possibilidade de exportar livremente as notícias que julga serem relevantes, segue-se uma via de mão única. O continente é “livre” para as agências de notícias internacionais enviarem o material que quiserem, contudo, não o é para mandar para o mundo o que deseja. Só sai da região o que as agências acham e julgam importante, o que nem sempre condiz com a realidade ou é relevante ao interesse da população local.

(...) a imagem dos países em desenvolvimento refletida nos meios de comunicação social é muitas vezes falsa e deformada. Mas conforme

destacam veementemente certos críticos, o mais grave é que essa imagem falsa e deformada é a que, para seu próprio equilíbrio interno, apresenta-se aos próprios países em desenvolvimento.(MacBride, 1983: 60).

O que se vê fora e dentro das fronteiras, é que a imagem do continente, e dos países em desenvolvimento em geral, está sempre associada à violência, corrupção, prostituição, tráfico de drogas, crises, miséria, fome, contrabando. O Sul do globo é visto segundo o Norte:

(...) Frente a la dramática imagen que difunden los informativos, la publicidad ofrece otra cara de la moneda: un Sur idílico, de playas paradisíacas, con indígenas afables... Como sostiene el director *de Le Monde Diplomatique*, Ignacio Ramonet, 'el Sur siempre es un paraíso o un infierno, pero nunca un país normal, un pueblo normal'. El Sur es víctima de esta esquizofrenia que convierte su voz en silencio y su realidad en una película deformada por intereses político y comerciales. (CARAVANTES, 2003).

Reyes Matta em um estudo sobre a agência estadunidense UPI, mostra a magnitude dessa distorção e a pseudo-realidade que ela cria:

A UPI seleciona a informação da América Latina segundo critérios e interesses subordinados a uma estrutura de dominação; a UPI informa os latino-americanos sobre uma América Latina que não é aquela em que eles vivem, mas em que acabam acreditando graças à força de comunicação da agência.(*apud* BELTRÁN, 1982: 50).

Foi estudando a dimensão internacional destes problemas da comunicação, não só específicos da América Latina, mas do mundo como um todo, que despertou na Comissão Internacional a necessidade de analisar o “livre fluxo” e propor o fluxo equilibrado da informação.

Segundo o Relatório, a origem destes conceitos remonta à década de 50, mas foram claramente definidos na década de 70. “Nesse momento, o desequilíbrio das correntes de notícias e da informação entre os países industrializados e os em desenvolvimento tinha passado a ser um tema importante nas reuniões internacionais e um dos aspectos do debate sobre os problemas políticos e econômicos fundamentais do mundo atual”. (57)

Vê-se que os Estados detentores e referências mundiais do poder econômico aproveitam o seu avanço tecnológico para exercer “um efeito de dominação cultural e ideológica que age em detrimento da identidade nacional de outros países”. (60) Desta forma, “a imensa maioria dos países está reduzida ao estado de receptor passivo da informação emitida por um pequeno número de centros”. (61).

2.2.3.2 Funções da Comunicação

Segundo os membros da Comissão Internacional (1983: 21), as verdadeiras funções da comunicação são:

1. “*Informação*: coletar, armazenar, submeter a tratamento e difundir notícias, dados, fatos, opiniões, comentários e mensagens...;”

2. “*Socialização*: constituir um fundo comum de conhecimento e de idéias que permita a qualquer indivíduo integrar-se (...) para uma participação ativa na vida pública...;”.

3. “*Motivação*: (...) estimular as atividades individuais ou coletivas orientadas para a consecução de objetivos comuns;”.

4. “*Debate e diálogo*: apresentar e trocar os elementos de informação disponíveis para facilitar o acordo ou esclarecer pontos de vista sobre assuntos de interesse público...”.

5. “*Educação*: transmitir os conhecimentos que contribuam para o desenvolvimento (...) para a aquisição de conhecimentos e atitudes em todos os momentos da vida;”.

6. “*Promoção Cultural*: difundir as obras artísticas e culturais para preservar o patrimônio do passado, ampliar o horizonte e a cultura...;”.

7. “*Distração*: (...) difundir atividades recreativas, individuais e coletivas...;” e

8. “*Integração*: facilitar o acesso à diversidade de mensagens de que necessitam todas as pessoas, grupos ou nações, para se conhecerem e compreenderem mutuamente, e para entender as condições, os pontos de vista e as aspirações dos outros.” (21 – 22).

A primeira parte, encerra-se com o texto: “Uma tribuna aberta para o universal: A Unesco”, em que se relatam todos os debates internacionais sobre a comunicação no mundo, tendo como palco para discussão a UNESCO, o que levou à elaboração do Relatório MacBride.

2.2.4 Parte II – A Comunicação Hoje

A Parte II do Relatório MacBride primeiramente faz um estudo minucioso dos mais variados *Meios de Comunicação* de indivíduos, grupos ou de massas e a sua expansão. Discorre desde a comunicação interpessoal, considerando as barreiras lingüísticas, o problema do analfabetismo (suporte escrito), os correios, as telecomunicações, os satélites e a informática. “Cabe deduzir duas conclusões parciais do progresso constante dos meios de comunicação: em primeiro lugar, indica uma tendência provavelmente irreversível do desenvolvimento da comunicação; em segundo lugar, institui entre os diferentes meios de comunicação social algumas relações de interdependências mais que de competência”. (104). Termina este tópico fazendo um alerta aos países em desenvolvimento para que formulem “seus planos [de comunicação] sem demora” a fim de aproveitar as vantagens das novas tecnologias e adaptá-las às suas necessidades.

O segundo tópico trata do suporte, das *infra-estruturas* necessárias para acumular, transmitir e difundir as diversas mensagens. (110). Discute os seguintes itens:

- a) *Industrialização da coleta e do armazenamento das informações* (110);
- b) *O telefone amplia a cidade e traz nova vida ao campo* (114);
- c) *A marginalização de certos meios de comunicação social* (116);
- d) *A faixa ampla e suas promessas* (118);
- e) *A dupla cinema-televisão* (119);
- f) *A indústria cultural: entretenimento e animação* (122);
- g) *A informática combina quantidade e qualidade, mas facilita as tendências oligopolistas* (125).

Para a Comissão:

Dever-se-ia aplicar à tecnologia, no compasso dos seus progressos e em cada etapa do seu desenvolvimento, a seguinte regra essencial: colocar o progresso técnico a serviço de uma melhor compreensão entre os povos e da continuação da democratização em cada país, em vez de utilizá-la para fortalecer os interesses criados pelo poder estabelecido. (128).

No item *Integração e Diversificação*, destaca-se o que tange às agências de notícias, especificamente na circulação das informações. Segundo o Relatório, as grandes agências possuem uma ampla rede de coleta, tratamento e difusão, que trabalha de forma que a distribuição e a recepção de seu material seja “uma operação cotidiana e quase automática”. (136). Esta prática provoca dificuldades na circulação de notícias entre agências nacionais e regionais. O Relatório incentiva a criação de mais agências de notícias nacionais e regionais e que criem uma rede de intercâmbio de informações e uma cooperação sólida entre elas.

A *Concentração* é o próximo tema exposto na segunda parte. Para a Comissão, a comunicação possui um caráter muito capitalista, o que antes tinha um caráter mais artesanal, hoje é uma importante indústria. Os especialistas destacam os prós e os contras da industrialização midiática: a) a favor, o capital ajuda na produção e na distribuição mais ágil para todo o mundo, e também mais abundante, fomentando uma vida cultural mais diversificada e popularizada; b) contra, o acesso à informação pode ser desequilibrado e desigual, “entre o campo e a cidade ou entre um país e outro; a informação pode circular num sentido único, seu conteúdo ser parcial e medíocre e estar submetido a interesses ou realidades estrangeiras” (157).

“Em resumo, a indústria da comunicação é dominada por um número relativamente pequeno de empresas que englobam todos os aspectos da produção e da distribuição, situam-se nos principais países desenvolvidos e cujas atividades são transnacionais. A concentração e a transnacionalização são conseqüências, talvez inevitáveis, da interdependência das diversas tecnologias e dos diversos meios de comunicação (...)” (178).

Segundo a Comissão, para “salvaguardar a democracia interna e fortalecer a independência nacional” as políticas de comunicação dos países em desenvolvimento e nos desenvolvidos poderia restringir a concentração de recursos, o que pode ser de interesse público, além de formular “normas, diretrizes, ou um código de ética, relativo às atividades das empresas transnacionais, para velar para que não descuidem ou ponham em perigo os objetivos nacionais e os valores sócio-culturais dos países que as acolhem”. (179)

A Parte II traz ainda os tópicos *Interações e Disparidades* na comunicação. O primeiro aborda:

a) *Participação do indivíduo: passiva ou bilateral* (185);

-
- b) *A participação dos grupos e associações que criam e controlam os seus próprios meios de comunicação* (188);
 - c) *Comunicação e Comunidade* (190);
 - d) *Poderes e comunicação: informar a opinião, governá-la ou manipulá-la?* (191);
 - e) *Rumo a uma deontologia profissional?* (194);
 - f) *Empresas nacionais e transnacionais* (195);
 - g) *O Estado* (197)
 - h) *Organismos internacionais* (200).

E o segundo:

- a) *Disparidades em cada país* (204);
- b) *Disparates regionais* (206);
- c) *Disparates entre os países em desenvolvimento e os desenvolvidos* (212);
- d) *Desigualdades entre os países* (220);
- e) *Como reduzir as desigualdades* (222); respectivamente.

A conclusão da Parte II aponta para a necessidade de reduzir as disparidades da comunicação, nacional e internacional, demandando mudanças nas políticas nacionais de comunicação e na cooperação internacional. “Essa vontade implica que todos aceitem uma evolução baseada na independência na adoção de decisões, na diversidade entre as sociedades e na participação democrática”. (224).

2.2.5 Parte III – Problemática: preocupações comuns

Nesta parte do Relatório retoma-se a discussão sobre a circulação de informações, comentada na Parte I. De acordo com o Relatório, a melhoria nas condições dos intercâmbios de informação, o equilíbrio e a diversidade do conteúdo é o centro do debate sobre o problema da comunicação (225); sem dúvida o problema mais latente da comunicação social.

O primeiro tópico discutido, e que irá ter mais destaque nesta dissertação, é sobre os *Defeitos da circulação da Informação*: “Os conceitos de ‘liberdade de informação’, ‘livre circulação da informação’, ‘circulação equilibrada da informação’, ‘livre acesso aos meios de comunicação social’ e outros derivam logicamente do princípio fundamental da liberdade de expressão e de opinião”. (MacBride, 1983: 227). A Declaração Universal de Direitos Humanos diz que todo indivíduo tem direito

à liberdade de opinião e expressão, o direito de pesquisar, receber e difundir informações sem limitações de fronteiras. Todavia, não é o que se encontra nos mais diversos cantos do mundo. Na prática, a “livre circulação” redundou em benefício dos grandes veículos de comunicação (233).

Para obter-se uma comunicação verdadeiramente livre, “a circulação tem que ser de sentido duplo e não de sentido único” (234); uma comunicação Sul-Sul, Sul-Norte, Norte-Sul e Norte-Norte, não apenas Norte-Sul como se tem atualmente, uma circulação desequilibrada, vertical – de cima para baixo .

O Relatório cita o caso das Américas, em que a corrente de sentido único é bem evidente, “em que a posição dominante dos EUA na vida política e econômica da região tem reflexo fiel na importância que os meios de comunicação social da América Latina dão às notícias do referido país”. (239).

Como veremos no próximo capítulo desta dissertação, na engrenagem deste sistema não estão apenas as grandes agências de notícias internacionais, mas também, os grandes conglomerados de comunicação nos mais diversos países e os editores destes veículos.

Os países ricos que dominam a estrutura política e econômica dos países em desenvolvimento, refletem a mesma dominação na “corrente de informação de sentido único”, mas a Comissão ressalta, que a comunicação não é uma indústria como as outras, “afeta profundamente o contexto psicológico e social em que vivem os homens. Por conseguinte, o desequilíbrio quantitativo também é qualitativo: exerce influência sobre o espírito, que foi qualificada de ‘condicionamento.’” (243). Sem os elementos necessários para a compreensão dos fatos, os indivíduos não podem exercer os seus direitos de opinar e expressar.

Outro debate oportuno, levantado pelo Relatório, é sobre a *Democratização da Comunicação*. Para a Comissão, uma democratização autêntica da comunicação necessita:

- a) que o indivíduo passe a ser um elemento ativo, e não um simples objeto da comunicação;
- b) aumentar constantemente a variedade de mensagens intercambiadas;
- c) aumentar também o grau e a qualidade da representação social na comunicação ou na participação. (277)

A Parte III debate ainda as *Imagens do Mundo* - mostrando, entre outras coisas, o imaginário coletivo a respeito dos países e suas respectivas populações - e *O público e a opinião pública* – debatendo o significado semântico e a sua práxis.

2.2.6 Parte IV – O contexto institucional e profissional

Para a Comissão, é indispensável um “sólido contexto institucional” para poder utilizar com eficácia as políticas e o planejamento da comunicação, não esquecendo da conduta profissional, a ética, a missão, a função e os direitos e deveres dos profissionais.

Segundo o Relatório, o número de países que adotam políticas nacionais de comunicação está aumentando constantemente e deve ser fomentado, visto que estas políticas podem reduzir as “barreiras e desigualdades em cada sociedade e entre elas”. (344) Comenta ainda que essas políticas não devem ser universais, deve-se levar em conta a realidade política, econômica e social de cada país na formulação de suas próprias políticas de comunicação, com a participação das entidades que “encaram as forças vivas do próprio país” (352).

O Relatório alerta ainda que a falta de conhecimento sobre as obras de infraestrutura “é um dos problemas mais graves para a formulação de políticas de comunicação e planejamento” (355) e que a sua criação é uma “prioridade que nenhum país pode descuidar” (357), juntamente com a promoção da “invenção, produção e utilização de técnicas de comunicação” (358). Aconselha que “(...) os países em desenvolvimento deveriam tomar as medidas necessárias para conservar sua identidade nacional, proteger suas características culturais e evitar os riscos de dependência”. (362).

A quarta parte também fala: das *Contribuições do trabalho de pesquisa* em comunicação, com a evolução da pesquisa, as principais falhas e as necessidades e tendências de estudo; sobre *Os profissionais da Comunicação*; dos *Direitos e responsabilidades dos jornalistas*, como acesso à informação, regulamentação da profissão e proteção aos jornalistas; e das *Normas de conduta profissional*.

2.2.7 Parte V – A Comunicação Amanhã

A quinta e última parte é uma espécie de conclusão do Relatório da Comissão Internacional para o Estudo dos Problemas da Comunicação. É dividido em duas

partes: 1) *Conclusões e Sugestões*, com mais de 30 páginas, com as conclusões de cada tema estudado no Relatório; e 2) *Assuntos que convém estudar mais a fundo*, como se pode ver no início do próximo capítulo desta dissertação.

*

Após a Parte V, encontram-se os *Apêndices*, com comentários gerais de vários membros da Comissão, com definições e, por fim, a composição e a história do Relatório.

capítulo primeiro

DISCUSSÃO METODOLÓGICA

1. DISCUSSÃO METODOLÓGICA

1.1 Procedimento metodológico

Para alcançar os objetivos propostos pela pesquisa, realizou-se um levantamento de dados contínuo¹, a fim de obter o maior número de informações possíveis a respeito dos 33 países e 14 territórios da América Latina, da organização das suas mídias e de suas políticas de comunicação.

A coleta de dados foi realizada com apoio de pesquisas quantitativas, qualitativas e de entrevistas: análise de jornais, entrevistas com leitores e editores de internacional, leituras de documentos e fichamentos bibliográficos; buscando dados para realizar as tabelas que descrevem o fluxo comunicacional da América Latina e a possível atualidade do Relatório MacBride.

1.1.1 Da análise quantitativa e qualitativa

A análise dos jornais foi colhida através da leitura de 70 exemplares de 10 jornais latino-americanos² no período de uma semana. A análise foi dividida em duas: uma quantitativa, cujas variáveis mensuradas foram: editorias de internacional, espaço concedido à América Latina na editoria, procedência das notícias, (correspondentes, enviados especiais, agências ou outros) e quais países foram citados no período. A outra, qualitativa, para ver o modo como a América Latina está sendo representada e interpretada pela imprensa latino-americana, foram observadas três categorias: destaque³, alteridade⁴ e agendamento⁵. Devido à natureza das variáveis em estudo, as mesmas foram tabuladas e descritas por meio de tabelas, gráficos, freqüências, proporções e porcentagens.

Ao longo da realização da pesquisa (curso de graduação e mestrado), notou-se que o jornalismo impresso na América Latina, desde a Segunda Guerra Mundial, apresenta índices cada vez mais crescentes de concentração da informação nas mãos de poucos. Segundo o Relatório MacBride (1983:26), “Em certos casos, a uniformidade e a homogeneização das mensagens obedecem às exigências das leis do mercado (...) o poder de informar está concentrado nas mãos de uma minoria (...) que controla os instrumentos de comunicação.” Cada vez mais as redações não têm

serviços de captação de reportagem no exterior com editorias completas: com programadores visuais e infográficos, com repórteres especializados, com jornalistas aparelhados e bem pagos; com equipamentos e veículos de transporte em geral.

Percebeu-se, em termos quantitativos/qualitativos, que o espaço informacional no que se refere ao contexto do plano de expressão é preenchido por padrões estereotipados e, quanto ao plano de conteúdo, são utilizados serviços de agências de notícias – muito mais para denegrir; para entreter com tratamentos teratológicos e manter redações apenas operárias, do que para informar fatos e acontecimentos que realmente poderiam contribuir para um cotidiano mais sadio e consciente da população. Nota-se que as agências de notícias transnacionais são as principais fontes dos serviços de transmissão de informação da grande maioria dos jornais latino-americanos.

1.1.2 Das entrevistas

Para confrontar os dados recolhidos nos jornais buscou-se conhecer a opinião dos leitores, suas preferências de leitura, o seu conhecimento sobre as agências de notícias e o sistema internacional de circulação de informações, seus contatos e impressões. Realizou-se uma entrevista com mais de 140 pessoas em cinco países - Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai e Uruguai - o modelo do questionário aplicado encontra-se em anexo.

Também para confrontar opiniões e conhecer um pouco do imaginário profissional dos atuais operários da informação, foi-se conhecer de perto alguns editores de internacional de jornais latino-americanos, especialmente os editores dos principais jornais dos territórios do MERCOSUL.

1.2 Discussão teórica

Além da análise sistematizada do Relatório MacBride, que oferece o eixo norteador da dissertação, a investigação teve como ferramenta as suposições teóricas pós-1960. As exposições das interpretações adotadas não são uma teoria, mas “hipóteses”. Buscam-se categorias que permitam a coleta de dados mais próxima das experiências reais, de campo, imanentes à experiência do repórter, do corpo a corpo – uma *pesquisa social*. Partindo do princípio que todo jornalista e todo jornalismo é investigação científica, o profissional deve buscar ver e colher dados

com critérios que estabeleçam as relações entre observador e objeto. Como diz Immacolata Lopes:

O levantamento é um estudo eminentemente descritivo, com ênfase na coleta e sistematização de dados empíricos para utilização prática, enquanto a pesquisa social parte da fundamentação empírica dos dados para contribuir para o corpo do conhecimento teórico e metodológico de um dado campo de estudos, independentemente de sua utilização imediata. Esta é, a meu ver, a condição que deve reger a pesquisa acadêmica de Comunicação, pois somente através da elaboração interpretativa dos dados é que se pode atingir um padrão de trabalho científico no campo da Comunicação. Só esse padrão é capaz de coordenar organicamente teoria e prática, operações técnicas, metodológicas, teóricas e epistemológicas numa única experiência de investigação. (LOPES, 2004: 33)

Para estudar a forma em que se materializam os fluxos de comunicação no continente, em que os clichês gerados na e pela mídia acabam por refletir no dia-a-dia da nossa sociedade, tomam-se os conceitos da *agenda-setting* como a forma mais adequada para interpretar esses fenômenos.

1.2.1 Agendamento (Hipótese da *Agenda-setting*)

A cidade de Marília, localizada no oeste paulista, possui dois jornais diários, duas TVs e várias emissoras de rádios; todos os dias, nessa cidade de aproximadamente 200 mil habitantes, ocorrem vários fatos, muitos simultâneos, deles são geradas inúmeras notícias que preenchem as páginas de seus jornais e ocupam suas grades de TVs e as programações das rádios. Ao pensar-se em termos de Brasil, esse montante de fatos e notícias é infinitamente multiplicado, de esportes a acontecimentos de polícia, de cultura a economia, de saúde e educação a política. O que dizer então do volume de informações de um continente, no caso a América Latina?

Esse fluxo contínuo de informações gerado pela vida em sociedade é pautado pelos meios de comunicação. Entretanto, por maior que seja a pluralidade de acontecimentos, todos os periódicos, em linhas gerais, no que tange ao noticiário internacional, são parecidos; as notícias quase todos os dias são as mesmas, o que muda é o tempo e o espaço. Todavia, os temas e os assuntos circulam em um

mesmo eixo. Este é o *agendamento*, o *efeito enciclopédico* provocado pela mídia. A escolha do que é dito nos veículos de comunicação torna-se o assunto de conversa entre as pessoas, gerando uma *agenda* individual e/ou coletiva. Por exemplo:

Os meios de comunicação, embora não sejam capazes de impor o *que* pensar em relação a um determinado tema, como desejava a teoria hipodérmica, são capazes de, a médio e longo prazo, influenciar *sobre o que* pensar e falar, o que motiva o batismo desta hipótese de trabalho. Ou seja, dependendo dos assuntos que venham a ser abordados – agendados – pela mídia, o público termina, a médio e longo prazos, por incluí-los igualmente em suas preocupações. Assim, a *agenda* da mídia *termina por construir também na agenda individual e mesmo na agenda social*. (HOHLFELDT, 2000 :191).

Esta explicação ajuda a demonstrar que todas as vezes que uma Agência de Notícias Internacional elege uma notícia sobre produtos falsificados do Paraguai ou sobre guerrilheiros da FARC na Colômbia, a outra informação, ela está gerando um clichê⁶ que será associado à identidade daquele país e, com o tempo, cria-se o preconceito que assombra a América Latina. Existe, como também cita HOHLFELDT⁷, o *interagendamento*, em que um veículo influencia outro, o que é pautado por um é “copiado” pelo outro, seja ele jornal, rádio, TV ou *on-line*.

Não se pretende dizer que os fatos trágicos não aconteçam e que não devem ser noticiados, o que ocorre, e que se verificou com a pesquisa, é que as notícias que denigrem a região latino-americana são inúmeras vezes em maior número do que as que a enaltecem, comparadas a outras regiões do globo, como os Estados Unidos e a Europa por exemplo, resultando em uma distorção da realidade do continente.

A seguir serão destacados conceitos instrumentais que alicerçam todo o arcabouço do sistema de hipótese da *agenda-setting*. São os conceitos de *gatekeeper* (incorporado à figura do *gatekeeper*) e o conceito de “espiral do silêncio”, fenômeno equivalente ao que se chama de exclusão moral, pois cria-se um silêncio em torno de outros temas que poderiam ser incluídas na mídia. Veladamente, o cidadão, no mercado da informação, acaba comprando sub-informação.

1.2.2 Filtragem (Hipótese do *Gatekeeper*)

A passagem da informação por um “filtro”, retém partículas, fatos e separa, seleciona a informação, o produto que chega ao outro lado quase nunca é o mesmo que entrou.

(...) Há um indivíduo, ou um grupo, que tem o poder de decidir se deixa passar a informação ou se a bloqueia. (...).

Cerca de nove despachos de agências, em dez, são eliminados e só um em dez descobre o caminho para aparecer como notícia no jornal. (WOLF, 1995: 162).

Esse indivíduo, chamado *gatekeeper*, o selecionador das informações oriundas das Agências de Notícias, é o editor de internacional, um “fazedor” de notícias (*newsmaker*). O procedimento de seleção das notícias, até certo ponto, é compreensível, considerando o imenso caudal de informações despejadas todos os dias por essas agências nas redações.

O problema é a distorção causada pela filtragem, essa dá ao *gatekeeper* o privilégio de escolher o caráter paradigmático das informações: guerrilha à paz, fome ao crescimento agrícola, miséria ao desenvolvimento, desgraças a soluções... A seleção é feita sempre à distância dos fatos e dos povos e regiões latino-americanas. Estes editores igualmente possuem parcela no *agendamento* provocado e disseminado pelas grandes agências, pois quem publica e escolhe as notícias são eles, quem propaga os clichês também são eles. HOHFELDT traduz o *newsmaking – gatekeeping – como os fazedores de notícia ou a criação da notícia*. (2000: 204).

Observou-se, na pesquisa de campo, que o horizonte-limite do *gatekeeper*, do editor, é comprometido. Estes editores têm, também, a liberdade de eleger os países que saem em sua editoria; deste poder surgem os países “fantasmas” da América Latina, os que nunca aparecem nas páginas de jornais, principalmente os do Mar Caribe e os da América Central, salvo raras exceções.

É óbvio que os países são mais dependentes dos Estados Unidos e da Europa, que eles precisam mais da Bolsa de Valores de Nova Iorque e de Londres que as de Manágua ou de Tegucigalpa. No entanto, isso não justifica a exclusão de países no noticiário.

1.2.3 Espiral do Silêncio

A espiral é como um parafuso, ela leva o receptor a dar voltas em torno de um único centro (a informação hegemônica), não permitindo aos indivíduos liberdade de opinião e expressão, estes giram em torno de uma informação pré-estabelecida.

A hipótese da Espiral do Silêncio será utilizada para ressaltar que os indivíduos que têm opiniões divergentes das veiculadas nos meios de comunicação são enclausurados no silêncio; não possuem espaço para expor ou ver suas idéias; assim como também o são os costumes e as manifestações intelectuais e culturais. Como se pode observar nos estudos de Elizabeth Noelle-Neumann:

Elizabeth Noelle-Neumann parte do princípio de que os indivíduos buscam evitar o isolamento, levando-os a se associar às opiniões dominantes. Se tal associação representa um alto custo social, na defesa de um ponto de vista minoritário, os indivíduos tendem a recolher-se ao silêncio.

(...) A exposição de suas opiniões passa pelo crivo da apreciação feita da repartição das opiniões no interior do ambiente social; se a repartição das opiniões não corresponde à sua repartição afetiva, é sinal de que houve uma supervalorização ou subvalorização da opinião em questão; as opiniões dominantes no presente podem ser vistas em relevância no futuro; se a força do presente difere de uma outra em ascensão no futuro, é a previsão da situação futura que prevalecerá. (FERREIRA, 1995: 113-114).

A pesquisadora passou a intuir que a influência da mídia sobre o receptor não seria, portanto, assim tão tênue. Pelo contrário, o efeito de acumulação, levantado pela hipótese da agenda setting, poderia ter outros resultados: era bem mais forte a influência da mídia sobre o público do que poderia imaginar, ainda que não se quisesse cair na antiga perspectiva da teoria hipodérmica. Esta influência, ao contrário do que se disse nas últimas décadas, não se limitava apenas ao sobre o que pensar ou opinar, como afirmava a hipótese da agenda, mas também atingiria o que pensar ou dizer. (HOHLFELDT, 2000: 222).

Como mostra FERREIRA, ou o indivíduo se associa à classe dominante ou se recolhe ao silêncio. Quando as opiniões individuais não fazem parte das agendadas pelas agências e filtradas pelos veículos de comunicação, essas opiniões não passam pela aprovação e pela reflexão do crivo social, elas vêm a morrer. Apenas o que é dominante vai para o futuro, o que difere, perde-se no passado.

As opiniões contrárias a esse sistema pré-estabelecido (portanto, pautado por pré-conceitos) são minoritárias porque na América Latina o poder de pensar e agir é privilégio de poucos, apenas uma pequena elite decide a vida da grande maioria. Não são só as agências e os editores que controlam a região e os povos, considerável parte da elite latino-americana é corrompida e divulgadora dos setores financeiros (BELTRÁN, 1982: 38). Essas elites não querem se parecer latinas por julgarem a região estigmatizada pelas características de uma classificação terceiromundista, querem ter a imagem e fazer parte do hemisfério Norte, por isso não querem saber nada sobre o continente, criando a (falsa) imagem de que estão longe da América Latina.

Os poucos que pensam com responsabilidade social nesta região não têm espaço e são julgados utópicos, enclausurados em uma abóbada onde a classe dominante julga ser o seu lugar. Este é o ponto culminante desta hipótese para a pesquisa.

Com as pesquisas de opinião realizadas no Mercosul, viu-se que a população da região encontra-se isolada e sem informação, busca o conhecimento que não está nos veículos de comunicação de massa. Sente-se, no contato direto com os receptores, o desconforto diante da situação em que os receptores são forçados a conviver. Os entrevistados, principalmente os paraguaios, dizem que a realidade refletida no noticiário não é a que encontram em seu país.

*

As hipóteses da *agenda-setting*, *gatekeeper* e *espiral do silêncio*, servem para balizar as funções dos meios de comunicação - estudados no próximo capítulo, quanto se faz o estudo do relatório MacBride - como o jornalismo praticado no continente latino-americano, dando suporte a investigação e a interpretação dos dados.

Notas

¹ Desde a época da graduação em Jornalismo do pesquisador (2002), Monografia: *Comunicação Controlada: as Agências de Notícias na América Latina*.

² Sendo constituído pelos jornais/países relacionados a seguir:

ABC Color	Paraguai
A Tarde	Brasil – Nordeste (BA)
Clarín	Argentina
Correio Braziliense	Brasil – Centro-Oeste (DF)
Estadão do Norte	Brasil – Norte (RO)
Estado de Minas	Brasil – Sudeste (MG)
Folha de São Paulo	Brasil – Sudeste (SP)
O Estado de São Paulo	Brasil – Sudeste (SP)
O Globo	Brasil – Sudeste (RJ)
Zero Hora	Brasil – Sul (RS)

³ Destaque: nesse quesito levou-se em consideração o espaço dedicado à notícia e à sua posição na página – visto que uma notícia publicada em página ímpar e na parte superior tem maior evidência que outra em página par. Para qualificá-las as citações foram divididas em: Bom, Regular e Insuficiente, de acordo com seu destaque.

⁴ Alteridade: é o tratamento dado à informação; se ela é Favorável ou Desfavorável na realidade em que se insere. Aqui não se levou em consideração apenas se a notícia enaltece ou denigre a imagem dos povos e nações latino-americanas, viu-se também se ela possui argumentos para que se compreendam as circunstâncias reais em que ocorreu cada fato, sem distorções, portanto, Favorável. E a Desfavorável, não dá bases para capacidade de entendimento da situação em que a notícia está inserida, apenas sensacionalista, situações, muitas vezes isoladas, sem a preocupação com lastros; portanto superficiais.

Para o conceito de *alteridade* utiliza-se como base teórica a obra de TODOROV: *A conquista da América: a questão do Outro* (São Paulo: Martins Fontes, 1999).

⁵ Agendamento: é a preferência, a escolha dada a temas específicos, que passam a fazer parte da agenda dos indivíduos e de outros veículos de comunicação, gerando os clichês associados aos países e suas populações. Foram separados, nesse quesito, os fatos por assuntos e o número de vezes que apareceram.

⁶ Quem nunca presenciou e/ou fez uso de clichês associados aos países latino-americanos? Como diz um velho jargão europeu: o Sul sempre é um paraíso ou um inferno, mas nunca um lugar normal, com um povo normal. Abaixo os principais clichês que circulam no imaginário coletivo do continente, detectados de forma empírica no contato direto com os entrevistados:

Países	Clichês
Brasil	Carnaval, prostituição, futebol, violência, miséria.
Argentina	Tango, crise, futebol, miséria.
Paraguai	Miséria, drogas, contrabandistas.
Uruguai	Pequeno e insignificante.
Chile	Deserto, Cordilheira dos Andes, miséria.
Bolívia	Coca, índios, miséria.
Peru	Machu Picchu, índios, miséria, drogas.
Colômbia	Guerrilha, cartéis de drogas, miséria.
Venezuela	Petróleo, miséria
Equador	Pequeno e insignificante.
Guiana, Suriname e Guiana Francesa	Onde fica mesmo?
Panamá	Canal
Cuba	Comunismo, Fidel Castro
Nicarágua, Belize, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras	Tudo a mesma coisa: pobres e sem conteúdo, em algum lugar que não sei onde.
Caribe	Paraíso Fiscal, lugar muito bonito.

⁷ Obra já citada

capítulo segundo

“UM MUNDO E MUITAS VOZES”

*Relatório Final da Comissão Internacional para Estudo dos
Problemas da Comunicação (1980)*

2. “UM MUNDO E MUITAS VOZES”

2.1 Origem e missão

2.1.1 Antecedentes

Na década de 40, nos primeiros anos de existência da UNESCO e com a Declaração dos Direitos Humanos, os temas estudados na Comunicação Internacional eram relativos à liberdade de informação. Nos anos 50, a UNESCO manteve a mesma filosofia focada no direito da comunicação.

Apenas nos anos sessenta é que a estrutura da comunicação despertou interesse, com os primeiros estudos estatísticos sobre os meios de comunicação de massa. A partir destes trabalhos elaborou-se o que seria o paradigma dominante nos estudos de comunicação até a chegada do Relatório MacBride: “la teoría desarrollista o de la modernización, entre cuyos impulsores se cuentan los profesores estadounidenses Daniel Lerner y Wilbur Schramm.” (MORAGAS, 2005: 6). Na década de 1960, a UNESCO fomentou o estabelecimento de acordos relativos ao intercâmbio de informações e preparou projetos para a criação de agências de notícias com cooperações regionais. (MacBride, 1983: 63).

Na década de 1970, começou-se a questionar a disseminação das informações e as tecnologias dos países desenvolvidos e a sua repercussão no desenvolvimento dos países do Sul. Na 16ª reunião da Conferência Geral as delegações dos países em desenvolvimento alentaram a necessidade em se estudar a problemática da distribuição desigual dos meios de comunicação. Estas preocupações foram claramente marcadas na teoria da dependência (formuladas pelos latino-americanos Fernando Henrique Cardoso, Enzo Faletto e Celso Furtado), em que se acreditava que o modelo de comunicação “desarrollado” gerava dependência, e que o subdesenvolvimento da periferia era pré-requisito para o desenvolvimento do centro hegemônico (*ibid.*).

2.1.1.1 O conceito de *políticas de comunicação*

Em 1972, o pedido para a criação de políticas de comunicação foi reforçado com mais veemência e o diretor-geral autorizou promover pesquisas “em matéria de comunicação, sobretudo na sua aplicação à formulação das políticas de comunicação e à elaboração de estratégias e planos nacionais de comunicação, a serviço do desenvolvimento (MacBride, 1983: 64). Na 18ª reunião (1974), recomendou-se à Organização na América Latina que realizasse uma conferência intergovernamental sobre políticas de comunicação.

Nunca antes en la historia de las relaciones internacionales había llegado la comunicación a ser causa de una confrontación entre los países desarrollados y los países subdesarrollados como la muy grave que ocurrió, a escala mundial, en la década de 1970. En ese año la Conferencia General de la UNESCO reconoció por primera vez que era necesario formular y aplicar ‘políticas nacionales de comunicación’ para normar el desarrollo de este campo de actividad. (BELTRÁN, 2005: 31).

Em julho de 1976, é realizada a primeira conferência sobre políticas de comunicação, em San José, Costa Rica.

O tema provocou discussões acirradas, por um lado os que defendiam o fluxo equilibrado da informação e por outro, os que temiam o controle e a censura da informação sob pretexto de corrigir o desequilíbrio. Desta forma, na 19ª reunião realizada em Nairóbi (1976), “observou-se que a única solução realista consistia em prosseguir o debate e adiar qualquer decisão.” (MacBride, 1983: 66).

“Depois de longo debate foi aceito, de modo geral, que cabia dar máxima prioridade às medidas destinadas a reduzir as desigualdades existentes em matéria de informação (...) e estabelecer uma circulação internacional da informação mais livre e equilibrada (....) (MacBride, 1983: 481). Assim, o diretor-geral da UNESCO, o senegalês Amadou-Mahtar M’Bow, decidiu encomendar uma Comissão Internacional para estudar os principais problemas da comunicação no mundo¹.

Para MATTELART (2005: 53), os anos setenta deram voz aos que até então eram descartados dos semicírculos internacionais, fizeram escutar suas opiniões sobre a ordem do mundo, tanto no nível econômico como comunicacional. Foi a “primera vez que un documento, legitimado desde una institución del sistema de las

Naciones Unidas, confiere visibilidad a los desequilibrios estructurales en el campo de la comunicación y, al mismo tiempo, propone algunas pistas para subsanarlos.”

2.1.2 A Comissão Internacional para o Estudo dos Problemas da Comunicação

2.1.2.1 Missão

A Comissão foi constituída em dezembro de 1977, sua missão também foi definida pelo diretor-geral, são quatro diretrizes gerais para estudo:

- a) estudar a situação atual em matéria de comunicação e informação e determinar quais são os problemas que requerem uma ação nova no plano nacional e um enfoque global e coeso no internacional. Ao analisar o estado da comunicação no mundo atual, e em particular a totalidade dos problemas da informação, deverá levar em conta a diversidade das condições sócio-econômicas, dos níveis e dos tipos de desenvolvimento;
- b) dedicar atenção especial aos problemas relativos à circulação livre e equilibrada da informação no mundo, assim como às necessidades específicas dos países em desenvolvimento, em conformidade com as decisões da Conferência Geral;
- c) analisar os problemas da comunicação, nos seus diversos aspectos, em relação às perspectivas do estabelecimento de uma nova ordem econômica internacional, e das iniciativas pertinentes para facilitar a instauração de uma ‘nova ordem mundial da informação’;
- d) definir o papel que poderia desempenhar a comunicação para conseguir com que a opinião pública chegasse a perceber claramente os grandes problemas que se colocam para o mundo, sensibilizá-la quanto a esses problemas e contribuir para resolvê-los progressivamente, mediante uma ação coesa, nos planos nacional e internacional. (MacBride, 1983: 68).

2.1.2.2 Composição

A designação dos membros da Comissão Internacional cingiu-se tanto à exigência do pluralismo quanto ao imperativo da unidade e da homogeneidade. Levou-se em conta a necessidade de congregar pessoas dotadas da competência e da experiência necessárias, e representativas das correntes de pensamento, das tendências intelectuais e das tradições culturais que se manifestam nas grandes

regiões do mundo, assim como da diversidade dos sistemas econômicos e sociais. (MacBride, 1983: 482).

2.1.2.3 Presidente²

O diretor-geral elegeu Sean MacBride³ (Irlanda) para presidir a Comissão; jornalista, jurista e político. Presidente da Agência Internacional da Paz; ex-ministro de Assuntos Exteriores; membro fundador da Anistia Internacional; comissionado das Nações Unidas para a Namíbia; Prêmio Nobel e Prêmio Lênin da Paz

2.1.2.4 Membros⁴

África:

Elebe Ma Ekonzo (Zaire⁵), jornalista e diretor-geral da Agência Zaire-Press.

Mustapha Masmoudi (Tunísia), delegado permanente da Tunísia na UNESCO; ex-secretário de Estado encarregado da Informação; presidente do Conselho Intergovernamental de Coordenação e Informação dos Países Não Alinhados.

Fred Issac Akporuaro Omu (Nigéria), professor de pesquisa da Universidade de Benin e ex-comissário de Informação, Desenvolvimento Social e Esportes do Estado de Bendel.

Gamal El Oteifi (Egito), ex-ministro da Informação e Cultura; professor honorário da Universidade do Cairo; jornalista, jurista e assessor jurídico.

América Latina:

*Gabriel García Márquez*⁶ (Colômbia), jornalista e escritor.

Juan Somavia (Chile), diretor executivo do Instituto Latino-Americano de Estudos Internacionais.

América do Norte:

Alie Abel (Estados Unidos), jornalista e especialista profissional de radiodifusão; professor de Comunicação da Stanford University.

Betty Zimmerman (Canadá), especialista em radiodifusão e diretor da *Rádio Canadá Internacional*.

Ásia:

Michio Nagai (Japão), jornalista e sociólogo; ex-ministro da Educação; editor do jornal *Assahi Shimbun*.

Sergei Losen (URSS), diretor-geral da *Tass*

Mochtar Lubis (Indonésia), jornalista e presidente da Fundação Asiática de Imprensa.

Boobli George Verghese (Índia), jornalista e *fellow* da *Gandhi Peace Foundation*.

Europa:

Bogdan Osolnik (Iugoslávia), jornalista, político e membro da Assembléia Nacional.

Hubert Beuve-Méry (França), jornalista fundador do jornal *Le Monde*; presidente do Centro de Formação e Aperfeiçoamento dos Jornalistas, Paris.

Johannes Pieter Pronk (Holanda), economista e político.

2.1.2.1 O trabalho da Comissão

Segundo o próprio Relatório, a Comissão teve plena autonomia intelectual e liberdade para desenvolver as atividades bem como redigir o seu trabalho final. O tempo para o estudo foi curto, porém intenso.

A primeira reunião ocorreu em dezembro de 1977 e a última em novembro de 1979, neste período ocorreram oito reuniões, totalizando 42 dias de trabalhos. Destas, quatro reuniões ocorreram na sede da UNESCO, em Paris, e as outras na Suécia (abril de 1978), na Iugoslávia (janeiro de 1979), na Índia (março de 1979) e, a última, fora da França, na América Latina, México (junho de 1979).

Paralelamente às reuniões realizadas fora da sede da UNESCO, “os governos de diversos países organizavam mesas-redondas dedicadas a temas

gerais de especial importância sobre as relações entre comunicação, a sociedade, o desenvolvimento, a tecnologia e a cultura”. (MacBride, 1983: 483). Durante os trabalhos os membros da Comissão também participaram de numerosas conferências, reuniões, colóquios e grupos de debate feitos por organizações internacionais, regionais e nacionais.

O trabalho da Comissão foi enriquecido pela contribuição adicional constituída por uma série de estudos e monografias sobre aspectos concretos da comunicação, preparados por especialistas de diferentes regiões do mundo. (...) [para conhecer a lista completa dos documentos usados pela Comissão, cheque as páginas 484-490 da versão brasileira] Analogamente, dezenas de instituições internacionais, regionais e nacionais – centros de pesquisa e documentação, escolas de jornalismo, universidades, associações profissionais e instituições similares – facilitaram generosamente à Comissão um grande número de testemunhos, sínteses de trabalhos de pesquisas, documentos especializados e comentários analíticos. (MacBride, 1983: 484).

Antes da publicação final, a Comissão fez um “Relatório Provisório” apresentado na 20ª Reunião Geral da UNESCO, enviado para mais de 7 mil pessoas, cujos comentários foram aproveitados para a construção da versão final.

2.1.2.2 A Publicação do Relatório

Em fevereiro de 1980, encerram-se os trabalhos e o presidente da Comissão, Sean MacBride, entregou o “Relatório Definitivo” ao diretor-geral da UNESCO, Amadou-Mahtar M’Bow.

Em 12 de maio de 1980, publicou-se o relatório, apresentado na 21ª Reunião Geral da UNESCO celebrada em Belgrado:

Este relatório não ficará apenas à disposição das autoridades responsáveis pela comunicação ou das instituições interessadas no seu desenvolvimento, mas também dos dirigentes e pesquisadores de todas as disciplinas, das organizações não-governamentais e intergovernamentais, assim como do público de todos os países. Primeiramente será publicado nas línguas de trabalho das instâncias deliberadoras da UNESCO, a saber: árabe, chinês, espanhol, francês, inglês e russo. Tratemos de fomentar, na medida do possível, a sua publicação em outras línguas⁷. (Amadou-Mahtar M’Bow, prefácio do Relatório – 1983: viii)

A versão brasileira foi publicada pela editora da Fundação Getúlio Vargas em 1983, com tradução de Eliane Zagury. Sob o título: “Um mundo e muitas vozes: comunicação e informação na nossa época”, do original: “Voix multiples, un seul monde”.

2.2O Relatório

O Relatório MacBride é um volumoso documento de 500 páginas (na versão brasileira), com Prefácio do diretor-geral da UNESCO e Prólogo do presidente da Comissão. O corpo do trabalho é articulado em torno de cinco partes:

- I Parte – Comunicação e sociedade
- II Parte – A Comunicação hoje
- III Parte – Problemática: preocupações comuns
- IV Parte – O contexto institucional e profissional
- V Parte – A Comunicação amanhã

Logo após o texto, tem-se três apêndices: 1) com *comentários gerais*; 2) com *notas*; e 3) com *Comissão Internacional de Estudos dos Problemas de Comunicação*.

Para que se compreenda melhor o material e os temas que constituem o Relatório, apresenta-se uma síntese de cada uma de suas partes, são elas:

2.2.1 Prefácio

No prefácio, o então diretor-geral, Amadou-Mahtar M’Bow, desperta para a importância da comunicação na integração dos povos:

A comunicação é a base essencial de toda sociabilidade. Onde quer que os homens tenham tido que estabelecer relações duradouras, a natureza das redes de comunicação que se instituíram entre eles, assim como as formas que tomaram e a eficácia que atingiram determinaram em grande medida as oportunidades de aproximação ou de integração comunitária, assim como as possibilidades de reduzir tensões ou resolver conflitos que surgiam. (1983: v)

Para M’Bow, falta uma “consciência real de solidariedade”, para que diminua a interdependência que está atrelada a desequilíbrios e graves desigualdades.

Segundo o diretor-geral, os meios de informação podem contribuir para que se respeitem os homens e suas diferenças, onde as aspirações prevaleçam sobre o egoísmo, sendo necessário “promover a igualdade de oportunidades e a reciprocidade dos intercâmbios” (vi), com uma circulação mais equilibrada da informação.

M’Bow considera o relatório como a “primeira fase do esforço da comunidade internacional”, e que os problemas da comunicação não podem ser examinados a fundo em um único estudo; o trabalho da Comissão “deverá continuar e aprofundar”.

Ele conclui dizendo que, com o estabelecimento de uma nova ordem mundial da comunicação, cada indivíduo vai aprender com o seu próximo, entendendo sua própria realidade e a realidade à sua volta. “Quando isso for atingido, a humanidade terá dado um passo decisivo em direção à liberdade, à democracia e à solidariedade.” (ix)

2.2.2 Prólogo

O presidente da Comissão, Sean MacBride, inicia seu texto contando sobre o processo de criação do Relatório e das dificuldades do debate internacional sobre os problemas da comunicação na década de 70. Com o Terceiro Mundo “contra o afluxo dominante de notícias precedentes dos países industrializados como outros tantos ataques contra a livre circulação da informação” (1983: xi); e o Primeiro Mundo defendendo o sistema vigente.

MacBride, como o diretor-geral da UNESCO, também via nos meios de comunicação a possibilidade de resolução de grandes problemas mundiais. Resume, parafrazeando H. G. Wells, dizendo que “a história humana é cada vez mais uma corrida que se aposta entre a comunicação e a catástrofe.” (xii)

Para o presidente, os 16 membros da Comissão foram amplamente representativos da diversidade ideológica, política, econômica e geográfica do mundo. Esperava que os estudos, que chamou de “embrionários”, fossem de alguma utilidade para os futuros rumos da comunicação. Defendia a Nova Ordem Mundial da Informação e da Comunicação como “um processo e não um conjunto de condições e de práticas”:

Os aspectos desse processo modificar-se-ão constantemente, ao passo que os objetivos continuarão a ser os mesmos: maior justiça, maior equidade, maior reciprocidade no intercâmbio de informação,

menos dependência em relação às correntes de comunicação, menos difusão de mensagens em sentido descendente, maior 'auto-suficiência' e identidade cultural e maior número de vantagens para toda a humanidade. (1983: xiii).

Segundo MacBride, os princípios que regem o estabelecimento da “Nova Ordem” são consenso de toda a Comissão. Para ele, o Relatório resume a concepção que tem a Comissão da ordem atual da comunicação e de como prevê o seu futuro; e “se os futuros diálogos forem regidos por esse mesmo espírito de boa vontade, será possível construir uma nova ordem em benefício da humanidade”.

2.2.3 Parte I – Comunicação e Sociedade

Intitulada “Comunicação e Sociedade”, a primeira parte inicia abordando a dimensão histórica da comunicação, a sua importância e evolução na história da humanidade. “A comunicação mantém e anima a vida. Motor e expressão da atividade social (...) Fonte comum da qual se tiram idéias (...) A comunicação, que reúne o saber, a organização e o poder (...)” (1983: 3).

Aborda o passado, considerando que a faculdade de comunicar ergueu o homem acima das outras espécies, a história segundo o prisma da comunicação, do interpessoal aos mais modernos meios. Chegando aos dias atuais, as possibilidades de comunicar existem em princípio, “mas são negadas ainda para a maioria da população do mundo”. (19).

Este é o ponto de partida de todo o estudo realizado pela Comissão Internacional. Estudar o desequilíbrio, a concentração e o controle da informação no mundo; a necessidade de novas políticas de comunicação e o papel do Estado, a quem cabe a regulamentação. No entanto, “certos governos não só permitem, mas ainda fomentam o desenvolvimento da comunicação de grupo (...)” (32), este é também um ponto importante das reflexões e constatações desta pesquisa a cerca da comunicação na América Latina.

A força econômica, a concentração da transmissão, do armazenamento e da utilização da informação “apresenta-se como um recurso capital que está chamando a desempenhar um papel crucial, comparável ao da energia e das matérias-primas” (37). Segundo o Relatório, o fluxo da comunicação é um elemento decisivo para a

vida econômica. Por outro lado, “a dependência de caráter intelectual e cultural tem efeitos tão negativos quanto à dependência econômica” (55).

2.2.3.1 Fluxos comunicacionais

Um ponto culminante da Parte I é o debate sobre os *desequilíbrios* e as *desigualdades* da comunicação mundial. O tema tem atenção especial no próximo capítulo desta dissertação, em que se estuda especificamente os fluxos comunicacionais na América Latina.

A questão da “livre circulação da informação” é posta em cheque pelo Relatório, na verdade esta “liberdade” é uma “corrente de sentido único”, um fluxo unidimensional, desequilibrado e desigual.

Para exemplificar, cita-se aqui o caso da América Latina, foco da presente pesquisa. A região não tem a possibilidade de exportar livremente as notícias que julga serem relevantes, segue-se uma via de mão única. O continente é “livre” para as agências de notícias internacionais enviarem o material que quiserem, contudo, não o é para mandar para o mundo o que deseja. Só sai da região o que as agências acham e julgam importante, o que nem sempre condiz com a realidade ou é relevante ao interesse da população local.

(...) a imagem dos países em desenvolvimento refletida nos meios de comunicação social é muitas vezes falsa e deformada. Mas conforme destacam veementemente certos críticos, o mais grave é que essa imagem falsa e deformada é a que, para seu próprio equilíbrio interno, apresenta-se aos próprios países em desenvolvimento. (MacBride, 1983: 60).

O que se vê fora e dentro das fronteiras, é que a imagem do continente, e dos países em desenvolvimento em geral, está sempre associada à violência, corrupção, prostituição, tráfico de drogas, crises, miséria, fome, contrabando. O Sul do globo é visto segundo o Norte:

(...) Frente a la dramática imagen que difunden los informativos, la publicidad ofrece otra cara de la moneda: un Sur idílico, de playas paradisíacas, con indígenas afables... Como sostiene el director de *Le Monde Diplomatique*, Ignacio Ramonet, ‘el Sur siempre es un paraíso o un infierno, pero nunca un país normal, un pueblo normal’. El Sur es víctima de esta esquizofrenia que convierte su voz en silencio y su realidad en una película deformada por intereses político y comerciales. (CARAVANTES, 2003).

Reyes Matta em um estudo sobre a agência estadunidense UPI, mostra a magnitude dessa distorção e a pseudo-realidade que ela cria:

A UPI seleciona a informação da América Latina segundo critérios e interesses subordinados a uma estrutura de dominação; a UPI informa os latino-americanos sobre uma América Latina que não é aquela em que eles vivem, mas em que acabam acreditando graças à força de comunicação da agência. (*apud* BELTRÁN, 1982: 50).

Foi estudando a dimensão internacional destes problemas da comunicação, não só específicos da América Latina, mas do mundo como um todo, que despertou na Comissão Internacional a necessidade de analisar o “livre fluxo” e propor o fluxo equilibrado da informação.

Segundo o Relatório, a origem destes conceitos remonta à década de 50, mas foram claramente definidos na década de 70. “Nesse momento, o desequilíbrio das correntes de notícias e da informação entre os países industrializados e os em desenvolvimento tinha passado a ser um tema importante nas reuniões internacionais e um dos aspectos do debate sobre os problemas políticos e econômicos fundamentais do mundo atual”. (57)

Vê-se que os Estados detentores e referências mundiais do poder econômico aproveitam o seu avanço tecnológico para exercer “um efeito de dominação cultural e ideológica que age em detrimento da identidade nacional de outros países”. (60) Desta forma, “a imensa maioria dos países está reduzida ao estado de receptor passivo da informação emitida por um pequeno número de centros”. (61).

2.2.3.2 Funções da Comunicação

Segundo os membros da Comissão Internacional (1983: 21), as verdadeiras funções da comunicação são:

1. “*Informação*: coletar, armazenar, submeter a tratamento e difundir notícias, dados, fatos, opiniões, comentários e mensagens...;”
2. “*Socialização*: constituir um fundo comum de conhecimento e de idéias que permita a qualquer indivíduo integrar-se (...) para uma participação ativa na vida pública...;”

3. “*Motivação*: (...) estimular as atividades individuais ou coletivas orientadas para a consecução de objetivos comuns;”.

4. “*Debate e diálogo*: apresentar e trocar os elementos de informação disponíveis para facilitar o acordo ou esclarecer pontos de vista sobre assuntos de interesse público...”.

5. “*Educação*: transmitir os conhecimentos que contribuam para o desenvolvimento (...) para a aquisição de conhecimentos e atitudes em todos os momentos da vida;”.

6. “*Promoção Cultural*: difundir as obras artísticas e culturais para preservar o patrimônio do passado, ampliar o horizonte e a cultura...;”.

7. “*Distração*: (...) difundir atividades recreativas, individuais e coletivas...;” e

8. “*Integração*: facilitar o acesso à diversidade de mensagens de que necessitam todas as pessoas, grupos ou nações, para se conhecerem e compreenderem mutuamente, e para entender as condições, os pontos de vista e as aspirações dos outros.” (21 – 22).

A primeira parte, encerra-se com o texto: “Uma tribuna aberta para o universal: A Unesco”, em que se relatam todos os debates internacionais sobre a comunicação no mundo, tendo como palco para discussão a UNESCO, o que levou à elaboração do Relatório MacBride.

2.2.4 Parte II – A Comunicação Hoje

A Parte II do Relatório MacBride primeiramente faz um estudo minucioso dos mais variados *Meios de Comunicação* de indivíduos, grupos ou de massas e a sua expansão. Discorre desde a comunicação interpessoal, considerando as barreiras lingüísticas, o problema do analfabetismo (suporte escrito), os correios, as telecomunicações, os satélites e a informática. “Cabe deduzir duas conclusões parciais do progresso constante dos meios de comunicação: em primeiro lugar, indica uma tendência provavelmente irreversível do desenvolvimento da comunicação; em segundo lugar, institui entre os diferentes meios de comunicação social algumas relações de interdependências mais que de competência”. (104). Termina este tópico fazendo um alerta aos países em desenvolvimento para que formulem “seus planos [de comunicação] sem demora” a fim de aproveitar as vantagens das novas tecnologias e adaptá-las às suas necessidades.

O segundo tópico trata do suporte, das *infra-estruturas* necessárias para acumular, transmitir e difundir as diversas mensagens. (110). Discute os seguintes itens:

- a) *Industrialização da coleta e do armazenamento das informações* (110);
- b) *O telefone amplia a cidade e traz nova vida ao campo* (114);
- c) *A marginalização de certos meios de comunicação social* (116);
- d) *A faixa ampla e suas promessas* (118);
- e) *A dupla cinema-televisão* (119);
- f) *A indústria cultural: entretenimento e animação* (122);
- g) *A informática combina quantidade e qualidade, mas facilita as tendências oligopolistas* (125).

Para a Comissão:

Dever-se-ia aplicar à tecnologia, no compasso dos seus progressos e em cada etapa do seu desenvolvimento, a seguinte regra essencial: colocar o progresso técnico a serviço de uma melhor compreensão entre os povos e da continuação da democratização em cada país, em vez de utilizá-la para fortalecer os interesses criados pelo poder estabelecido. (128).

No item *Integração e Diversificação*, destaca-se o que tange às agências de notícias, especificamente na circulação das informações. Segundo o Relatório, as grandes agências possuem uma ampla rede de coleta, tratamento e difusão, que trabalha de forma que a distribuição e a recepção de seu material seja “uma operação cotidiana e quase automática”. (136). Esta prática provoca dificuldades na circulação de notícias entre agências nacionais e regionais. O Relatório incentiva a criação de mais agências de notícias nacionais e regionais e que criem uma rede de intercâmbio de informações e uma cooperação sólida entre elas.

A *Concentração* é o próximo tema exposto na segunda parte. Para a Comissão, a comunicação possui um caráter muito capitalista, o que antes tinha um caráter mais artesanal, hoje é uma importante indústria. Os especialistas destacam os prós e os contras da industrialização midiática: a) a favor, o capital ajuda na produção e na distribuição mais ágil para todo o mundo, e também mais abundante, fomentando uma vida cultural mais diversificada e popularizada; b) contra, o acesso à informação pode ser desequilibrado e desigual, “entre o campo e a cidade ou entre

um país e outro; a informação pode circular num sentido único, seu conteúdo ser parcial e medíocre e estar submetido a interesses ou realidades estrangeiras” (157).

“Em resumo, a indústria da comunicação é dominada por um número relativamente pequeno de empresas que englobam todos os aspectos da produção e da distribuição, situam-se nos principais países desenvolvidos e cujas atividades são transnacionais. A concentração e a transnacionalização são conseqüências, talvez inevitáveis, da interdependência das diversas tecnologias e dos diversos meios de comunicação (...)” (178).

Segundo a Comissão, para “salvaguardar a democracia interna e fortalecer a independência nacional” as políticas de comunicação dos países em desenvolvimento e nos desenvolvidos poderia restringir a concentração de recursos, o que pode ser de interesse público, além de formular “normas, diretrizes, ou um código de ética, relativo às atividades das empresas transnacionais, para velar para que não descuidem ou ponham em perigo os objetivos nacionais e os valores sócio-culturais dos países que as acolhem”. (179)

A Parte II traz ainda os tópicos *Interações e Disparidades* na comunicação. O primeiro aborda:

- a) *Participação do indivíduo: passiva ou bilateral* (185);
- b) *A participação dos grupos e associações que criam e controlam os seus próprios meios de comunicação* (188);
- c) *Comunicação e Comunidade* (190);
- d) *Poderes e comunicação: informar a opinião, governá-la ou manipulá-la?* (191);
- e) *Rumo a uma deontologia profissional?* (194);
- f) *Empresas nacionais e transnacionais* (195);
- g) *O Estado* (197)
- h) *Organismos internacionais* (200).

E o segundo:

- a) *Disparidades em cada país* (204);
- b) *Disparates regionais* (206);
- c) *Disparates entre os países em desenvolvimento e os desenvolvidos* (212);
- d) *Desigualdades entre os países* (220);
- e) *Como reduzir as desigualdades* (222); respectivamente.

A conclusão da Parte II aponta para a necessidade de reduzir as disparidades da comunicação, nacional e internacional, demandando mudanças nas políticas nacionais de comunicação e na cooperação internacional. “Essa vontade implica que todos aceitem uma evolução baseada na independência na adoção de decisões, na diversidade entre as sociedades e na participação democrática”. (224).

2.2.5 Parte III – Problemática: preocupações comuns

Nesta parte do Relatório retoma-se a discussão sobre a circulação de informações, comentada na Parte I. De acordo com o Relatório, a melhoria nas condições dos intercâmbios de informação, o equilíbrio e a diversidade do conteúdo é o centro do debate sobre o problema da comunicação (225); sem dúvida o problema mais latente da comunicação social.

O primeiro tópico discutido, e que irá ter mais destaque nesta dissertação, é sobre os *Defeitos da circulação da Informação*: “Os conceitos de ‘liberdade de informação’, ‘livre circulação da informação’, ‘circulação equilibrada da informação’, ‘livre acesso aos meios de comunicação social’ e outros derivam logicamente do princípio fundamental da liberdade de expressão e de opinião”. (MacBride, 1983: 227). A Declaração Universal de Direitos Humanos diz que todo indivíduo tem direito à liberdade de opinião e expressão, o direito de pesquisar, receber e difundir informações sem limitações de fronteiras. Todavia, não é o que se encontra nos mais diversos cantos do mundo. Na prática, a “livre circulação” redundou em benefício dos grandes veículos de comunicação (233).

Para obter-se uma comunicação verdadeiramente livre, “a circulação tem que ser de sentido duplo e não de sentido único” (234); uma comunicação Sul-Sul, Sul-Norte, Norte-Sul e Norte-Norte, não apenas Norte-Sul como se tem atualmente, uma circulação desequilibrada, vertical – de cima para baixo .

O Relatório cita o caso das Américas, em que a corrente de sentido único é bem evidente, “em que a posição dominante dos EUA na vida política e econômica da região tem reflexo fiel na importância que os meios de comunicação social da América Latina dão às notícias do referido país”. (239).

Como veremos no próximo capítulo desta dissertação, na engrenagem deste sistema não estão apenas as grandes agências de notícias internacionais, mas

também, os grandes conglomerados de comunicação nos mais diversos países e os editores destes veículos.

Os países ricos que dominam a estrutura política e econômica dos países em desenvolvimento, refletem a mesma dominação na “corrente de informação de sentido único”, mas a Comissão ressalta, que a comunicação não é uma indústria como as outras, “afeta profundamente o contexto psicológico e social em que vivem os homens. Por conseguinte, o desequilíbrio quantitativo também é qualitativo: exerce influência sobre o espírito, que foi qualificada de ‘condicionamento.’” (243). Sem os elementos necessários para a compreensão dos fatos, os indivíduos não podem exercer os seus direitos de opinar e expressar.

Outro debate oportuno, levantado pelo Relatório, é sobre a *Democratização da Comunicação*. Para a Comissão, uma democratização autêntica da comunicação necessita:

- a) que o indivíduo passe a ser um elemento ativo, e não um simples objeto da comunicação;
- b) aumentar constantemente a variedade de mensagens intercambiadas;
- c) aumentar também o grau e a qualidade da representação social na comunicação ou na participação. (277)

A Parte III debate ainda as *Imagens do Mundo* - mostrando, entre outras coisas, o imaginário coletivo a respeito dos países e suas respectivas populações - e *O público e a opinião pública* – debatendo o significado semântico e a sua práxis.

2.2.6 Parte IV – O contexto institucional e profissional

Para a Comissão, é indispensável um “sólido contexto institucional” para poder utilizar com eficácia as políticas e o planejamento da comunicação, não esquecendo da conduta profissional, a ética, a missão, a função e os direitos e deveres dos profissionais.

Segundo o Relatório, o número de países que adotam políticas nacionais de comunicação está aumentando constantemente e deve ser fomentado, visto que estas políticas podem reduzir as “barreiras e desigualdades em cada sociedade e entre elas”. (344) Comenta ainda que essas políticas não devem ser universais, deve-se levar em conta a realidade política, econômica e social de cada país na

formulação de suas próprias políticas de comunicação, com a participação das entidades que “encaram as forças vivas do próprio país” (352).

O Relatório alerta ainda que a falta de conhecimento sobre as obras de infraestrutura “é um dos problemas mais graves para a formulação de políticas de comunicação e planejamento” (355) e que a sua criação é uma “prioridade que nenhum país pode descuidar” (357), juntamente com a promoção da “invenção, produção e utilização de técnicas de comunicação” (358). Aconselha que “(...) os países em desenvolvimento deveriam tomar as medidas necessárias para conservar sua identidade nacional, proteger suas características culturais e evitar os riscos de dependência”. (362).

A quarta parte também fala: das *Contribuições do trabalho de pesquisa* em comunicação, com a evolução da pesquisa, as principais falhas e as necessidades e tendências de estudo; sobre *Os profissionais da Comunicação*; dos *Direitos e responsabilidades dos jornalistas*, como acesso à informação, regulamentação da profissão e proteção aos jornalistas; e das *Normas de conduta profissional*.

2.2.7 Parte V – A Comunicação Amanhã

A quinta e última parte é uma espécie de conclusão do Relatório da Comissão Internacional para o Estudo dos Problemas da Comunicação. É dividido em duas partes: 1) *Conclusões e Sugestões*, com mais de 30 páginas, com as conclusões de cada tema estudado no Relatório; e 2) *Assuntos que convém estudar mais a fundo*, como se pode ver no início do próximo capítulo desta dissertação.

*

Após a Parte V, encontram-se os *Apêndices*, com comentários gerais de vários membros da Comissão, com definições e, por fim, a composição e a história do Relatório.

Notas

¹ É válido lembrar que todo este processo ocorreu durante a Guerra Fria e a expansão do Movimento dos Países Não Alinhados. Em 1973, em Argel, na IV Cúpula dos Países Não Alinhados, foi aprovado o que se chamaria de *Nova Ordem Econômica Internacional*. Despertando que se poderia fazer algo semelhante em matéria de informação, o que se denominaria, na V Cúpula, *Nova Ordem Mundial da Informação e da Comunicação*.

² Informações retiradas do próprio Relatório (MacBride, 1983: 482).

³ O estudo da Comissão Internacional ficou conhecido mundialmente pelo nome do seu presidente: Relatório MacBride

⁴ Informações retiradas do próprio Relatório (MacBride, 1983: 482-483). Cargos em 1980, data de publicação do informe.

⁵ Atual República Democrática do Congo

⁶ Prêmio Nobel de Literatura

⁷ A título de curiosidade vale ressaltar que o português não faz parte dos idiomas de trabalho da UNESCO.

capítulo terceiro

“COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO NA NOSSA ÉPOCA” (2005)

“O sistema de comunicação de um país, de uma região ou de um continente, deveria ser o meio mais apropriado para a exibição de suas qualidades, sua beleza, sua realidade. Mas, na América Latina, acontece o inverso: a sua imagem refletida nos seus próprios meios massivos – especificamente meios impressos – não valoriza as suas qualidades, não interpreta sua realidade e não divulga a sua cultura” (FERREIRA. 1995: 50).

3. “COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO NA NOSSA ÉPOCA”¹ (2005)

3.1 O recorte: coleta e difusão de informações

Além dos pontos discutidos no capítulo anterior, o Relatório da Comissão Internacional para o Estudo dos Problemas da Comunicação sugere alguns “assuntos que convêm estudar mais a fundo” (MacBride, 1983: 453):

Sugerimos algumas medidas que podem levar a uma nova ordem mundial da informação e da comunicação. Algumas podem ser tomadas imediatamente, outras necessitarão preparação e aplicação mais longas. O importante é começar, a partir de agora, a tentar mudar a situação atual.

Há temas que mereceriam ser examinados mas a Comissão Internacional não dispôs de tempo, dados ou da competência necessária para acordá-los.

Como visto no capítulo anterior, na Parte V do Relatório, os membros da comissão enumeram sete tópicos principais a serem estudados: 1) Interdependência crescente, 2) Melhor coordenação, 3) Normas e instrumentos internacionais, 4) Coleta e difusão de notícias, 5) Proteção aos jornalistas, 6) Maior atenção nas zonas negligenciadas, e 7) Ampliação dos recursos financeiros.

Visto as necessidades específicas em estudo nesta pesquisa, faz-se o recorde pelo estudo sistemático do tópico quarto: *coleta e difusão de notícias*. (O tema também foi pauta da reunião de Estocolmo - abril de 1978 - da Comissão, onde organizou-se um colóquio internacional sobre as infra-estruturas de coleta e difusão de informações). Aqui verticaliza-se a coleta e a difusão especificamente na América Latina. Com a finalidade de conhecer a ordem internacional da comunicação no continente. Para tal, no presente capítulo apresenta-se um estudo das principais agências de notícias do mundo, o noticiário de internacional no continente, o editor de internacional e o receptor; oferecendo subsídios para compreender e traçar um panorama da *comunicação e da informação na nossa época*.

3.2 AS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS E O NOTICIÁRIO INTERNACIONAL

3.2.1 O surgimento das agências de notícias

O homem, desde os tempos mais remotos, sempre teve a necessidade de comunicar-se e conhecer a si e aos outros. Na época romana, a estrutura do império necessitou de meios para difundir sua ideologia; nos séculos XIV, XV e XVI, existiram na Europa numerosos jornais manuscritos, o jornalismo oral também tinha estrutura. Conforme a sociedade foi evoluindo os meios de comunicação foram se sofisticando. A evolução tecnológica e científica, do século XIX, tornou o mundo moderno mais ágil e rápido, exigindo que a comunicação acompanhasse esse ritmo.

O alto nível das técnicas de impressão – com a invenção da máquina rotativa e do logotipo – e o progresso dos meios de transporte de informações de massa – com a invenção do telégrafo – marcam o advento da comunicação social como indústria. Solo propício para a criação das primeiras agências.

No ano de 2005, completaram-se 180 anos da criação da primeira agência de notícias do mundo, criada em 1835 na França por iniciativa de Charles-Louis Havas, a *Agence Havas* (atual *Agence France-Press*) com a máxima de diminuir as distâncias e aumentar a velocidade de difusão das informações. Logo surgiram outras:

A agência fundada por Havas, em 1835, foi protótipo das agências telegráficas contemporâneas, o gérmen que deu origem à *Agência Wolf* na Alemanha e a *Reuters* na Inglaterra. Ambas organizadas por colaboradores e assistentes de Havas. Wolf mudou-se de Paris para Berlim, em 1849, e criou a agência que existiu até a chegada de Hitler ao poder. Julius Reuter abandonou Havas, radicou-se em Londres, tornou-se cidadão inglês e, em 1851, fundou sua própria agência. (AMARAL, 1978: 169).

AMARAL (1978), em seu livro *Técnicas de jornal e periódico*, mostra um estudo, realizado pela UNESCO, em que a história das agências internacionais é dividida em quatro períodos. São eles:

a) *Primeiro período* – Compreende a fase do surgimento e da formação das agências. As três primeiras agências internacionais: *Havas* (1835 - Paris), *Reuters* (1851 - Londres) e *Wolf* (1849 - Berlim), todas européias; lutando por uma posição dominante, monopolista, no mercado internacional de informações. Em 1848, seis jornais estadunidenses fundam a *New York Associated Press*. Mais tarde, surgiram a *Eastern Associates Press* e, em 1892, a *United Press Associated*. Estas últimas se

limitavam a cobrir os fatos nacionais, a informação internacional era oriunda do triunvirato *Havas – Reuter – Wolf*;

b) *Segundo período* – chamaremos aqui de “Neo-Tordesilhas²”. As agências de notícias fazem a nova divisão do mundo por áreas de influência. AMARAL descreve as esferas de influência de *Havas, Reuter e Wolf*, assinalado pelo acordo firmado em 1870: “Concedeu-se à *Reuters*, o direito de exclusividade para recolher e difundir informações em todo o Império Britânico, Turquia, Extremo Oriente e Egito; à *Havas*, na França, Itália, Suíça, Espanha, Portugal, Egito (juntamente com *Reuters*), Américas do Sul e Central; à *Wolf*, na Alemanha, Rússia, Áustria-Hungria, Holanda, Dinamarca, Suécia, Noruega e países balcânicos. A *Associated Press*, aderiu ao acordo e se outorgou o direito de recolher e difundir informação nos Estados Unidos.”;

c) *Terceiro Período* – Entre a I Guerra Mundial até a II Grande Guerra, em 1939. É marcado pela dificuldade para receber e difundir informações. “Decididos a dispor da informação como arma ideológica, os alemães fundaram, em 1915, a *Transocean*, que existiu até o final do conflito”. (*ibid.*, 166). Rompendo o fluxo informativo das pioneiras.

Dois anos depois do desafio lançado ao monopólio *Havas-Reuters* pela *Transocean*, Lenine declara a agência noticiosa *Petrogrado*, organismo central de informação, incorporando-a, mais tarde, ao Escritório de Imprensa. A nova entidade foi denominada *Agência Telegráfica Russa*, antecessora da atual *Tass (Agência Telegráfica da União Soviética)*. Foi novo (sic) e rude golpe ao monopólio informativo do mundo. (*ibid.*, 166).

Já as agências estadunidenses não se conformaram com o acordo de 1870. Em 1919, elas passam a atuar na América Latina, território de *Havas*. A *Associated Press* firma acordo com várias agências nacionais em diversos países, entre eles Argentina, Chile, China e Japão. Em 1934, *Reuters, Havas e Associated Press* chegam a um acordo pelo qual todas têm direito a recolher e divulgar informações onde e como quiserem;

d) *Quarto Período* – Pós-Guerra. *Reuters* aponta como a maior agência no mundo e o governo ianque decide conceder às agências nacionais maiores facilidades de ação. *Havas* colabora com os nazistas e com o regime do marechal Pétain e é fechada. A *Agência France Presse* a substitui. Na primeira fase deste

período o novo monopólio é exercido por: *Reuters*, *Associated Press* e a *United Press*.

3.2.2. A hegemonia no fluxo de informações

Após a Segunda Guerra quatro grandes agências – Reuters, AP, UPI e AFP – consolidam-se no controle do fluxo de informações mundiais, garantindo a hegemonia das notícias internacionais.

No período após a Segunda Guerra Mundial, as quatro maiores agências – Reuters, AP, UPI e AFP – expandiram e consolidaram suas posições no sistema internacional de distribuição de notícias. Elas estão interessadas não apenas com o suprimento de informação para jornais, mas também com a provisão de notícias financeiras e, de maneira sempre crescente, com o suprimento de material para estações e redes de rádio e televisão. Embora existam muitas outras agências de notícias operando em várias partes do mundo, hoje, as quatro maiores mantêm um papel dominante. (THOMPSON, 1995: 240).

Como confirma THOMPSON, estas quatro agências consolidaram a hegemonia informativa, e são hoje “los líderes indiscutibles de la producción de noticias internacionales” (DURÁN, 2003). No Brasil 70% das notícias dos jornais e das TVs são oriundas destas agências (KUCINSKI, 1996: 159). Nascidas para operarem apenas com os meios de comunicação, hoje atendem bancos, bolsas de valores, conglomerados empresariais etc. Um negócio que gera milhões de dólares todos os anos.

Cada grande país mantém suas próprias agências e difundem, da melhor maneira possível, o que é de seu interesse. Dessa forma, constrói a *imagem* que seja em determinadas regiões do globo, levando os jornais a publicar, a título de simples informação, material que, na realidade, constitui promoção.

Sob a capa de agências jornalísticas, todas elas – da *United Pres* à *Tass* – procuram *vender* sua política, negócios e ponto de vista, e atuam diretamente orientada por governos e grupos que operam no mercado internacional. Se, em meio ao grande noticiário, vêm notícias do último jogo de futebol, é porque isto serve para dar ao leitor a ilusão de que, realmente, seu material é selecionado segundo critérios jornalísticos, sem outra intenção que a de servir ao público.

(...) Filtram a informação através dos interesses e preconceitos que dominam nos quatro países de que são originárias. (AMARAL, 1978: 167)”.

Com uma extensa rede internacional de correspondentes e outras fontes de notícias, as grandes agências controlam o fluxo mundial de informações e transmitem a influência cultural dos países sedes. Segundo MCNELLY (*apud* GUARESCHI, 1987:36), a América Latina tem um desenvolvimento bem menor no que se refere às agências, comparando com a própria África ou Ásia. Esta inferioridade quantitativa de agências do continente foi salientada, já em 1980, no Relatório MacBride (1983: 92): Europa com 28 agências, África com 26, Mundo Árabe com 18, Ásia com 19 e América Latina com 11. Em muitos países da América Latina as agências internacionais além de fornecerem as notícias do mundo, fornecem também as notícias do próprio país.

BELTRÁN também aborda a questão do fluxo informativo controlado na América Latina, especificamente pelos Estados Unidos que manipulam e distorcem nossas notícias:

A partir dos dados obtidos, pode-se concluir que o fluxo internacional de notícias na região se encontra fortemente controlado, em todos os sentidos, pelas agências noticiosas norte-americanas. Apesar de operarem mediante critérios comerciais, estas empresas efetuam uma distorção na informação que parece ser orientada mais do ângulo político do que propriamente o empresarial. Com frequência, manipulam-se as notícias de forma a ajustá-las a uma situação de dominação política. A realidade apresentada à região, bem como a que ela projeta para além de suas fronteiras, tende a ser distorcida em benefício das posições políticas dos Estados Unidos. Isto se torna particularmente claro no tratamento informativo dos processos 'dirigidos' de mudança sócio-estrutural na região. (1982: 53).

No continente, latino-americano, pela ausência de políticas de comunicação, essas agências são livres para coletarem, selecionarem e difundirem as informações de maneira arbitrária e desequilibrada. Tendo o poder de manipular e controlar o que se diz e como se diz nos países em desenvolvimento da região, tanto na economia, como na política e na cultura.

Estas agências, geram uma sobrecarga de informação, que mergulha a população em uma "comunicação dominada", acomodando-a a um padrão alheio à sua realidade. Este controle informativo é verificado na mídia, através das respectivas agências, que propagam um conjunto de crenças, valores,

conhecimentos, normas de comportamento e, até mesmo, um estilo de vida. Como também observa MATTA:

(...) A penetração capitalista transnacional se articula com a ação dos sistemas informativos. Estes criam o meio-ambiente cultural conformador de um sistema de vida, de um estilo de ser e relacionar-se em sociedade. Impulsionam o consumo a concepção de cidadão tipicamente adequado à civilização consumista que se expande através de todas as fronteiras. (MATTA, Fernando Reyes Matta, prefácio de BETRÁN & CARDONA, 1982: 11).

Assim o é desde a invasão europeia na América Latina, onde a população foi sendo educada para não olhar para os lados, ou seja, para a própria América Latina. Foram sempre condicionados a olhar para além-mar, para a Europa, e, posteriormente, para o Norte do continente americano, para o *american way of live*. O poder de determinar, dirigir e selecionar, torna-se numa fonte de controle comparável aos grandes recursos naturais, tecnológicos e econômicos (SCHRANMM, Wilbur *apud* BELTRÁN e CARDONA, 1982: 23).

Um fato importante no controle do fluxo são os facilitadores latino-americanos:

Torna-se bastante claro que – em todos os aspectos do problema (econômico, político e cultural da comunicação) – os interesses e operações transnacionais dos Estados Unidos recebem uma decisiva ajuda dos interesses e práticas coincidentes das poderosas elites nativas da América Latina. Elas se beneficiam da situação de dominação internacional, exercendo, por sua vez, um domínio interno não menos esmagador sobre a maioria de seus países (...) (BELTRÁN, 1982: 38).

Como mencionado no primeiro capítulo desta dissertação, as elites latinas não querem se assemelhar às massas da região, carregadas de preconceitos, estas elites corroboram aos interesses estrangeiros em seus próprios países. Estes facilitadores se auto-beneficiam de suas posições, mantêm e desempenham um importante papel na engrenagem do sistema internacional de controle e dominação das informações.

3.2.3 Noticiário Internacional

Aqui convém expor os dados da análise feita nos jornais latino-americanos, buscando verificar a comprovação de algumas hipóteses levantadas até então: a hegemonia das agências de notícias e dos países desenvolvidos no noticiário da

região, a distorção das informações e o caráter secundário dado aos fatos latino-americanos.

3.2.3.1 Correspondentes

De acordo com KOTSCHO (1995:29), nas notícias internacionais não basta relatar “o que aconteceu”, o jornalista precisa ajudar o receptor a entender porque tais fatos estão acontecendo, situando o contexto histórico e as características de cada país. Como se constatou na análise dos jornais, este pressuposto quando tratado dos países desenvolvidos ou de assuntos de seus interesses é seguido exhaustivamente com *boxs*, mapas, tabelas, artigos, entrevistas, análises, contextualizações, dentre outros; tudo é explicado sistematicamente para que qualquer leigo compreenda o que está sendo dito. Já quando o assunto é América Latina o tratamento dando à informação é diferente, na maioria das notícias examinadas identifica-se no máximo o *lead*, caracterizando o caráter secundário dado à região.

O responsável por essa superficialidade das notícias latino-americanas é o correspondente? Pelo que constatou com a análise dos jornais, não, pelo contrário, quando a notícia é redigida por eles há mais informações, entende-se o contexto em que o fato está inserido, salvo algumas exceções.

O problema é que o número de correspondentes na América Latina é insuficiente para cobrir todos os países e territórios. Das 192 citações³ encontradas sobre países da região, durante uma semana, dos 70 exemplares analisados, apenas 22 eram oriundas de correspondentes. Dos dez jornais estudados (*ABC Color, A Tarde, Clarín, Correio Braziliense, Estadão do Norte, Estado de Minas, Folha de São Paulo, O Globo* e *Zero Hora*) somente quatro tiveram matérias assinadas por correspondentes: *Clarín* (4), a *Folha de São Paulo* (5), *O Estado de São Paulo* (8) e *O Globo* (5).

As justificativas das empresas de comunicação para não terem representantes em mais países são sempre as mesmas: as despesas (Como percebe-se nas entrevistas com os editores de internacional, item 3.3). Um correspondente sai mais caro que um jornalista de redação, às vezes, mais que os próprios editores. Os salários são pagos em dólares e o padrão de vida exigido de um correspondente internacional também é alto.

Devido às “despesas” o mundo é representado nos meios de comunicação a partir de Nova Iorque e Londres. Estes dois países cobrem todo o planeta. Para os proprietários de jornais estas posições estratégicas são suficientes. No máximo um correspondente para América Latina, Buenos Aires ou São Paulo, fato a cada dia mais raro. Se houver um golpe de estado, uma rebelião ou catástrofe natural em algum país, então mandam um *Enviado Especial*. Esta atitude não é única dos veículos impressos, a TV Globo, maior rede de televisão do Brasil e entre as quatro maiores do mundo, não possuía um correspondente fixo na região até oito de março de 2004, quanto estréia na capital argentina.

As agências internacionais têm trabalho geral a realizar e não atendem de maneira satisfatória às questões que digam respeito a um país específico ou a determinada faixa de leitores desse país. É aí que entra o *correspondente* particular para ver com olho próprio a notícia que interessa ao público de seu veículo de comunicação. (AMARAL, 1978:129-130).

Tanto os proprietários como os editores sabem que as agências embutem suas ideologias em seu conteúdo, que distorcem e são superficiais, por mais que aleguem o contrário: que são eficientes, rápidas e completas. Não têm correspondentes e não querem “ver com olho próprio” porque não é conveniente a seus interesses, é mais barato e cômodo comprar de uma agência. “Os meios de comunicação de massa não têm responsabilidades sobre as notícias das agências de notícias, preferem a declaração à informação.” (ROSSI, 1980:48).

Se é caro ter correspondentes por que não criam estratégias para driblar esses custos? Por que não fazem intercâmbios entre jornais latino-americanos, ou criam parcerias entre os mesmos para dividir despesas de um correspondente em comum, por exemplo? Se as respostas forem porque não querem ter notícias iguais, querem ter diferencial, estão sendo contraditórios, já que as agências vendem a mesma notícia para centenas de assinantes. O mais “curioso é pensar que vários veículos se arrogam detentores de determinado perfil, no que tange à cobertura internacional, mas não fazem outra coisa se não copidesque da mesma informação do concorrente” (AMARAL, Fabiana); editam o que já foi editado pelas agências.

Não é melhor ter uma notícia compartilhada com uma ótica latino-americana de acordo com a realidade que ter uma ótica estrangeira? AMARAL L. desmascara

os proprietários destes veículos e traduz a vantagem que uma agência de notícia oferece:

Três fatores principais respondem pela presença do noticiário internacional nos grandes jornais brasileiros: 1) é o noticiário mais barato e mais fácil de se adquirir; 2) é o tipo de noticiário que não traz preocupações para diretores de empresas; 3) é o noticiário com que os diretores mascaram suas edições na tentativa de torná-las menos provincianas possível. (1987:123).

Barato e fácil porque as agências vendem suas notícias a preços baixos a todos os veículos; *sem preocupações* porque a responsabilidade sobre o que é noticiado é da agência não do jornal; e por fim, *mascaram suas edições* com notícias do Primeiro Mundo, daí um dos motivos que justifica o baixo índice de notícias da América Latina, não querem ser *provincianos*.

3.2.3.2 Agências internacionais de notícias

Nesta seção serão abordadas especificamente as agências de notícias como fonte de informação para editoria de internacional, mostrando as inúmeras consequências provocadas pelas mesmas quando são utilizadas como as únicas fontes de informações, fenômeno constatado na maioria dos jornais analisados. O objetivo não é demonizar as agências, elas têm um papel fundamental na comunicação global, mas sim enumerar alguns aspectos específicos do seu trabalho/funcionamento:

A notícia internacional é distribuída por diversas agências que em áreas subdesenvolvidas costumam fornecer serviços a preços inferiores ao custo. Na realidade atuam como empresas de **relações públicas** dos países a que pertencem, e não lhe custa nada facilitar a entrega do material. Através delas, os países de origem *vendem* sua política, seus produtos, seu modo de vida - não são poucos os jornalistas que acham que as agências deveriam prestar esse serviço graciosamente, ou mesmo pagar para os jornais uma soma elevada para publicá-lo.(AMARAL, 1978: 123). (Grifos do pesquisador)

O que será chamado aqui de função 2 das agências - citada por AMARAL como a função *Relações Públicas* - é a condição de propagadora de ideologias e interesses de países centrais, solo das agências. Sua função 1 é a mesma que de todos os meios de comunicação: informar/comunicar. Jornais, rádios e TVs também

são difusores de ideologias, no entanto, quando se trata de agências os fatos alcançam dimensões globais, principalmente nos países periféricos onde o domínio e o controle são maiores. Esta função 2 também é observada por KUCINSKI:

As agências **estabeleceram o padrão e a estrutura** de linguagem da notícia e as *portas de entrada* do noticiário internacional. Em grande parte dos casos, passa a ser notícia apenas aquilo que é captado e disseminado por esses canais. Jornais pequenos e médios são repetidores do noticiário das agências. O domínio das grandes agências intimamente ligadas aos países centrais explica o caráter fragmentário e irregular da cobertura dos problemas econômicos do Terceiro Mundo, e a ênfase excessiva, enjoativa mesmo, no que se passa nos **países centrais**. São as agências os instrumentos de criação e implantação de linguagem específica necessária à disseminação de novos projetos econômicos do centro, como é o **neoliberalismo**, ou à dissimulação dos mecanismos de **dominação**. (1996:160). (Grifos do pesquisador)

Esta preocupação também foi marcada no Relatório MacBride, em que, segundo a Comissão no debate sobre a *comunicação internacional*, um dos temas principais é o papel que desempenham as *empresas transnacionais*: “Estas empresas não só mobilizam e transferem para o mercado da comunicação capitais e tecnologias, mas também vendem numerosos produtos de consumo sócio-cultural, que transmitem globalmente idéias, gostos, preferências e crenças.” (1983:61).

As notícias criadas pelas agências são fiscalizadas e editadas por seus fiscais que decidem se as enviam ou não, chegando ao grau de deformar o seu conteúdo. O maior exemplo do controle informacional da América Latina por esses veículos transnacionais é comentado por GUARESCHI:

O estudo de Al Hester apresenta-nos informes detalhados sobre os *bureaux* da AP, na América Latina, durante o período de três semanas. Nessas três semanas, ao redor de 30.000 palavras foram transmitidas dos *bureaux* latino-americanos, em 1.636 itens noticiosos, para Nova Iorque. Lá os **editores determinavam o que seria enviado** para os clientes da AP, no EUA, e nos outros países, incluindo a própria América Latina, de onde as notícias tinham se originado. Somente **7,8% das notícias originais foram retransmitidas** por Nova Iorque. Na competição por espaço no cabo da AP, as notícias norte-americanas eram privilegiadas: **dois terços das notícias eram sobre os EUA**. Do terço restante, as **notícias latino-americanas tinham prioridade bastante baixa** com apenas 9,9%. A Europa Ocidental tinha 38,5%, a Ásia tinha 5,8%, o

Leste Asiático 9,9%, a África 7% e a Europa Oriental 6,4%, respectivamente, desse terço restante.

Alguns itens são bastante enfatizados e exagerados como, por exemplo, o item sobre terrorismo e violência: somente **13,81% dos itens provindos da América Latina**, como fonte original, eram relacionadas com crime e violência; mas **47,66% dos itens retransmitidos** por Nova Iorque (depois de fiscalizados e selecionados de acordo) eram referentes a **crime e violência** (Al Hester, 1976:27). (1987 :37). (Grifos do pesquisador)

O estudo citado por GUARESCHI comprova a hipótese sobre o interesse e a preferência que as agências dão a temas relacionados a catástrofes, violência, miséria, fome, instabilidade política, rebeliões, dentre outros. Quando estas não existem, chegam até a construí-las, enfatizando temas de menor grandeza, transformando fatos isolados em manchetes principais, o que denigre a imagem latino-americana e associa a população a tais itens.

Outro fator observado nessa construção de uma imagem negativa da América Latina é o uso de rótulos, adjetivos que muitas vezes antecipam os países e os povos desta região. Veja-se o exemplo de Cuba e seu presidente, sempre ambos estão adiantados de rótulos como: A Ilha *comunista* de Cuba, o *ditador* Fidel Castro ou a *última nação comunista* das Américas, o *comunista* Fidel Castro. Criam um sistema metódico para designar lugares, indivíduos, enfim, através de clichês pré-estabelecidos, criando verdadeiros estigmas para aquilo de que se vai falar, enfatizando aspectos inferiores, negativos.

O Relatório da Comissão MacBride, no item sobre a *deformação do conteúdo*, também mostrava preocupação com esses temas: “a deformação da notícia, em sentido estrito, produz-se quando algumas inexatidões ou informações falsas substituem os fatos autênticos, ou quando se incorpora uma interpretação parcial à difusão das notícias, por exemplo, por meio da utilização de adjetivos pejorativos e de esteriótipos.” (1983:262).

3.2.3.3 As fontes de informação

Os resultados mesmo que 20, 30 anos depois, não são muito diferentes dos já conhecidos nos estudos apoiados pela UNESCO nas décadas de 70 e 80, isso se não estiverem agravados. A maioria das informações que circulam na região são

oriundas de Agências Internacionais de Notícias, num total de 143 de 192 notícias publicadas, o que demonstra claramente a unilateralidade do fluxo.

Um dado que difere das pesquisas conhecidas até então foi a quebra do monopólio *AP-UPI-AFP-Reuters*. As quatro maiores agências do mundo não ocuparam as quatro primeiras posições no *ranking* das mais consultadas por esses 10 veículos durante a semana analisada. O que mais surpreendeu foi que a agência *United Press International (UPI - Estados Unidos)* não foi usada como fonte de nenhum deles, não foram encontradas citações nem nos créditos das fotos. A mais utilizada foi a francesa *Agence France-Presse*, com 33 citações; seguida pela espanhola *EFE*, com 28; a inglesa *Reuters* teve 13, a italiana *ANSA* 12 e a estadunidense *Associated Press* só apareceu em quinto lugar com 7 citações. A novidade foram as agências de médio porte *EFE* e *ANSA*, usadas pelos jornais hispano-americanos. *EFE* foi a agência mais utilizada pelo jornal paraguaio *ABC Color*.

Um dado negativo constatado em alguns periódicos foi a falta de créditos, referindo à fonte das informações/imagens, se não há referência atribui-se ao próprio jornal, o que pode levar um leitor leigo a pensar que foi o veículo que a escreveu, atribuindo-lhe um falso prestígio. Observa-se os jornais que dão e os que não dão referências às suas informações: *ABC Color* e *Clarín* são os únicos a darem crédito a todas as notícias; *A Tarde* e o *Estado de São Paulo* dão créditos à maioria das matérias; o *Estadão do Norte*, ao contrário, não atribui crédito a maioria das vezes; já *Correio Braziliense*, *Estado de Minas*, *Folha de São Paulo*, *O Globo* e *Zero Hora* não dão créditos às suas fontes em nenhuma notícia analisada.

Um outro fator preocupante é o caso dos jornais brasileiros *A Tarde* (nordeste) e *O Estadão do Norte* (norte) que usam as agências nacionais, *Agência Estado (AE)* e *Agência Folha (AF)*, em sua editoria de internacional; não se sabe a procedência destas informações, se são de correspondentes ou se estão retransmitindo as notícias das agências internacionais.

Além dos correspondentes e das agências, a pesquisa revelou que alguns periódicos utilizam também jornais estrangeiros como fonte de informação, revelando que os jornais latino-americanos preferem usar como fonte veículos não latino-americanos. Dos jornais utilizados na semana apenas *El Tiempo* (Colômbia) era latino; por que recorrer ao *The New York Times* (Estados Unidos), *Le Monde*

Diplomatique (França), *El País* (Espanha) ou *BBC* (rede de Londres) para saber o que ocorre aqui ao lado? As notícias costumam viajar muito para depois voltar à região. No hemisfério Norte dificilmente um correspondente de algum jornal latino-americano situado em Londres, por exemplo, cobriria um fato para algum jornal da Espanha. Na tabela também se apresenta a porcentagem que a editoria de internacional corresponde nos respectivos jornais.

Tabela 1 - Os Jornais e suas fontes de informação:

Jornais	ABC Color	A Tarde	Clarín	Corre. Braziliense	Est. do Norte	Est. De Minas	Folha de S. Paulo	O Est. de S. Paulo	O Globo	Zero Hora	Total
Fontes											
Corresp.	X	X	4	X	X	1 (?)**	5	8	5	X	22
E.Especial	X	X	1	X	X	X	X	X	X	X	1
Redação	X	1	X	8	X	X	3	X	1	X	13
Por fone	X	X	X	X	X	X	X	X	X	2	2
Entrevista	X	X	X	1	X	X	X	X	X	X	1
Artigo	X	X	X	X	X	X	1	X	X	X	1
S/ Crédito	X	2	X	8	8	9	11	5	2	7	52
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Agências	70	12	7	8	8	10	11	8	2	7	143
AFP	25	2	2	X	X	2	1	1	X	X	33
AP	X	X	3	X	X	1	2	1	X	X	7
UPI	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	0
Reuters	9	1	X	X	X	X	1	2	X	X	13
EFE	26	X	X	X	X	X	X	2	X	X	28
ANSA	9	X	3	X	X	X	X	X	X	X	12
AF	X	1	X	X	1	X	X	X	X	X	2
AE	X	1	X	X	X	X	X	X	X	X	1
Cip-Fiu	1	X	X	X	X	X	X	X	X	X	1
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Jornais	X	X	X	X	2	X	1	2	1	1	7
TNYT	X	X	X	X	X	X	X	2	X	1	3
El Tiempo	X	X	X	X	X	X	X	X	X	1	1
El País	X	X	X	X	X	X	X	X	1	X	1
Le Monde	X	X	X	X	X	X	1	X	X	X	1
BBC	X	X	X	X	2	X	X	X	X	X	2
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
% Edito.*	5,12	2,94	5	3,99	2,6	3	6,69	4,97	3,88	2,92	X

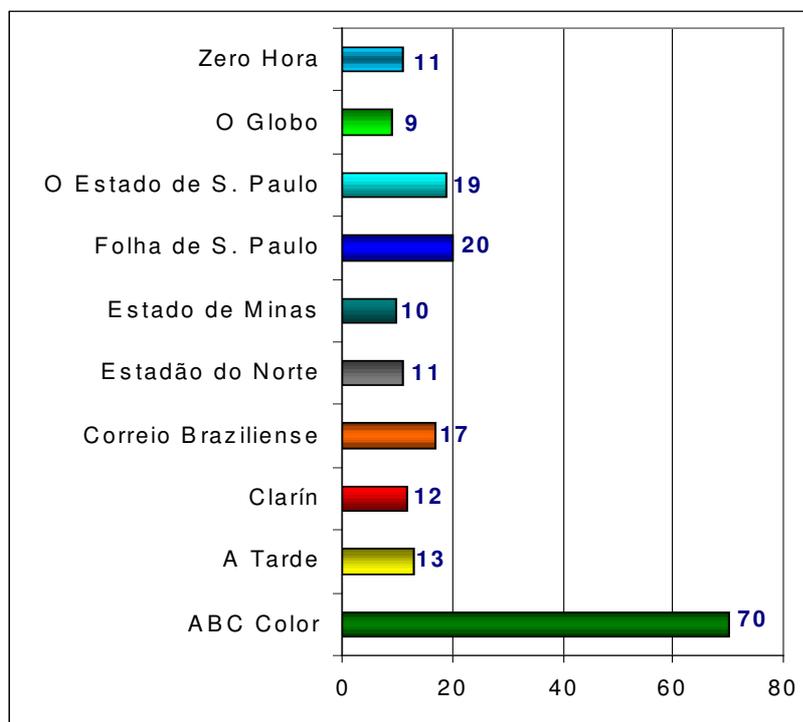
*Quanto representa a **Editoria de Internacional** no jornal. **A matéria está assinada supõem-se que seja de correspondente.

Obs. Aos jornais que não dão créditos às agências foram considerado os créditos das fotos, quando as possuíam.

3.2.3.4 Os jornais latino-americanos

Esta seção traz grande parte dos dados quantitativos e qualitativos coletados nos jornais, traçando um panorama da seleção e do tratamento dos temas no continente; a difusão dos dados coletados na região e a distorção/desequilíbrio e o caráter secundário dado aos acontecimentos que esta representa. Abaixo, o gráfico geral com número total de vezes que os países latino-americanos foram noticiados na semana em cada periódico:

Gráfico 1 - Total de citações sobre a América Latina:



No *Gráfico 1* percebem-se dois pontos principais: 1) a maioria dos jornais dão à América Latina um caráter secundário, dedicando em suas editorias maior atenção a países do hemisfério norte (como se pode ver mais no item sobre os editores de internacional); o Relatório MacBride (1983:61) destaca que: “a imensa maioria dos países está reduzida ao estado de receptor passivo da informação emitida por um pequeno número de centros.” 2) o que RENDON (2003) chama de a *cultura da proximidade* não se emprega a países grandes territorialmente como Brasil, México, Venezuela e Argentina; segundo ele, quanto menor é o país, mais ele se interessa pelo que está mais perto, aos seus vizinhos. “Sentem-se mais latino-americanos” e dão mais espaço a eles. Este fato é comprovado através da análise em que se

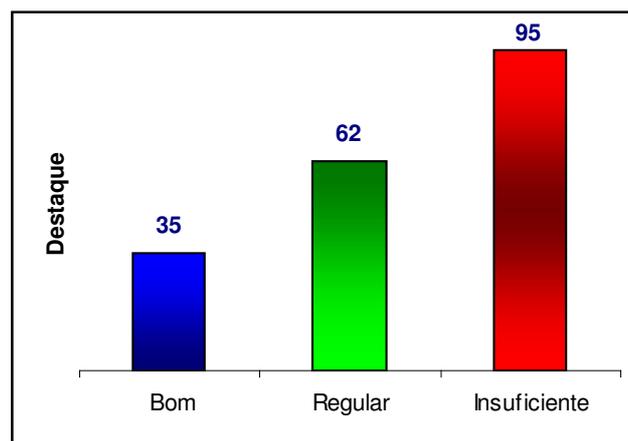
verifica o número muito baixo de notícias sobre a América Latina. O Paraguai, um país pequeno, dá um amplo espaço de sua editoria a assuntos latino-americanos. A Argentina em contraponto é um dos que dedicaram menor espaço à realidade latino-americana.

As notícias foram analisadas quantitativa e qualitativamente, abaixo os gráficos com a média total de todos os jornais e, em anexo, os resultados nos respectivos jornais:

A- Análise qualitativa:

Primeiramente, independente, por ora, do seu conteúdo, analisou-se a diagramação das notícias (**destaque**) referentes à América Latina. Notou-se que, na maioria absoluta das vezes, o *destaque* foi insuficiente para que se compreendesse o contexto em que os fatos estavam inseridos. Muitas vezes não passam de pequenas linhas perdidas em algum lugar na página. O jornal *Correio Braziliense* foi o único a dar um destaque relevante à maioria das matérias sobre a região (como pode ser observado no anexo). Este quesito mostra e comprova mais uma vez o caráter secundário dispensado aos países do continente em seus próprios jornais e a falta de investigação e interpretação jornalística dos mesmos.

Gráfico 2 - Quanto ao destaque⁴:



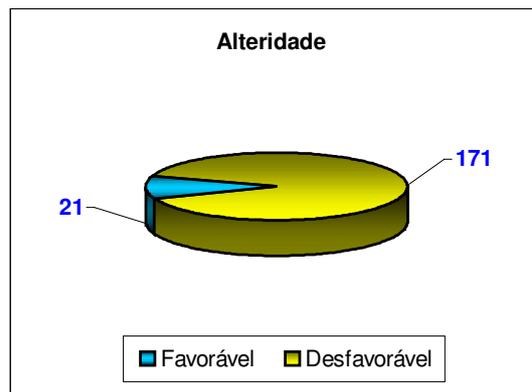
Em um segundo momento, observou-se o conteúdo/tratamento (**alteridade**) das notícias, em que se verificam dados ainda mais alarmantes. Há 25 anos, a Comissão Internacional para o Estudo dos Problemas da Comunicação, já apontava que um dos problemas suscitados pelo fluxo unidimensional era a deformação do

conteúdo em circulação, produzido pelos grandes países industrializados, “a imagem dos países em desenvolvimento refletida nos meios de comunicação social é muitas vezes falsa e deformada” (1983:60), concluíam os especialistas.

Em nenhum dos jornais analisados os temas favoráveis se aproximaram dos desfavoráveis; na média de todos os jornais, das 192 notícias analisadas, 89% eram desfavoráveis aos países da região, comprovando a hipótese que preferem denegrir a enaltecer, como se levanta no item 3.2.3.2.

É importante salientar que não se pretende, com a pesquisa, omitir que a região possui graves problemas socioculturais e econômicos, todavia, a distância entre os temas é por demais oposta. O que levanta a hipótese, citada acima pela Comissão, que a imagem latino-americana refletida no fluxo é distorcida e, muitas vezes, falsa.

Gráfico 3 - Quanto à alteridade:



B- Análise quantitativa:

Buscou-se também levantar quantitativamente qual era a representação da América Latina na editoria de internacional dos jornais analisados. Para tal tem-se dois gráficos, um com a média de citações diárias sobre a região e outro com a média semanal da representatividade da América Latina frente às outras regiões do planeta.

As médias diárias, com exceção da sexta-feira e do sábado, foram abaixo de 20% do total da editoria. Vale salientar que o jornal *ABC Color*, do Paraguai, ajudou a levantar estes índices com a soma das médias; como se pode ver no anexo, o jornal demonstra, quantitativamente, uma boa representação da região, chegando a

ter até 60%, no sábado, da editoria com notícias referentes à América Latina. Em contra ponto, o *Clarín*, principal jornal da Argentina, em dois dias (quarta-feira e sábado) não trouxe nenhuma citação à região, já os jornais *A Tarde*, *O Correio Braziliense*, *Estadão do Norte*, *Estado de Minas*, *Zero Hora* e até mesmo *Folha de São Paulo*, um dos maiores jornais do país, ficaram um ou dois dias – de um total de sete - sem noticiar absolutamente nada.

Gráfico 4 - Média total da porcentagem de América Latina por dias da semana:

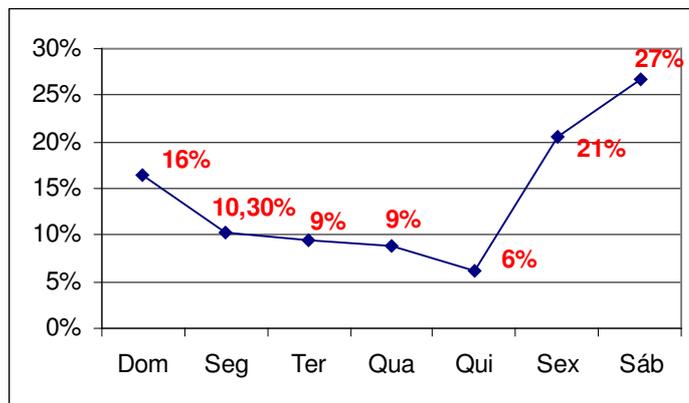
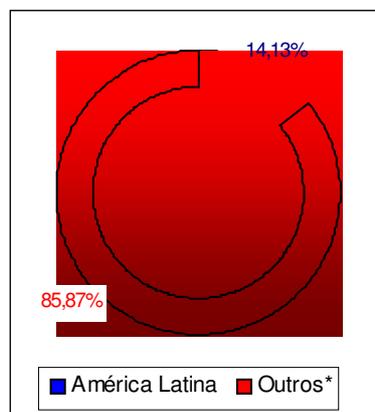


Gráfico 5 - Média total da semana:



Dentre estes 85,87%, a maioria das notícias são referentes aos Estados Unidos e à Europa, os números de cada país noticiado serão mais detalhados no item sobre o editor de internacional.

É sabido que os jornais latino-americanos dedicam mais espaço a países ricos do que a eles próprios. Na média da semana o que apresentou maior espaço voltado para a América Latina foi *ABC Color* (32,87%) e o que apresentou menor

espaço foi o periódico *Estado de Minas* (5,9%). Em anexo, os dados estão divididos pelos respectivos jornais, o que permite uma análise detalhada de cada um deles.

3.30 EDITOR DE INTERNACIONAL

3.3.1 Editando o editado

Como já afirmava o Relatório MacBride há outro ator participando da consolidação do fluxo unidimensional. Se a informação sem uma investigação jornalística apurada, distorcida e sem preocupação com a verdadeira realidade das populações e dos países latino-americanos se propaga, é porque alguém a publica. Quem assume a palavra final do que publicar ou não, é o editor de internacional.

Por conseguinte, é muito necessário reformar o comportamento dos diretores de comunicação, principalmente no que se refere à missão dos redatores. Seria errôneo jogar toda a responsabilidade da corrente de sentido único sobre os organismos distribuidores como as agências de notícias. (MacBride, 1983: 240)

Os editores são a outra face do controle comunicacional, são eles que colocam em circulação todo o aparato das agências visto até agora. Fazem a seleção e editam as notícias que a população lê todos os dias na região que, por sua vez, já foram editadas por inúmeras pessoas antes desses editores. O diferencial, o que irá diferenciar uma editoria de internacional de outra, por mais contraditório que pareça, é exatamente a edição, já que seus concorrentes possuem a mesma notícia.

No capítulo primeiro, quando se aborda a corrente do *gatekeeper*, foram citados alguns aspectos da função do editor e suas problemáticas, uma delas é a *seleção* dos países que saem em seus jornais. As agências podem até privilegiar países, mas possuem sucursais em quase todos os países latino-americanos, e logicamente, independente de seu teor, produzem matérias sobre todos. No entanto, são os editores que apagam alguns países e ressaltam outros. Dos jornais analisados foram catalogados todos os países citados, durante o período de uma semana, e o número de vezes que saíram, veja os resultados:

Tabela 2 - Número de vezes que os países foram noticiados:

Estados Unidos	163	Espanha	8	Singapura	2
Iraque	108	Japão	8	El Salvador	1
Inglaterra	81	Uganda	8	Equador	1
Argentina	45	Rússia	7	Nicarágua	1
Brasil	44	Guatemala	6	Paraguai	1
Libéria	42	Afeganistão	6	Suriname	1
França	36	Índia	6	Austrália	1
Israel	26	Suíça	6	Bélgica	1
Palestina	23	Vaticano	6	Cisjordânia	1
Colômbia	22	Alemanha	5	Dinamarca	1
Itália	19	Canadá	5	Gâmbia	1
Cuba	18	Áustria	4	Holanda	1
China	17	Bolívia	3	Indonésia	1
São Tomé e Príncipe	13	África do Sul	3	Moçambique	1
Irã	13	Caxemira	3	Noruega	1
México	10	Síria	3	Paquistão	1
Venezuela	10	Uruguai	2	Polônia	1
Coréia do Norte	10	Coréia do Sul	2	Suécia	1
Chile	8	Egito	2	Zimbábue	1
Peru	8	Nigéria	2		
Arábia Saudita	8	Quênia	2		

No total, 61 países foram noticiados nos dez jornais durante a semana analisada, destes 26,2% (16) eram latino-americanos. Em um primeiro momento, parece ser um bom resultado, considerando que todos os outros países fiquem com os outros 73,8%. Mas ao considerar o número de vezes que esses países foram citados e o espaço concedido a eles, o resultado é bem diferente. Uma coisa é citar o Paraguai apenas uma vez e outra é realçar a Inglaterra 81 vezes. O abismo entre a América Latina e o restante do globo é enorme. Os Estados Unidos, por exemplo, estiveram presentes 163 vezes contra 45 vezes da Argentina, país latino com mais evidência.

Quanto ao espaço dado aos países, o resultado é ainda pior: com exceção do jornal do Paraguai *ABC Color*, todos os outros dez dedicaram à América Latina

menos que 20% de sua editoria, 5 menos de 10%. Muitos tiveram pouco espaço e uma minoria - três países: Estados Unidos, Iraque e Inglaterra - ocuparam quase a metade do espaço das editorias de internacional, sobrando os outros 50% para ser dividido entre 58 países. A média diária em que a América Latina apareceu nos jornais foi muito baixa: 2,74 citações por dia.

As agências coletaram e difundiram as informações, mas quem as elegeu e decidiu a ordem de importância, o enfoque, o espaço e autorizou a publicação foi o editor de internacional.

3.3.2 Entrevistas com editores de internacional no MERCOSUL

O que pensam os editores de internacional sobre tudo isso? O que estão fazendo em suas redações para driblar o fluxo unidimensional? Qual a sua consciência sobre a realidade da comunicação internacional? O que representa e qual o papel da América Latina em seus jornais? Como fazem a seleção das informações que chegam das agências? Qual o tratamento dado a essas informações? O que diferencia uma região de outra na hora de eleger o que será publicado? Qual a preocupação com a população da região? O que fazem para integrar o continente?

No decorrer da pesquisa, com as análises dos jornais, materializou-se a necessidade em encontrar respostas para essas e outras questões. Desta forma, foram realizadas entrevistas diretamente com os editores de internacional. Entre outubro de 2004 e março de 2005, foram percorridas as capitais do MERCOSUL e colhidas as entrevistas dos responsáveis pelo caderno mundo dos principais jornais. A única exceção foi Assunção, infelizmente não foi possível ir até a capital paraguaia, no entanto, foram enviados vários e-mails para o editor do jornal *ABC Color* que ficaram sem respostas. Os entrevistados foram:

Tabela 3 - Os entrevistados:

CAPITAL	JORNAL	EDITOR DE INTERNACIONAL
Buenos Aires	Clarín	Gustavo Sierra
	La Nación	Patricio Bernabé
Montevideu	El País	José Luis Aguiar
Brasília	Correio Braziliense	João Cláudio Garcia

Para um maior aprofundamento e compreensão dos fatos abordados, pela importância que representam para a pesquisa e para respeitar a veracidade dos questionamentos, optou-se por divulgar as entrevistas na íntegra, sem edições - com exceção da entrevista do *La Nación*, que teve problemas técnicos com a gravação. Segue-se o estudo/análise das referidas entrevistas.

3.3.2.1 Editor do *Clarín* (Argentina)

O primeiro editor entrevistado foi o do *Clarín*. O editor mostra-se espantado com o comentário de que os jornais latinos não trabalham com agências da região, logo em seguida confessa também não utilizá-las, como também confessa utilizar jornais estadunidenses e europeus para tratar de assuntos da região. Parece ignorar o fato de que um veículo latino deve conhecer melhor a própria realidade que um meio estrangeiro: diz que uma agência da Venezuela não pode oferecer nada que uma agência internacional já não ofereça.

Segundo o entrevistado, a crise econômica no seu país contribuiu com a diminuição do material enviado por seus correspondentes e que a imprensa argentina tem se caracterizado por dedicar maior espaço aos Estados Unidos e à Europa.

A cooperação entre veículos da região, para o editor, não existe porque os latinos têm desconfiança mútua, o que não ocorre com os empresários do hemisfério norte.

A passividade do leitor perante os fatos, comentada na pesquisa anteriormente, é reconhecida pelo editor: “o leitor não elege absolutamente nada,” além de preferir o que é negativo. Sugere que, graças às novas tecnologias, o leitor que quiser saber algo sobre um país, pode entrar na Internet e pesquisar.

A questão do *agentamento* também é levantada, e o entrevistado afirma que o leitor se acostuma com a informação escolhida e publicada diariamente pelos jornais.

Fala também sobre o despreparo de muitos editores que, por serem “híbridos culturalmente”, distorcem a realidade. O editor comenta, além disso, sobre a rivalidade dos países: “a mesma diferença que existe sobre a soja ou a carne entre um país e outro, existe também com a notícia”, diz.

A elite mercantilista, segundo ele, também não está interessada na região, não busca fortalecer a interação dos seus meios de comunicação.

Para o editor, sobretudo a desordem e a falta de uma regulamentação da profissão, deixam o jornalismo à mercê de interesses apenas econômicos.

A entrevista completa:

PESQUISADOR - Como a América Latina está representada no Jornal *Clarín*?

CLARÍN - *Antes da crise (argentina) o Clarín tinha a maior rede de correspondentes da América Latina do que qualquer outro diário latino-americano, era o maior. Depois da crise, se deteriorou um pouco...*

PESQUISADOR - Possuía quantos correspondentes?

CLARÍN - *Tinha ... deixa eu ver... México, Venezuela, Cuba, Brasil, Colômbia, Peru, Chile, Paraguai, Bolívia... havia nove ou dez; além da Europa e dos Estados Unidos. Esses correspondentes trabalhavam muito e mandavam bastantes notícias.*

PESQUISADOR - Em uma pesquisa de recepção que estamos realizando com leitores do MERCOSUL, percebe-se, até o momento, que as pessoas querem ler sobre o continente e não estão encontrando esse tipo de informação nos jornais.

CLARÍN - *Pagamos por colaborações e baixaram as colaborações, alguns deixaram de trabalhar porque não lhes convinha mais, temos poucas colaborações, pouco dinheiro. Se não entender meu espanhol...*

PESQUISADOR - Estou entendendo. Hoje têm quantos colaboradores?

CLARÍN - *Estão quase todos, mas diminuí muito a quantidade de notas que enviam.*

PESQUISADOR - No Brasil, os principais jornais só possuem um correspondente, sempre em Buenos Aires, até mesmo a *Rede Globo*, até março (2004), não possuía nenhum, agora possui um também em Buenos Aires. Quando acontece algo na Bolívia, por exemplo, um correspondente a partir dos Estados Unidos é quem cobre o fato. Quando Álvaro Uribe ganhou as eleições presidenciais da Colômbia, por exemplo, a correspondente Zileide Silva, divulgou o resultado direto da sucursal de Nova Iorque para o *Jornal Nacional*. E aqui na Argentina, isso ocorre?

CLARÍN - *Não, de maneira alguma não se faz isso, usamos ou um correspondente próprio, ou enviados especiais ou as agências de notícias.*

PESQUISADOR - Este é um outro ponto a que quero chegar, com quais agências o *Clarín* trabalha?

CLARÍN - *Todas, menos Reuters, tínhamos há três anos, mas por problemas financeiros... não sei o que ocorreu.*

PESQUISADOR - Noto que os jornais latinos não utilizam as agências de informações latino-americanas...

CLARÍN - ***Não?***

PESQUISADOR - Não! Não sei por quê. Dizem que não utilizam a agência de Cuba, por exemplo...

CLARÍN - *Não, mas nós muito menos!*

PESQUISADOR - É só um exemplo, quero dizer que não usam as agências nacionais dos países latinos. A de Cuba, por exemplo, porque, segundo eles, teria uma ideologia comunista. As do México, uma ideologia corrompida com o seu governo, as da Bolívia, o mesmo, e assim por diante. E as agências internacionais também não estão corrompidas com os seus respectivos governos? O *Clarín* utiliza alguma agência latina?

CLARÍN – ***Primeiro, não usamos as agências latino-americanas; às vezes se consultam. Às vezes temos um serviço por um tempo, mas em geral não as utilizamos, só as internacionais.***

PESQUISADOR - Qual o motivo?

CLARÍN - ***A verdade é que em uma agência da Venezuela não vamos ver nada que não vemos em uma agência internacional, se o momento for importante.***

Sentimos profundamente o que ocorre todos os dias tanto em Cuba como na Venezuela, por exemplo, qualquer notícia, publicamos.

As agências internacionais, creio eu, que nós jornalistas profissionais já sabemos como manuseá-las, obviamente sabemos como interpretar, equilibrar, moderar; nunca trabalhamos com uma só agência, sempre se trabalha com várias agências. Creio que não há problemas, hoje com a Internet, possuímos uma variedade tão grande de informações, que parece que desapareceu um pouco esse problema que tínhamos, em que só se falava de uma grande potência. Creio que agora houve um equilíbrio nesse sentido. E se temos que trazer um tema de maior envergadura, eu já sei que temos colegas correspondentes e outros meios em que podemos confiar.

PESQUISADOR - E na América Latina não temos meios nos quais podemos confiar e utilizar? Por exemplo: estudando o jornal *El Tiempo*, da Colômbia, vimos que ele usa periódicos de outros países para tratar de assuntos internacionais, no entanto, para falar da região, de países vizinhos, ele usa meios como o *New York Times* (NYT), e *Le Monde*.

CLARÍN - *Bom, nós temos os serviços de NYT e Le Monde e também usamos para América Latina. Mas quando temos algo importante nós temos um correspondente, um contanto, uma assistência...sempre existe alguém aí. E quando tem uma eleição, uma revolta, mandamos sempre alguém.*

PESQUISADOR - No Brasil temos menos notícias sobre a América Latina que nos demais jornais da região, em sua opinião por que isso ocorre? O Brasil está de costas para seus vizinhos?

CLARÍN - *Este é um velho problema que temos na América Latina. O que ocorre em determinados países é mais importante do que o que ocorre aqui ao nosso lado. Creio que essa situação mudou um pouco nos últimos tempos, pelo menos na imprensa argentina, já a imprensa brasileira sei que tem alguns problemas. Vejo um certo "centrismo" em alguns países, existem países que se olham tanto a si mesmos, que possuem dificuldades de olhar para fora. A Argentina tem se caracterizado por ter sempre uma grande cobertura da Europa e EUA. Os novos meios como Internet e a televisão, sobretudo a Internet, são outras formas que a gente tem para se informar e ver as coisas. Então, se alguém está muito interessado*

no que ocorre no Panamá, entra nos diários panamenhos na Internet e vai seguir as notícias.

PESQUISADOR - Por que nas nossas editorias de internacional, as notícias de países que não são da região são grande maioria, principalmente Estados Unidos e Inglaterra?

CLARÍN - *Eu creio que tem a ver com o manejo da informação, em que persistem, geralmente, os conceitos dos seus editores, que atribuem maior importância às eleições de um país do que às de outro, por exemplo. E no caso dos EUA este momento particular, é crucial para a história e para a humanidade.*

PESQUISADOR - Mas como um todo, por que isso ocorre? É por que o latino se interessa mais pelos EUA e pela Europa?

CLARÍN - *Eu creio que para nós interessa mais o que se passa nos EUA e na Europa em geral. Por outro lado o fluxo informativo provém em sua grande maioria dos EUA e Europa, o que é acertado por muitos editores; além disso, **se você publica constantemente dessa maneira a informação evidentemente o leitor vai se acostumar a receber assim.** É muito difícil escolher os temas, muito difícil.*

PESQUISADOR - Como é feita a seleção das notícias? Chegam informações de todo o mundo? Como o senhor elege o que vai sair e o que não vai, este país e não aquele?

CLARÍN - *É a importância jornalística, informativa, seja de onde for, se toda a editoria tem que ser sobre os Estados Unidos ou tudo sobre o Chile é o mesmo, não nos importa isso. O básico é que nos Estados Unidos e na Europa se gera uma maior quantidade de informação que no Equador. Então, evidentemente, uma editoria vai ter mais possibilidades de ser dos Estados Unidos do que do Equador. Por outro lado, é difícil escolher os temas. Como eu vou eleger uma notícia dos Estados Unidos ou sobre uma eleição municipal de um general no Peru? É muito difícil eleger uma notícia em detrimento da outra.*

PESQUISADOR – Um estudo do pesquisador Al Hester (citado no item 3.2.3.2), mostra que alguns temas são enfatizados e exagerados na retransmissão das

notícias que saem e que voltam para a América Latina por meio dos serviços das agências internacionais. Primeiro ele constatou que apenas 7,8% das informações originais foram retransmitidas, e o mais grave, apenas 13,8% do total das notícias originais tratavam sobre terrorismo e violência, já nas retransmitidas pelas agências eram 47,6%. Percebe-se um filtro que torna um assunto menor em maior, evidenciando uma manipulação.

*CLARÍN - **O leitor não elege absolutamente nada, ele apenas elege no diário ler uma notícia em vez de outra, mas lamentavelmente não elege mais nada. Nada se pergunta aos leitores, como se ele quer saber informações sobre Honduras ou da Bélgica, nada lhe perguntam, esse é um problema dos jornalistas.***

Os leitores são manipulados por preconceitos e as notícias são mais atrativas se são negativas do que se são positivas. Não se mostra a identidade de um povo. No entanto, sempre vão aparecer preconceitos acerca de alguns países famosos pela violência.. Muitos dos editores não conhecem a América Latina, muitos... este é outro problema. Além disso, as agências internacionais, recebem as informações de países latino-americanos onde também há editores com preconceitos. Em geral, a maioria dos editores que trabalham na AP em Nova Iorque, anos atrás, eram o que eu chamo de híbridos culturais, porque não tinham nem a cultura anglo nem a latino-americana, eram hispanos criados nos EUA que não conheciam a América Latina e que tão pouco eram anglos. Um estadunidense que tinha uma visão estadunidense do mundo, isso é um problema grave que atinge a todos. Também trabalhei na CNN e Atlanta e existe exatamente o mesmo problema: editores híbridos culturalmente que não têm a menor idéia do que se sucede na América Latina. E eles estão convencidos, absolutamente convencidos, que são totalmente latino-americanos e que entendem perfeitamente a realidade latino-americana. É muito difícil romper isso, porque eles são os tradutores, da realidade latina para um chefe anglo.

PESQUISADOR - Por que os periódicos latino-americanos não tentam um contra-fluxo? Por exemplo, quando ocorre algo em Buenos Aires, não seria melhor o jornal brasileiro *O Estado de São Paulo* utilizar como fonte o *Clarín* do que AP ou *Le Monde*?

CLARÍN - *Seguramente por interesses econômicos, os empresários brasileiros desconfiam muito dos empresários argentinos e os argentinos dos brasileiros...*

PESQUISADOR - **E dos empresários estadunidenses não desconfiam?**

CLARÍN - *Não, **não neste caso. Compramos o serviço, sabemos que este é de qualidade e isso nos parece magnífico.** O Clarín vende os seus serviços para alguns periódicos na AL, mas são muito poucos, muito poucos!*

PESQUISADOR - *E uma agência latino-americana como propôs a UNESCO...*

CLARÍN - *O MERCOSUL deveria ter essa agência.*

PESQUISADOR - *E por que não há essa agência?*

CLARÍN - *Não é importante, não é interessante.*

PESQUISADOR - *Por que é mais cômodo comprar uma notícia dos EUA que criar sua própria agência?*

CLARÍN - *Poderia haver uma aliança entre as agências nacionais brasileiras, argentinas, uruguaias e paraguaias. E criar um serviço comum do MERCOSUL, seria interessante. Um serviço, por exemplo, de economia do MERCOSUL ia entrar muito bem em alguns mercados europeus que estão interessados em produtos da região; mas não é visto como algo que vai gerar dinheiro. Ninguém está interessado nisso, **a sociedade absolutamente mercantilista em cada um de nossos países se deixa levar pelo mercado.** Se o mercado não entende que existe uma demanda, uma quantidade de dinheiro a receber, não se importa. A quem vai importar? Ao govern, não importa de maneira nenhuma; abre a boca e diz: vamos fazer tratados! Mas não se faz nada. As tentativas que houve tanto de empresários brasileiros para criar periódicos na Argentina ou de argentinos no Brasil, fracassaram. **A mesma diferença que existe acerca da soja ou a carne entre um país e outro existe também com a notícia.***

PESQUISADOR - *E nós jornalistas não temos uma responsabilidade? Passamos a informação e não consultamos o público, sendo que trabalhamos especificamente para ele. Os interesses econômicos falam mais alto que os informativos?*

CLARÍN - Totalmente, nós na Argentina não temos um colégio, não temos nenhuma organização que exija nossa profissão, que marque a ética da profissão. Existe na Argentina um problema gravíssimo, estamos como o resto da população e das outras profissões, à deriva, à mercê dos interesses econômicos. Ninguém tenta modificar. Há alternativas, mas tentamos fazê-las? É muito difícil.

PESQUISADOR - Os jornalistas querem falar o que bem entendem e não querem ser cobrados. Se um médico cometer um erro o seu registro é cassado, os jornalistas não. E não aceitam essa possibilidade.

CLARÍN - *Passa o mesmo aqui. Não há um grupo de jornalistas que regulamente a profissão, como para os médicos, os advogados... É um desastre, o **jornalismo na Argentina, principalmente na televisão, é terrível, muito ruim. Não há nenhuma ética e não se faz absolutamente nada.***

3.3.2.2 Editor do *La Nación* (Argentina)

Em Buenos Aires também foi entrevistado o responsável por internacional do *La Nación*. Em um diálogo breve, também ajudou a entender como pensam alguns editores.

O jornal também não utiliza nenhuma agência da região. Bernabé confia plenamente nas agências de notícias internacionais que, segundo ele, são um serviço que já mostrou funcionar bem e não tem porquê mudar.

Todavia, vê a necessidade de trocar informações entre os próprios latinos e comenta que o seu jornal faz parte do Grupo de Diários América, GDA. Trata-se de um grupo de jornais da região que fazem intercâmbios de informações entre si.

A seção *notícias de América Latina*, comentada na entrevista como algo que representasse a América Latina refere-se a uma única coluna, com notas que não passam de cinco linhas, sem a menor contextualização dos fatos.

Leia parte da entrevista:

PESQUISADOR – O jornal trabalha com quais agências de notícias?

LA NACIÓN – *Todas! AP, AFP, Reuters...*

PESQUISADOR - Alguma agência latino-americana?

LA NACIÓN – *Não, latina, nenhuma.*

PESQUISADOR – Por que não as utilizam?

LA NACIÓN - Em geral, as agências internacionais têm presença em todo o mundo, inclusive na América Latina. O nosso diário tem todas as agências, e **AP e Reuters, são agências muito confiáveis, então é um serviço que já está comprovado que funciona bem, por isso não vejo nenhuma necessidade de modificá-lo.** Existem agências latinas que não têm tanta confiabilidade como estas. De toda maneira, para compensar isso, o diário faz parte de um grupo que se chama **Grupos de Diários América**, um grupo integrado por periódicos da América Latina; tem jornais do Chile, do Uruguai...

PESQUISADOR - Possuem algum site?

LA NACIÓN - Não, não... é um acordo entre os jornais para compartilhar notícias, materiais próprios.

PESQUISADOR - Têm uma sede?

LA NACIÓN – Sim, tem um escritório aqui. Não temos (sócios) em todos os países, mas em uma grande parte sim.

PESQUISADOR - E correspondentes, o jornal possui? Onde?

LA NACIÓN - No Uruguai, no Chile e no Brasil.

PESQUISADOR - Por que há tão poucas notícias sobre a América Latina em nossos jornais?

LA NACIÓN - Compre o jornal de amanhã e vai constatar que há uma seção que sai duas vezes por semana, quartas e sábados, que se chama “**notícias de América Latina**”. Dentro da editoria de internacional, destina-se uma parte para notícias breves da região, mas sai duas vezes por semana. **E os EUA e a Europa têm muita importância.**

No final da entrevista, como citado anteriormente, houve problemas técnicos com a gravação, resume-se:

Quando perguntado por que as notícias que saem sobre a região são quase sempre denegrindo os países e povos, o editor afirmou que a culpa é da população,

que é típico do latino-americano interiorizar-se: portanto, a culpa não é dos jornalistas, já que realmente **acontecem mais coisas ruins do que boas na América Latina.**

Sobre a seleção das informações, diz que um jornalista seleciona as notícias pela manhã e à tarde o editor diz o que será publicado, segundo ele não há edição de material, nem investigação e nem confrontamento de fontes: “publicamos como vêm das agências, elas são confiáveis”.

Comenta também que o público gosta da editoria de internacional e que não existe necessidade para a criação de uma agência na região, “as grandes atendem muito bem”. A utilização de jornais do Norte para falar de assuntos do Sul é vista com bons olhos pelo editor, segundo ele, *New York Times* é muito confiável.

3.3.2.3 Editor do *El País* (Uruguai)

Na capital uruguaia também foi visitada a sede do jornal *El Observador*, mas o pesquisador não foi recebido.

No Uruguai a proximidade física e cultural com a Argentina estreita muito o jornalismo dos dois países, principalmente por parte da imprensa do Uruguai – *cultura da proximidade*.

Na entrevista confirmam-se mais uma vez os dados da pesquisa, o editor chega a comentar que os países da região só são notícias em momentos de crise, segundo ele, só se fala do Chile, por exemplo, quando há ligação com Pinochet, já do Peru, do Equador e da América Central não se fala quase nada, só quando existem crises.

Para Aguiar, falar de George W. Bush e Tony Blair é optar pela paz, não se discute o valor, as pessoas os escutam. E quem quiser saber sobre a região que procure! Já que as informações da região não são “grandes notícias”, não vendem jornal, como comenta o editor. Para ele somos, tradicionalmente, apenas receptores de notícias internacionais, o jornalismo latino só busca a miséria e a violência. E a origem deste problema vem da formação dos profissionais que se pauta na idéia de que a situação nunca vai mudar. Por outro lado, segundo o entrevistado, os Estados Unidos e a Europa enviam as notícias das coisas boas que fazem.

Segundo o editor, também é muito mais “interessante” falar acerca das produções cinematográficas dos EUA do que das latinas. Sobre as agências latinas,

diz possuem um material de baixa qualidade, “uma porcaria,” e que as agências estadunidenses, chega a confessar, têm a cultura do país de origem, mas são comprometidas com a informação.

Confira a íntegra:

PESQUISADOR - A América Latina não está bem representada em nossos jornais, faltam jornalistas etc... O *El país* possui correspondentes?

EL PAÍS - *Apenas um na Argentina, em Buenos Aires. A informação está dividida, por exemplo, a editoria de economia dá muitas notícias econômicas do MERCOSUL. A editoria de nacional fala sobre política do MERCOSUL não estão estritamente na edição de Internacional. **Por tradição temos muito mais atividade em notícias da Argentina que do Brasil. O Brasil é um país muito complexo, sua política não é muito conhecida, não são populares.***

PESQUISADOR - Mas da América Latina, em geral, publicam muitas coisas?

EL PAÍS - *Em geral não são tantas notícias, **tem muito mais notícias**, agora, por exemplo, sobre a **guerra do Iraque, sobre os Estados Unidos, Oriente Médio e Europa que da América Latina, com a exceção da Argentina.***

PESQUISADOR – O público tem interesse nas matérias sobre a América Latina?

EL PAÍS - *Tem um pouco de interesse sim, isso um pouco eu vivi também: escolher Europa ou América Latina? **Tem pouca coisa sobre a América Latina. O estudante que quer saber algo sai à procura. Por exemplo, **sobre o Chile, nós informamos muito pouco, só sobre o caso Pinochet; da Colômbia se fala mais, agora Peru, Equador... e América Central muito menos, só com crises no governo.*****

PESQUISADOR – por que, já que os periódicos são latinos, se dá mais espaço para o Oriente Médio, Iraque, EUA... Analisando os países que saem em nossos jornais, vimos uma diferença muito grande na quantidade de notícias destes países em relação às latinas.

EL PAÍS - *Não sei, não temos um estudo sobre isso, **é uma questão de intuição, a de só optar pela paz, as pessoas escutam e vêem Bush, Tony Blair, não se discute o valor.***

PESQUISADOR - O leitor não lê sobre os governantes latinos porque quase não são noticiados, a não ser em crises, como o senhor mesmo disse.

EL PAÍS - Não, não... se você tem um pouco de interesse busque na Internet, o que toma conta das pessoas são as grandes notícias!

PESQUISADOR – *A agenda setting...*

EL PAÍS - Não a conheço!

PESQUISADOR - É uma corrente da comunicação que demonstra que o que sai nos periódicos várias vezes passa a fazer parte da agenda dos indivíduos, então se o jornal só fala do presidente Bush, só vai interessar aos leitores saber sobre ele. Eu mesmo não sabia que estava acontecendo eleição presidencial (outubro de 2004) no Uruguai, na grande mídia do Brasil não vi nada sobre o assunto. Se sáísse, as pessoas se interessariam. Nas ruas da Argentina todos estavam lendo sobre o tema, pois estava estampado em todos os jornais.

EL PAÍS - A coisa é dramática. Só sai algo do governo quando há um acontecimento muito chamativo, aí informamos. Mas também informamos, por exemplo, em matéria econômica, muito mais sobre o Brasil e a Argentina que do Oriente Médio.

PESQUISADOR - Analisando o conteúdo das notícias internacionais vemos que elas enaltecem infinitamente mais os Estados Unidos do que a região. Por que essa inferioridade, por que os latinos são colocados sob clichês: Chile/Pinochet, Cuba/Fidel, Colômbia/drogas... enquanto do hemisfério norte se fala da cultura, do seu povo? Por que os assuntos estão tachados nestes temas?

*EL PAÍS - Boa pergunta; em parte nós **somos receptores de notícias internacionais, por tradição** as notícias são de agências e temos o conhecimento que o jornalismo **na América Latina é um jornalismo que busca mostrar a miséria, a violência**, é muito difícil encontrar notas como tu disseste que enaltece qualquer atitude na América Latina.*

*O jornal La Nación (Argentina), quando houve a crise envolvendo o governo de La Rua, o Corralito e toda a depressão, passou a publicar todo dia em primeira página notas policiais. **O jornalista latino é formado em universidades em que há um clima de pessimismo da realidade**, o que não acontece na Europa e nos*

Estados Unidos, que enviam notícias boas do que fazem. Aqui quando o governo faz uma coisa boa falam 'la, la, la, la...'

PESQUISADOR - Sobre a cultura também não fala. Quando o *filme Homem Aranha* foi lançado no Brasil, cadernos e mais cadernos foram rodados sobre o assunto, agora quando foi lançada a película *Diários de Motocicleta* não falavam quase nada, e quando falavam era para apontar possíveis falhas.

EL PAÍS – com relação ao cinema é muito mais interessante falar o que se passa em um filme norte-americano (estadunidense) do que um filme da América Latina.

PESQUISADOR – Com quais agências o jornal trabalha?

EL PAÍS – Todas.

PESQUISADOR - Reuters?

EL PAÍS – Não.

PESQUISADOR - UPI?

EL PAÍS - Muito menos, temos EPA.

PESQUISADOR - E latino-americanas?

EL PAÍS - Temos uma que se chama IPS das Nações Unidas.

PESQUISADOR – Por que o receio em usar as agências latinas? As estadunidenses e européias também não podem servir aos interesses de seus países?

EL PAÍS - Não, não são empresas privadas, têm a cultura americana (estadunidense) mas não estão comprometidas.

PESQUISADOR - E na América Latina não tem uma agência assim?

EL PAÍS - Usamos uma da Argentina, mas possui cobertura bastante limitada. Mas quando ocorre algo importante no país, ela tem muito mais informação que France Press ou EFE.

PESQUISADOR - Por que nossas informações são manipuladas de forma a nos denegrir e na Europa, por exemplo, não ocorre o mesmo?

EL PAÍS - *Porque na Europa a corrupção não é tão grande como aqui. Aqui a realidade é esta. E **quando chegam essas notícias temos que publicá-las porque são notícias que vendem. É uma tendência natural do jornalismo!***

PESQUISADOR – Quais as principais fontes de informação, além das agências?

EL PAÍS - *Nós fazemos parte do Grupo de Diários América, que faz parte La Nación (Argentina), El Tiempo da Colômbia, El Mercurio do Chile, Zero Hora do Brasil, Diário de Lima e El Nacional de Caracas, trocamos informações.*

PESQUISADOR - Como é feita a seleção das notícias vindas das agências?

EL PAÍS - *O editor-chefe elege, diz você tem 3 páginas, 4 páginas. Não podemos pôr toda a informação, temos que selecionar, usar o discernimento.*

PESQUISADOR - E se tem preocupação de destinar um espaço para a América Latina?

EL PAÍS - *Sim, sobretudo da Argentina.*

PESQUISADOR - E há um espaço específico?

EL PAÍS - *Sempre pensamos em algo sobre a América Latina, estamos dando pouca informação.*

PESQUISADOR - Há uma preocupação das editorias então?

EL PAÍS - *Há uma inclinação natural em se interessar pela América Latina. Mas há duas questões: uma porque **a informação dos EUA interessa um universo muito maior no Uruguai do que do Equador ou do Chile.** Por outro lado temos que ter boas fotografias, infografia, materiais de apoio, e se você for olhar, por exemplo, as fotos que vem das agências de notícias da Argentina são uma porcaria. O que se passa no Chile, as fotos são uma porcaria. Agora olhe as campanhas que vem do Iraque, da Europa ou EUA.*

PESQUISADOR - E por que possui poucos correspondentes?

EL PAÍS - Pelo dinheiro, **gostaria de poder enviar correspondentes**.

3.3.2.4 Editor do *Correio Braziliense* (Brasil)

O editor do *Correio*, como o do *Clarín*, demonstrou preocupação com as notícias da região, apesar de não utilizar agências latinas, o editor mostrou grande interesse em trabalhar as notícias e consultar diversas fontes de informação e envolvidos nos fatos para ter um diferencial.

Diz ter acordos com jornais de fora da região para temas internos, porém, segundo ele, os materiais desses periódicos são limitados e o foco deles é o hemisfério norte. Por isso consulta diversos jornais do continente antes de publicar a notícia. Mostra preocupação também com as informações oriundas da África e da Ásia.

O entrevistado diz procurar trabalhar os temas e dar capacidade de entendimento aos fatos. O que confere com o resultado da análise feita no jornal, onde na categoria *destaque* o jornal *Correio Braziliense* teve conceito *bom* na maioria das notícias publicadas, como já citado.

Comentou que após o 11 de setembro houve o fim do multilateralismo e a maior pressão por parte dos Estado Unidos nos meios de comunicação; no entanto, ele percebe que a América Latina vem ganhando espaço nos jornais, principalmente nas editorias do Brasil; segundo ele, pelo papel de liderança que o país vem assumindo na região.

Ao contrário do que disse os outros entrevistados, para ele a tendência em publicar notícias alarmistas é do hemisfério norte, e que este fenômeno é percebido em seus jornais e em suas agências, daí sua preocupação em tratar e checar suas informações.

Acompanhe:

PESQUISADOR- Com quais agências internacionais o jornal trabalha?

CORREIO - *France Press, AP, Ansa e Reuters e temos contrato com The Washington Times e Los Angeles Times, podemos usar material deles na íntegra.*

PESQUISADOR- Alguma agência latina?

CORREIO - *Não, especificamente latino-americana não.*

PESQUISADOR- Por quê?

*CORREIO - **Nós trabalhamos com agências que cobrem bem a América Latina, todas elas, especialmente AFP e Reuter; AP e Ansa menos.** A América Latina também é uma região onde temos bons contatos, bons repórteres, boas fontes em todos os países do continente, é o continente onde temos mais facilidades em acesso às fontes.*

PESQUISADOR- Por que a América Latina sai tão pouco no jornal? Possui uma preocupação com o continente? Por que estamos tão “distantes”?

*CORREIO - Tem várias influências, diversos fatores. Em primeiro lugar, a importância global dos assuntos, a influência... e principalmente desde os atentados de 11 de setembro a influência dos EUA aumentou muito. **O que se vê é realmente uma derrocada do multilateralismo e uma ascensão do unilateralismo norte-americano (estadunidense)**, em que as posições que o governo norte-americano defende hoje, têm muito mais influências do que tinham durante a Guerra Fria, por exemplo. Com o fim da Guerra Fria essa ascensão dos Estados Unidos se acentuou e agora então com a guerra ao terror o que se vê realmente é a importância maior das decisões que são tomadas pelos EUA.*

*Agora **o noticiário latino-americano vêm ganhando força** nos últimos meses, nos últimos anos, principalmente por esse papel maior de liderança que o Brasil está tendo no continente. A missão no Haiti, a participação importante que o Brasil tem na solução da crise na Bolívia, a ligação maior do governo brasileiro com o governo Hugo Chaves, a ascensão dos governantes de esquerda em toda a América do Sul...*

O espaço da edição da Internacional também é normalmente limitado quando se compara com as outras editorias do jornal. O nosso trabalho de seleção tem infelizmente que ser rigoroso.

PESQUISADOR - Como é feita a seleção? Como chegam? Como é editado o material? Quais países vão sair?

CORREIO - O grau de relevância da notícia é bastante avaliado, o alcance, o quanto essa notícia afeta o público alvo, o leitor também tem que ser levado em conta. E

também temos que considerar que o público é o brasileiro, as nossas apostas geralmente são em um material mais detalhado também. Então além da relevância do nosso público e da relevância para o mundo, a gente tem que levar em conta que tem que ser um material mais trabalhado, mais rico. Não adianta nada eu ter uma notícia de grande impacto se eu não vou ter tempo ou não ou ter cursos para trabalhar melhor aquela notícia e dedicar um espaço maior. Uma aposta de primeira página, colocando, por exemplo, uma análise da notícia, às vezes isso não pode ocorrer, porque a notícia ocorre muito tarde, às vezes não pode ocorrer porque eu não tenho um repórter mais adequado para cobrir, que entenda melhor disso e a edição acaba ficando um pouco prejudicada por causa disso.

PESQUISADOR- As fontes principais são as agências?

CORREIO - As fontes principais são as agências, a gente busca entrar em contato com as pessoas que estavam relacionadas ao tema, analistas, ou pessoas que participam da notícia. O caso da Bolívia foi muito interessante, nós conseguimos falar com os três principais líderes da oposição do governo do presidente Carlos Mesa, isso sem correspondentes, tudo por telefone.

PESQUISADOR- O jornal possui algum correspondente?

CORREIO - Na América, no momento, não.

PESQUISADOR- Onde?

*CORREIO - **Temos um em Paris.***

PESQUISADOR- Já teve algum na América Latina?

CORREIO - Já tivemos um em Buenos Aires, durante um bom tempo. Na questão do Haiti nós temos contato freqüente com o comando da missão brasileira, então buscamos também fazer esse material mais diferenciado, apesar de não contar com os correspondentes, esforçamos para ter uma informação diferenciada.

PESQUISADOR- O jornal faz parte de algum grupo latino para intercâmbios de informações?

CORREIO - Aqui nós não participamos desse sistema. O que nós fazemos é consultar com frequência outros jornais aqui do continente, para saber o que está acontecendo.

PESQUISADOR - Não chega a fazer o intercâmbio?

CORREIO - Não há.

PESQUISADOR - Alguns jornais para tratar de assuntos de países da região utilizam como fonte jornais europeus ou estadunidenses. O que é uma discrepância buscar a notícia em outro hemisfério para tratar do vizinho.

CORREIO - Isso é verdade...

PESQUISADOR - Também acontece no *Correio*?

CORREIO – Não, raramente. O material pelo que eu tenho notado do NYT e de Washington Post sobre a América Latina tem algumas limitações, não é um material tão rico, eles investem realmente em notícias locais dos EUA e Europa, mais o hemisfério norte mesmo. O que nós fazemos mais aqui é consultar os jornais de cada país. Por exemplo: Venezuela, consultamos o El Universal, El Nacional; Argentina, Clarín e La Nación; Observador e o El país no Uruguai e o ABC Color no Paraguai. Então essa é uma outra forma de completar o material e não ficarmos tão dependentes das agências de notícias.

PESQUISADOR - Quanto ao conteúdo das notícias, nossos jornais mostram a cultura, o povo da Europa, dos EUA, e o mesmo não acontece com a região. Por quê as notícias da região se resumem a golpes, tráfico, violência...?

*CORREIO - Eu acho que esse material até que é equilibrado. Um exemplo disso foi o encontro agora, dos quatro Chefes de Estado: Zapatero (primeiro-ministro da Espanha) Lula (Brasil), Kirchner (Argentina) e o Chaves. Esse material foi da nossa posse, **um material bem trabalhado totalmente voltado para a integração latino-americana**, o esforço desses países regionais para integrar infra-estrutura, estradas, energia, etc.*

PESQUISADOR- E sobre a cultura? Até mesmo na TV não estamos bem representados, dificilmente você vai ver um *Globo Repórter* mostrando o estilo de vida, os costumes e a cultura do Panamá ou da Guiana, por exemplo.

CORREIO - Nesse ponto temos uma limitação mais editorial, que na verdade esse material mais de base, mais cultural, material que não é 'hard news', ele na verdade teria que ser mais discutido e outras partes do jornal, por exemplo; seria uma pauta interessante para o caderno pensar. Na verdade até já foi feito, eu me lembro que já até participei de um "pensar" algum tempo atrás, já deve ter uns dois anos, sobre integração sul-americana. Teve um outro material interessante também sobre culturas indígenas na América do Sul, uma repórter que infelizmente não está mais aqui, a Sandra Lefcovich, percorreu o Peru, Chile, Bolívia... Conhecendo culturas locais, conhecendo os quichuas, e outros povos e fez um belo material.

PESQUISADOR - E o público, o leitor do *Correio* se interessa pela América Latina?

CORREIO - Eu acho que se interessa, é difícil você constatar, dizer apenas isso, interessa na América Latina ou interessa mais na Europa, porque depende muito da notícia, do que acontece. Pode acontecer algo na Europa que vai ter mais importância pra gente que outro fato na América Latina. Mas acho que interessa muito a região sim. Na Bolívia, por exemplo, a (estatal brasileira) Petrobrás é responsável por praticamente um quarto do Produto Interno Bruto do país. O Paraguai, a fronteira, a crise, o contrabando, afeta a economia dos dois países, então isso tem um impacto direto na população brasileira. Esse fator que vai se observando dos governos de esquerda aqui, a população gosta de entender o porquê isso acontece, então o que eu vejo é que há um interesse da população por parte desses temas, a população quer saber o que acontece no Haiti etc.

PESQUISADOR - O jornal já pensou em dedicar uma parte da edição exclusiva para a América Latina?

CORREIO - Não, nos não pensamos nisso exatamente por causa da limitação do espaço, não temos como garantir que durante longos períodos nós íamos ter sempre um espaço claro para a América Latina. Por exemplo, agora o noticiário com a morte do Papa vêm dominando quase que completamente as páginas da edição.

PESQUISADOR – Mas, no geral?

CORREIO - É complicado, normalmente nós temos três páginas só, na maioria dos dias nem isso por causa dos anúncios, duas e meia ou duas páginas, então é complicado trabalhar com uma coluna fixa. Mas é uma área que realmente desperta o interesse do leitor e, realmente teve ter uma atenção especial.

PESQUISADOR - Um estudo do pesquisador Al Hester, mostra que alguns temas são enfatizados e exagerados na retransmissão das notícias que saem e que voltam para a América Latina, por meio dos serviços das agências internacionais. Primeiro ele constatou que apenas 7,8% das informações originais foram retransmitidas, e o mais grave, apenas 13,8% do total de notícias originais tratavam sobre terrorismo e violência, já nas retransmitidas pelas agências eram 47,6%. Percebe-se um filtro que torna um assunto menor em maior, uma manipulação. Como o jornal encara isso?

CORREIO - Eu acho que essa tendência para se publicar notícias mais alarmistas num tom mais negativo, essa tendência realmente existe, principalmente nos meio de comunicação do hemisfério norte. Mas aqui a gente procura sempre ter esse cuidado ao tratar desses assuntos, especialmente América Latina, África e Ásia. Mas essa tendência realmente nós notamos tanto nos próprios jornais de lá como nas agências de notícias. Um exemplo claro foi o caso do jornalista Larry Rother do NYT, é uma matéria que se não ocorresse toda aquela polêmica, provavelmente passaria despercebida, lá nos EUA era mais uma notícia sobre polêmica no Brasil, um caso negativo.

PESQUISADOR - E outras notícias vindas das agências sobre outros países podem também não serem verdadeiras e o jornal publicar sem saber?

CORREIO - Isso pode ocorrer, por isso é importante ter a continuação, o contato direto com fontes ligadas ao tema, para evitar esse tipo de problema. Isso ocorre, isso é normal nas agências e nos jornais, que notícias com erros de ortografia, ou nome de um entrevistado trocado. A competitividade acaba contribuindo para isso.

PESQUISADOR - E a não utilização dos meios latinos se dá por qual motivo?

CORREIO - Na verdade o jornal procura otimizar, da melhor maneira possível, também a sua fonte de pesquisas. Então a gente acaba privilegiando essas

agências com uma estrutura mais global, que consegue mandar notícias de todas as partes do mundo, com isso as agências mais regionais acabam ficando também mais de lado. E como na América Latina a gente tem essa facilidade de ter contatos com as pessoas, de realizar as entrevistas, de tirar dúvidas, essas agências acabam não tendo uma viabilidade. Claro que o ideal seria ter todo esse contato, de utilizar matéria deles... Mas infelizmente são várias limitações que existem também.

PESQUISADOR – Em maio faz 25 anos da publicação do informe MacBride (entrevista realizada em março), o que nós jornalistas podemos estar fazendo para resgatar isso, para ter um equilíbrio maior? Ou o sistema atual não permite uma brecha?

CORREIO - Eu acho que é um trabalho de esforço diário, que o jornalista de internacional tem que fazer para buscar as informações realmente diferentes das que estão no dia-a-dia dos noticiários, e esse esforço realmente para alguns meios de comunicação, fica mais difícil, devido à falta de correspondentes, a dependência das agências de notícias. Mas também a Internet e as novas tecnologias estão contribuindo muito, você vê surgirem denúncias em várias partes do mundo. Por exemplo, a polêmica sobre a missão de Paz da ONU no Congo, são informações como essa que surgem e que demora para aparecer em agências de notícias, mas para um jornalista atento, ele consegue captar esses detalhes. Então acho que mesmo que o jornalista não tenha muita possibilidade de sair da redação, de ter um correspondente, mesmo desta forma ele deve se esforçar para encontrar essas notícias através de outros materiais, uma forma de fugir um pouco do noticiário que é dado pelas agências e que domina os jornais.

3.3.3 Percepções das entrevistas com os editores de internacional

As entrevistas com os editores de internacional foram fundamentais para compreender a consolidação do fluxo internacional e perceber a importância que exercem estes profissionais na construção da imagem dos países e povos da região, onde o que selecionam e publicam periodicamente passam a refletir no imaginário coletivo.

Nota-se que as tentativas, quando existem, para criar um contrafluxo não são consistentes e eficazes. Apenas o editor do *Correio Braziliense* mostrou-se

preocupado com o conteúdo das informações das agências internacionais. Por outro lado, o editor do *La Nación* diz publicar na íntegra, sem checagens, o material oriundo das agências as quais confia plenamente.

A única iniciativa de cooperação internacional latino-americana citada foi o *Grupo de Diários América*, do qual fazem parte *El País* e *La Nación*, no entanto, os dados encontrados, até então, não mostraram a eficácia do grupo na quebra ao fluxo hegemônico.

Nenhum dos entrevistados utiliza agências nacionais latino-americanas em seus respectivos jornais. Por outro lado, todos utilizam jornais estrangeiros para tratarem de assuntos da região, além, é claro, das agências internacionais.

A consciência crítica sobre a realidade da comunicação internacional foi percebida por duas óticas distintas: 1) uma que percebe a distorção das informações e se mostra preocupada – *Clarín* e *Correio Braziliense*. 2) e outra que crê que as informações condizem com a realidade da América Latina – *El País* e *La Nación*. Quanto à representação da América Latina em seus jornais, as opiniões encontram a mesma divisão: *Clarín* e *Correio Braziliense* concordam que a região não está bem representada e buscam uma maior representação; e *El País*, em maior grau, e *La Nación*, em menor, que a região já possui a representação necessária.

Os editores não demonstraram nenhuma mobilização ou consciência do seu papel na possibilidade de interação entre os povos do continente. O jornal *Correio Braziliense* e o *Clarín*, mesmo sem projetos concretos, mostraram certa preocupação, mas não foram enfáticos sobre tema.

A pesquisadora FERREIRA (1995) também realizou entrevistas com editores de internacional da região, em que se percebeu que os sistemas de comunicação do país, da região e do continente, que deveriam ser os meios mais apropriados para a exibição de suas qualidades, sua beleza e sua realidade, não os valorizam, não interpretam a sua realidade e não divulgam a sua cultura (49-50).

A autora ainda levanta um outro problema em seu estudo, de bastante relevância: os meios de comunicação por não refletirem sua região, trabalham para a desintegração da região e a serviço da expansão transnacional, como assevera o seguinte trecho:

A partir do exame das entrevistas com os jornalistas latino-americanos, verifica-se que o sistema de comunicação estabelecido através de grandes empresas privadas, cujo principal objetivo é o lucro,

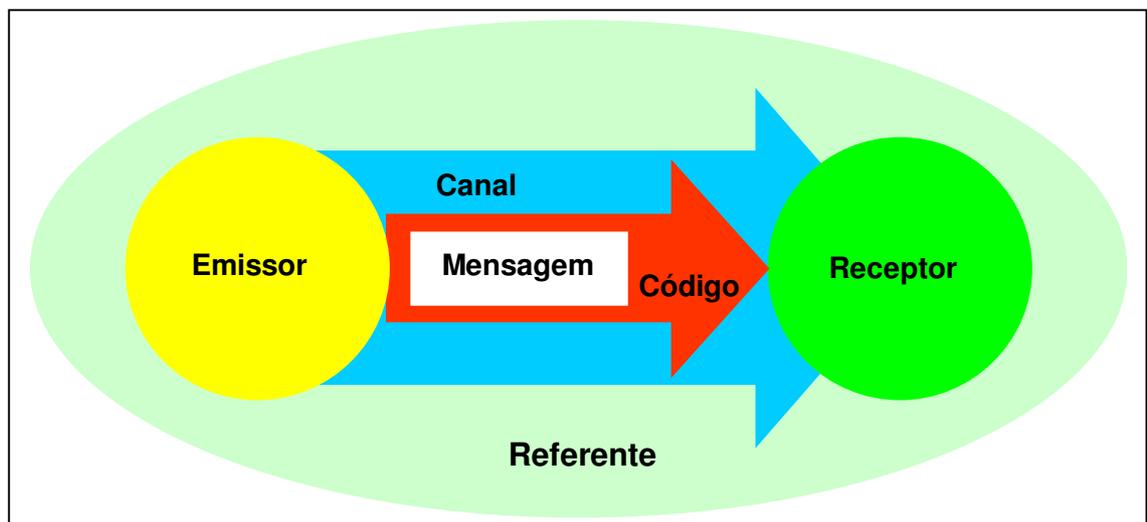
nada fez para integrar o mundo latino-americano; muito pelo contrário, estes meios trabalham para desintegração do continente, confirmado também por observações de Néstor García Canclini, segundo as quais é fundamental o apoio local para a expansão do projeto globalizante. Se os meios de comunicação não cumprem aquelas funções primordiais, de promover a cultura e os valores da região no sentido de fortalecer a unidade. Deixam o caminho aberto para a expansão da cultura transnacional, instrumento poderoso para a implantação do projeto neoliberal. (73).

3.40 RECEPTOR

3.4.1 O destino do sistema

Antes de entrar propriamente no estudo sobre o receptor é necessário identificar cada elemento estudado e o seu posto na engrenagem do sistema comunicacional atual, para que se visualize melhor a posição destes atores. Para tal, faz-se uma correlação com as funções da linguagem, que compõem o ato de comunicação, do lingüista russo Roman Jakobson; não com um enfoque da análise do discurso, mas como uma releitura de seu ideograma.

A correlação faz-se do esquema a seguir:

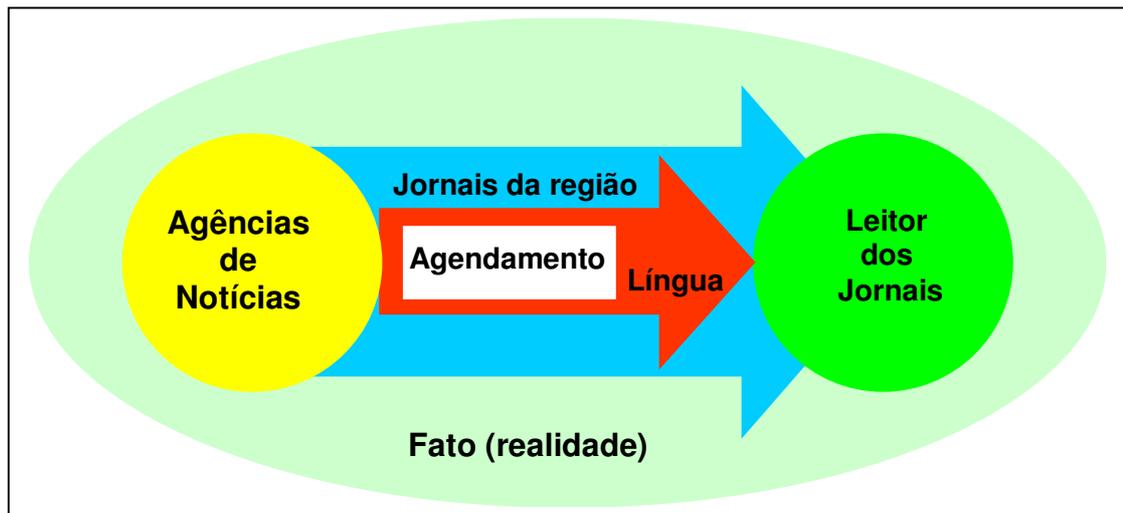


Buscando adequar a definição de cada ator, toma-se como base:

- **Referente:** o fato de que a mensagem trata. Informação bruta. A realidade sem as interferências das agências de notícias e dos jornais.
- **Emissor:** considera-se como sendo as agências de notícias internacionais, são os atores que colhem os fatos no referente e difundem aos jornais.

- **Canal:** faz a ponte entre as agências e o receptor, os jornais latino-americanos.
- **Mensagem:** o conteúdo em que se verifica o agendamento dos fatos.
- **Receptor:** o destino de todo o sistema, o leitor dos jornais.
- **Código:** a metalinguagem não será abordada nesta pesquisa.

A partir destas percepções forma-se o que se acredita ser o sistema comunicacional internacional atual:



Já visto e estudado, nos itens anteriores, o papel e a função - na engrenagem internacional de informações - das agências de notícias e dos jornais da região, com seus respectivos editores, e conhecendo suas posições, toma-se agora o ator que é o foco deste sistema: o receptor.

Segundo o Relatório MacBride:

Para que os indivíduos possam desempenhar papel de cidadãos responsáveis na sociedade, nos planos local, nacional e internacional, é preciso que estejam adequadamente informados e que conheçam fatos suficientes para poder tomar decisões fundamentadamente racionais e escolher uma linha de conduta. O indivíduo não pode compreender plenamente os acontecimentos e os assuntos que o afetam se não lhe proporcionarmos, ao mesmo tempo que os fatos e a informação bruta, um volume suficiente de dados explicativos variados e, inclusive, em caso necessário, discutidos. (1983: 260).

Como analisado anteriormente, a grande maioria dos fatos noticiados nos jornais não permitem compreensão satisfatória da realidade em questão. O leitor

além de não ter a possibilidade de entender cada acontecimento isoladamente, também passa a não conhecer a realidade como um todo dos países e povos da América Latina. Este ou se enquadra ao sistema ou é enclausurado no silêncio.

O leitor não tem a possibilidade de ler ou ver uma comunicação equilibrada, com o enfoque e o olhar latino-americano. “A corrente de sentido único da informação aparece claramente no conteúdo das mensagens, na escolha dos temas, nos juízos de valor intrínseco que determinam a apresentação e a seleção de notícias”. (MacBride, 1983: 241). Esta seleção, como já mencionado, torna-se pauta de outros meios de comunicação e da própria sociedade (*agendamento* contido nas mensagens); gerando clichês que são associados à imagem destes países.

Percebendo este mecanismo, um dos fatores analisados nos jornais foi o *agendamento* causado pela mídia, ou seja, sua preferência por temas específicos. Desta forma, classificou-se, dentre as 192 citações durante a semana sobre a região, quais foram os temas noticiados. Abaixo os temas escolhidos e o número de vezes que esteve presente nas editorias de internacional:

Tabela 4 - Agendamento:

1º Ditadura	30	15º Comunismo	3	29º Diplomacia	1
2º Instabilidade Política	19	16º Cultura	3	30º Discriminação	1
3º Intervenção Estrangeira	17	17º Trapaça	3	31º Encontros	1
4º Guerrilha	14	18º Dívida Externa	2	32º Falecimentos	1
5º Política	13	19º Epidemia	2	33º Justiça	1
6º Violência	9	20º Greve	2	34º Moda	1
7º Corrupção	8	21º Pobreza	2	35º Narcotráfico	1
8º Problemas Sociais	8	22º Atraso Tecnológico	1	36º Desmamamento	1
9º Fuga de Cuba	7	23º Casamento Homossexual	1	37º Repressão	1
10º Catástrofe Climática	5	24º Ciência	1	38º Segurança	1
11º Economia em geral	5	25º Cooperação	1	39º Terrorismo	1
12º Impunidade	4	26º Crise Diplomática	1	40º Tortura	1
13º Problemas Econômicos	4	27º Desonestidade	1		
14º Violação de Direitos Humanos	4	28º Desordem	1		

Na tabela nota-se claramente que os temas preferidos são os que denigrem a imagem da região. Dos 40 temas *agendados* naquela semana, apenas seis enalteciam os povos e suas nações. O sistema comunicacional, orientado por um único fluxo, mantém sem voz e sem representação a população perante o mundo e

entre os próprios latinos. Nota-se uma intenção em desestabilizar a região, criar uma imagem de países e povos sem ordem, confusos, miseráveis, baderneiros, perigosos, enfim... anormais, nunca como cidadãos e países normais. O Relatório MacBride também comenta esta tendência provocada pelo *desequilíbrio da circulação da informação*, que a comissão chamou de *más noticias*: "...insistem nas catástrofes, nos fracassos, nos conflitos, nas dificuldades, nos aspectos ridículos ou nos excessos." (1983: 58).

Pelo valor veredictório que possui o jornal impresso, o leitor não tem o hábito de questionar o que está sendo lido, se está escrito nos jornais ele encara como sendo a verdade; passa a ter aqueles temas como sendo a real imagem da América Latina. Acredita que os veículos estão apenas noticiando os fatos, que realmente e infelizmente esta é a realidade. Este comportamento é o que as agências, com o aval dos jornais, criam a cada dia em seu noticiário.

Estados poderosos e tecnologicamente avançados aproveitam o seu adiantamento para exercer um efeito de dominação cultural e ideológica que age em detrimento das identidade nacional de outros países. (MacBride, 1983: 60)

Desde o descobrimento, ora controlados por uns ora por outros, não se propicia à população a chance de se conhecer e de se entender. Sempre os que dominam querem criar uma situação conformadora para a prática de seus interesses. E dentre estes interesses não está a possibilidade de intercomunicação entre os latino-americanos.

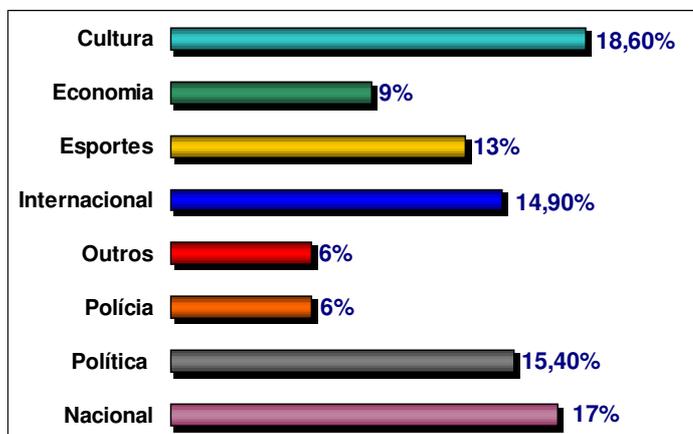
3.4.2. Entrevistas com os receptores de informação no MERCOSUL

Quem é esse receptor? Como ele recebe as informações? O quê gostaria de ler nos jornais? O que pensa sobre o atual sistema de coleta e difusão de notícias? Em busca destas e outras informações e preocupados com o papel do leitor no sistema de comunicação internacional, foram percorridas 13 cidades do MERCOSUL (Argentina, Brasil, Bolívia, Paraguai e Uruguai, exceto Chile) e entrevistados 142 leitores⁵. (Em anexo o modelo dos questionário aplicado, em espanhol e em português). Confira os resultados das entrevistas:

Buscando entender por que a Editoria de Internacional é uma das menores - muitas vezes a menor - editorias dos jornais: a primeira questão aos entrevistados

foi para que eles ordenassem três editorias segundo sua ordem de preferência, constatou-se o seguinte:

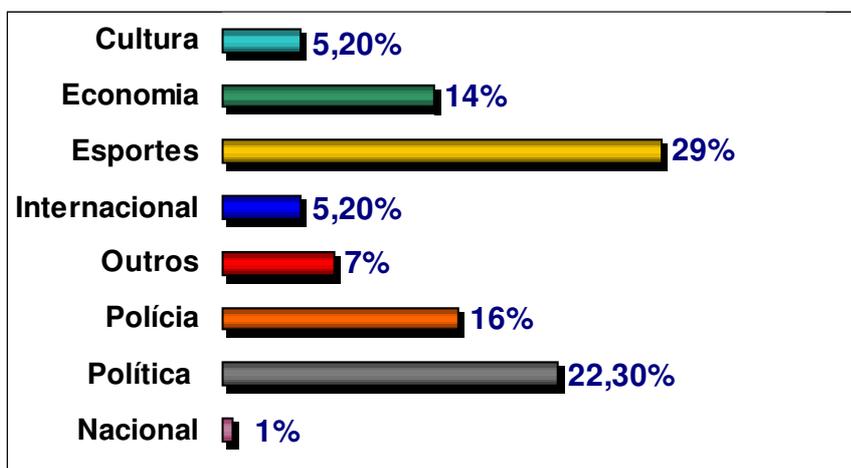
Gráfico 6 – Preferência de editorias:



Vê-se que a Editoria de Internacional está entre as preferidas dos leitores até mais que as de Esportes e de Economia, editorias estas que sempre possuem um caderno específico, maior que a de Internacional. No Uruguai, a Editoria de Internacional é a mais lida (31%), com percentual maior que o das notícias nacionais (12%), fato também observado na cidade de Pedro Juan Caballero, Paraguai. Com exceção do Brasil, em todos os outros países a editoria estava entre as três mais lidas.

Ainda com a preocupação focada na Editoria de Internacional, procurou-se saber o seu índice de rejeição: perguntando ao leitor o que ele não gosta nos jornais. Mais uma vez as editorias de Economia e Esportes tiveram resultados inferiores aos de Internacional:

Gráfico 7 – Rejeição de editorias:

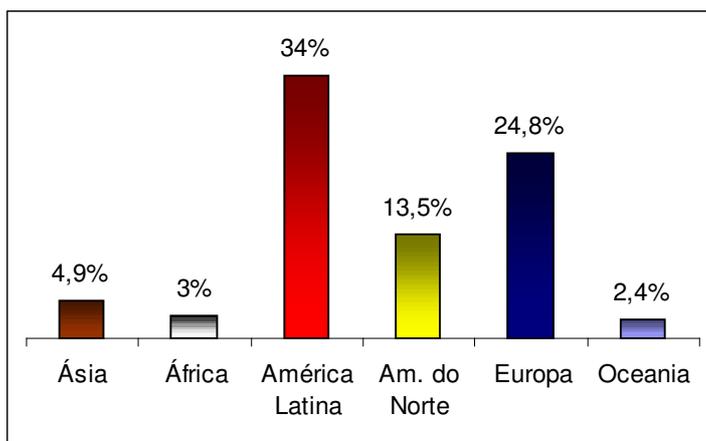


Alguns editores entrevistados afirmaram que a população prefere notícias referentes aos Estados Unidos e à Europa, e que as notícias da América Latina não vendem jornal. Para detectar esta característica, procurou-se saber qual era a preferência de leitura por continentes; o entrevistado enumerava os dois que mais lhe interessam:

Tabela 5 – Preferência por continentes:

	ARG	BOL	BRA	PAR	URU
Ásia	3,30%	5,00%	9,80%	3,90%	7,80%
África	1,60%	5,00%	6,10%	3,90%	1,90%
América Latina	47,40%	40,00%	32,00%	39,20%	45,00%
América do Norte	6,70%	25,00%	13,00%	23,50%	13,00%
Europa	36%	25%	32%	27%	29%
Oceania	5,00%	0,00%	6,10%	1,90%	1,90%

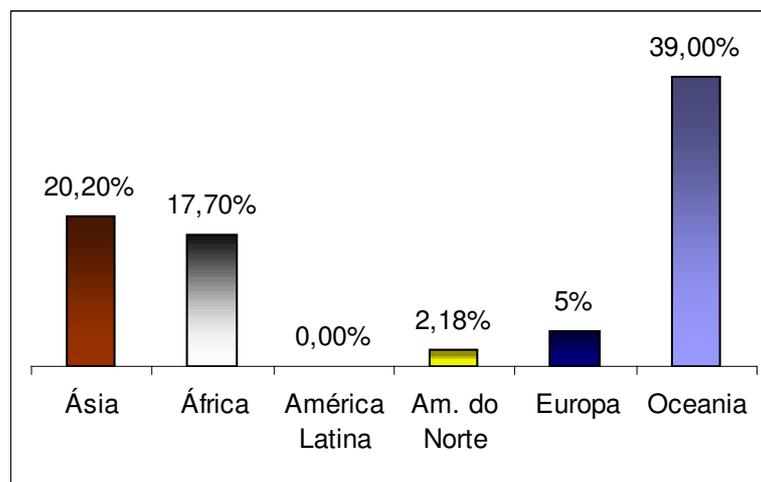
Gráfico 8 – Preferência por continentes, média geral:



Ao contrário do que pensam e pregam alguns editores, a maioria esmagadora dos entrevistados tem a América Latina como sua principal preferência. Em todos os países a região é a que desperta maior interesse pelos entrevistados. Nenhuma das pessoas entrevistadas disse não gostar de ler sobre a região, como se vê no gráfico abaixo. Este é um dos dados significativos, pelo qual se prova que os jornais não estão selecionando o que o seu receptor quer saber e sim o que interessa ao próprio veículo – como visto anteriormente, o espaço destinado à região é irrisório.

Tabela 6 – Rejeição por continentes:

	ARG	BOL	BRA	PAR	URU
Ásia	32,3%	10%	24%	25,9%	29,1%
África	11,7%	20%	24%	25,9%	25%
América Latina	0%	0%	0%	0%	0%
América do Norte	5,8%	0%	7,3%	0%	0%
Europa	6%	0%	0%	22%	0%
Oceania	44,1%	70%	43,9%	25,9%	45,8%

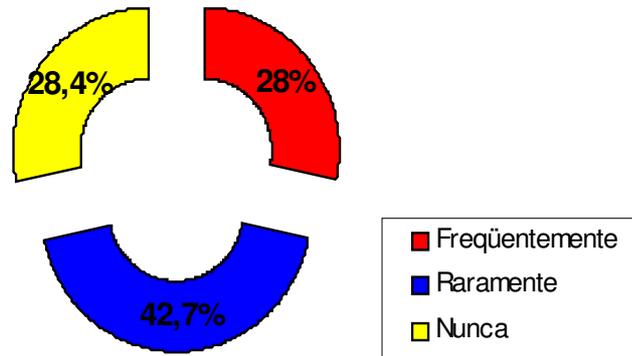
Gráfico 9 - Rejeição por continentes, total geral:

Os continentes mais distantes, menos noticiados, são os de menor preferência dos leitores.

Para saber se o leitor está preocupado com as fontes de informações do noticiário internacional, perguntou-se se ele checa as fontes do que lê. Com exceção da Argentina e do Paraguai, a maioria dos leitores raramente ou nunca lêem. No Brasil os leitores são os menos preocupados com as fontes:

Tabela 7 – Checagem de fontes de informação

	ARG	BOL	BRA	PAR	URU
Freqüentemente	42%	20%	12%	46%	24%
Raramente	33,3%	70%	27,9%	37,5%	44,8%
Nunca	24,2%	10%	60,4%	16,6%	31%

Gráfico 10 – Checagem de fontes de informação, do total geral:

Passando as cinco primeiras questões, onde foram levantadas questões referentes às preferências dos leitores, passa-se para a segunda parte das entrevistas: checar o conhecimento e a opinião dos leitores sobre o sistema de comunicação no continente.

A primeira indagação foi saber se os leitores conhecem as grandes agências de notícias. Como esperado a maioria dos leitores não as conhece. *Reuters* foi a mais conhecida do público e *EFE* a menos. Perguntou-se se ele sabe o que significam as nomenclaturas a seguir:

Tabela 8 – Conhecimento das grandes agências de notícias

	Sabe	Não sabe		
			Mas já ouviu falar	E nunca ouviu falar
Associated Press	30,4%	69,4%	38,2%	31,2%
France-Presse	31,7%	68,1%	41%	27,1%
United Press International	35,1%	64,7%	39%	25,7%
Reuters	39,6%	60,4%	37,4%	23%
EFE	25,8%	74,1%	48,3%	25,8%

Logo após, aos que responderam saber o que significa uma ou mais das nomenclaturas acima, perguntou-se o que eram. Segundo os entrevistados *AP*, *AFP*, *UPI*, *EFE* e *Reuters* são:

Tabela 9 – O que responderam ser o nome das agências de notícias

Agências de notícias, correio internacional, informação de correspondentes, serviço informativo, imprensa internacional, central de informações, correspondentes, empresa de comunicação internacional, notícias importadas, comunidade de pessoas, representação francesa (AFP), jornalismo internacional, comunidade internacional, associação de jornalistas (AP), correio internacional, empresa de aviação, mídia, jornalistas de alto cargo, jornais.

Mesmo com a grande maioria dos entrevistados não sabendo responder a questão anterior, 83,3% responderam saber o que são agências internacionais de notícias:

Tabela 10 - Sabe o que são agências de notícias?

	ARG	BOL	BRA	PAR	URU	TOTAL
Sim	90,6%	100%	63,6%	77,7%	84,6%	83,3%
Não	9,3%	0,0%	36,3%	22,2%	15,3%	16,62%

Para identificar a percepção dos leitores sobre a importância dos correspondentes, perguntou-se que meio pensam estar mais comprometido com seus países e sua população. Com exceção da maior parte dos brasileiros e dos paraguaios, a maioria dos entrevistados responderam que são os correspondentes a fonte mais comprometida.

Tabela 11 – Qual a fonte mais comprometida com os países e povos?

	ARG	BOL	BRA	PAR	URU	TOTAL
Agências de Notícias	23,6%	20%	55,8%	51,8%	34,6%	37,16%
Correspondentes	76,3%	80%	44,1%	48,1%	65,3%	62,88%

Especificamente sobre o comportamento das agências de notícias, só os argentinos e os bolivianos (um pouco menos) responderam que as agências são tendenciosas e não são fiéis aos acontecimentos que retratam, nos outros países os

entrevistados pensam que elas são independentes, mostrando, mais uma vez, que os leitores acreditam nos seus jornais e em suas fontes.

Tabela 12 – O que pensam sobre as agências de notícias:

	ARG	BOL	BRA	PAR	URU	TOTAL
Independente	15,5%	30%	55,8%	51,8%	50%	40,62%
Tendenciosa	78,1%	40%	41,8%	40,7%	42,3%	48,58%
Outro	6,2%	30%	2,3%	7,4%	7,6%	10,7%

Mesmo confiando no material das agências, a maioria absoluta acha que o fluxo informativo atual é controlado por outros interesses além do jornalístico. Em todos os países, sem exceção, os entrevistados mostraram preocupação com o sistema de trocas de informações no mundo, principalmente nos países em desenvolvimento.

Tabela 13 – Sobre o fluxo de informações

	ARG	BOL	BRA	PAR	URU	TOTAL
Justa	12,5%	0%	6,8%	39%	19,2%	15,1%
Controlada	84,3%	100%	90,9%	54%	76,9%	80,7%
Outro	31%	0%	2,2%	6%	3,8%	3,9%

Sobre o espaço dedicado nas Editorias de Internacional à América Latina, a maioria vê que esta está com uma representação razoável, mas que poderia melhorar – a minoria (11,6%) respondeu estar bem representada. Apenas no Uruguai a maioria vê que está comprometida.

Tabela 14 – Espaço dedicado a América Latina

	ARG	BOL	BRA	PAR	URU	TOTAL
Bem representada	6,2%	0%	25,0%	14,8%	12%	11,6%
Comprometida	28,1%	40%	11,3%	22,2%	52%	30,7%
Razoável	65,5%	60%	63,3%	62,9%	36%	57,5%

Perguntou-se aos entrevistados se eles acham que o número de correspondentes são suficientes na América Latina. Com exceção do Paraguai, em todos os outros países os leitores acham que os meios de comunicação da América

Latina deveriam ter mais correspondentes. Os paraguaios podem ter divergido dos demais entrevistados porque, como foi apresentado anteriormente, o país é o que mais retrata e dedica espaço em seus jornais ao continente, e para a maioria dos entrevistados do país as agências, como visto nas questões acima, são as melhores fontes.

Tabela 15 – Quantidade de correspondentes

	ARG	BOL	BRA	PAR	URU	TOTAL
Suficiente	28,1%	10%	35,5%	52,3%	46,1%	34,4%
Insuficiente	59,3%	70%	57,7%	42,8%	50%	55,9%
Não possui	12,4%	20%	6,6%	4,7%	3,8%	9,4%

A última questão aos entrevistados buscava saber se o receptor acha que o noticiário internacional ajuda a criar e/ou fortalecer preconceitos entre os países e povos, as opiniões foram plurais, no entanto a maioria acha que sim.

Tabela 17 – O noticiário internacional ajuda a criar e/ou fortalecer preconceitos?

	ARG	BOL	BRA	PAR	URU	TOTAL
Sim	47,8%	40%	68%	29,6%	50%	46,76%
Não	7,5%	10%	24%	14,8%	7,6%	12,52%
Raramente	44,7%	50%	8%	55,5%	42,3%	39,9%

3.4.3. Percepções das entrevistas com os leitores dos jornais

Quando a comunicação já não se refere apenas às relações pessoais, mas passa a ser um processo socialmente organizado, cabe ao indivíduo uma dupla função: comunicar por sua própria conta e, além disso, captar mensagens. Frequentemente, dá-se importância demais a essa segunda função, às expensas da primeira. Pior ainda, trata-se com frequência o indivíduo não como destinatário de certas informações que lhe são necessárias, mas apenas como consumidor de um produto cujo conteúdo tem de aceitar incondicionalmente. (MacBride, 1983: 185)

O questionário serviu para conhecer melhor o receptor, os seus contatos e impressões. Um contraponto do que é difundido pelas agências, selecionados pelos

editores e publicado pelos jornais, com a opinião dos leitores. Observa-se a divergência do que é propagado no sistema da comunicação internacional com o seu público. O sistema não está socialmente organizado, o indivíduo não é ouvido, não recebe as informações necessárias para a compreensão da verdadeira realidade da região e é tratado apenas como consumidor, independente da sua vontade, como citado anteriormente pelo Relatório MacBride.

Para o Relatório da Comissão, seria conveniente reconhecer o valor da comunicação que atua horizontalmente, e não verticalmente, e que permite ao indivíduo desempenhar um papel ativo na comunicação. Para tal é absolutamente fundamental o cumprimento de três pré-requisitos: a) O direito a saber; b) O direito de transmitir; c) O direito de discutir. (1983:186).

Do contato direto com os leitores, percebe-se, em um grande número destes, a sua revolta e o seu sentimento de impotência perante a comunicação praticada pelos periódicos dos seus países. O leitor só está tendo o “direito de saber”, o de transmitir e de discutir não lhes é possibilitado. A imposição do que deve ser visto é oriunda de um sistema vertical que não possibilita a interação do indivíduo. Mesmo este “direito de saber”, não é bem um direito, e sim uma imposição de que é obrigado a aceitar, é um “direito” de saber o que os outros querem que ele saiba.

Detectou-se que a Editoria de Internacional é uma das mais lidas nos jornais, mais até que Esportes e Economia, o que representa que os jornais não estão atribuindo o espaço necessário à seção. Até mesmo alguns editores, como o do *Correio Braziliense*, salientaram que o pouco espaço concedido pelos jornais obriga a fazer uma seleção ainda maior dos fatos. E em contrapartida, uma menor possibilidade de investigação e contextualização dos fatos, esbarrando no espaço físico.

A América Latina que possui uma representação muitas vezes irrisória em seus próprios jornais, e que alguns editores não mostraram preocupação, foi o continente levantado pelos leitores como o de maior importância e sobre o qual eles mais gostariam de receber informações. Mostrando mais uma vez que o leitor está tendo o “direito” de saber apenas o que interessa ao sistema da comunicação vertical.

Como já mencionado anteriormente, o jornal possui um valor veredictório, a maioria dos leitores não mostram preocupação em checar as fontes das notícias. Os

brasileiros, os bolivianos e os uruguaios disseram nunca ou raramente checar, já os argentinos e os paraguaios conferem na maioria das vezes. Os leitores acreditam no que está escrito, mesmo que isso não represente o que eles gostariam de estar lendo.

A maioria dos entrevistados não conhece as principais agências de notícias, mesmo dizendo saber o que significa agências de notícias. Sabe o que é uma agência, mas, a maioria, não conhece o nome de nenhuma.

Os entrevistados mostram consciência que o fluxo internacional de informações está controlado por outros interesses que não o jornalístico e que o número de correspondentes na região não é suficiente.

É válido salientar que, com as entrevistas, buscou-se fazer apenas uma amostragem das preferências e das opiniões dos leitores. Não se pretendeu, em nenhum momento, colocá-las como a verdade absoluta. Realizou-se um pequeno recorte, com o universo de apenas 142 leitores. Para as finalidades pretendidas na pesquisa cumpriu-se o objetivo, mas para um conhecimento mais sistemático e completo seriam necessárias outras estratégias, abarcando um universo bem maior de leitores em todos os países.

Notas

¹ Subtítulo do relatório MacBride, publicado pela UNESCO em 1980.

² Em 1494, Espanha e Portugal dividem o mundo, assinam o Tratado de Tordesilhas, estabelecendo uma linha que divide o Novo Mundo em duas partes: Oeste para Espanha e Leste para Portugal.

³ Denominou-se a nomenclatura citação para designar o número de vezes em que a América Latina foi mencionada na Editoria de Internacional, visto que muitas aparições são tão pequenas que não se pode dar o nome de notícia ou matéria.

⁴ Foram analisadas somente as notícias cujo foco principal referia-se à América Latina.

⁵ Número de entrevistados nos respectivos países e cidades:

PAÍSES	TOTAL GERAL NO PAÍS		TOTAIS DAS CIDADES	
	Entrevistados	% do total	Cidades	(% no país)
<i>República Argentina</i>	32	22,5%	Buenos Aires	37,5%
			La Plata	28,1%
			Puerto Iguazú	34,3%
<i>República de Bolivia</i>	10	7%	Cochabamba	100%
<i>República Federativa do Brasil</i>	47	33%	Brasília/DF	36,3%
			Dourados /MS	25%
			Foz do Iguazu/PR	13,6%
			Pres. Prudente/SP	25%
<i>Tetã Paraguay/ República del Paraguay</i>	27	19%	Ciudad del Este	37,1%
			Pedro Juan Caballero	62,9%
<i>República Oriental del Uruguay</i>	26	18,3%	Col. del Sacramento	34,6%
			Montevideo	38,4%
			Punta del Este	26,9%
TOTAIS GERAIS:	142	100%	13	-

conclusão

CONCLUSÃO

25 anos depois: atualidade do relatório

Com o estudo da comunicação na América Latina, percebe-se que muito pouco foi feito após a publicação do Relatório MacBride, em muitos aspectos a situação encontrada é ainda mais grave que há 25 anos. Os desequilíbrios, a distorção e o controle da informação perpetuam-se.

A verdadeira função da comunicação, citada no Relatório, de informar, socializar, motivar, debater, educar, distrair, interagir e promover a cultura, continua pendente. O direito à liberdade de opinião e expressão, proclamada pela Declaração Universal de Direitos Humanos, na prática, não é um direito de fato. Um pequeno grupo de agências, hegemônicas, controlam e dominam a grande maioria das informações que circulam na região.

Analisando os fluxos comunicacionais, oriundo das agências de notícias internacionais, vê-se as dimensões com que a realidade é distorcida, tanto do material que sai como do que volta à região. Este fluxo controlado segue ideologias e interesses de países centrais, o que leva a perceber que a dominação informacional e cultural continua. E o pior agravante: com o aval de seus próprios veículos de comunicação e de sua própria legislação.

As políticas transnacionais de fluxos de informações devem ser repensadas, ou criadas. Cabe aos Estados assegurarem o direito à informação e o direito de opinar ao seu povo, assim como promover uma regulamentação internacional da informação.

Os assuntos relacionados à Comunicação devem ser considerados primordiais pelos Estados, assim como é a economia, a política e a segurança; visto que ela pode tanto ajudar como destabilizar todos os outros. Uma mobilização da sociedade civil que pressione os seus Estados é um fator determinante para concretizar uma comunicação verdadeiramente livre e equilibrada.

Democratizar a comunicação é ainda uma tarefa pendente no continente e a falta de políticas de comunicação materializa-se no desenraizamento dos povos, em uma visão parcialista, refletida no imaginário coletivo. Enquanto os meios de comunicação de massa não retratarem a realidade tal como ela é, a dominação de mais de cinco séculos, econômica-política-cultural-midiática, continuará.

Para pesquisas futuras, vê-se a necessidade de estudar as políticas de *infocomunicação* perante a Cúpula Mundial da Sociedade da Informação (CMSI), também realizada pela Organização das Nações Unidas, tendo como palco não a UNESCO, mas a União Internacional de Telecomunicações (UIT). A CMSI possui um caráter mais técnico que o Relatório MacBride, todavia, próxima aos setores empresariais e industriais, e possibilitando a participação da sociedade civil. Duas reuniões já foram realizadas, a primeira em Genebra (2003) e a segunda em Túnez (2005). Convém estudar um paralelo: MacBride X CMSI, e a retomada das discussões internacionais sobre a informação e a comunicação no mundo.

referências

REFERÊNCIAS

Livros:

AMARAL, Luis. *Técnica de jornal e periódico*, Rio de Janeiro: 4ª ed. Tempo Brasileiro, INL, 1978.

BELTRÁN, Luis Ramiro e CARDONA, Elizabeth Fox de. *Comunicação dominada: os Estados Unidos e os meios de comunicação da América Latina*, Tradução Paulo Roberto da Costa Kraner, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CARDOSO, Fernando Henrique, e FALETTO, Enzo. *Dependência e desenvolvimento na América Latina*, São Paulo: LTC, 1969.

CHAUNU, Pierre. *História da América Latina*, São Paulo: 2ª ed. Difusão Européia do Livro, 1971.

CHIAVENATTO, Julio José. *Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai*, São Paulo: Brasiliense, 1980.

COLLARO, Antonio Celso. *Projeto Gráfico: teoria e prática da diagramação*. 3ª ed. ver. ampl. São Paulo: Summus, 1996.

DIAZ RANGEL, Eleazar. *Pueblos sub-informados*, Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1967.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*, 14ª ed, São Paulo: Perspectiva, 1996.

FERREIRA, Maria Nazareth. *A Comunicação (des) integradora na América Latina: os contrastes do neoliberalismo*, São Paulo: Edicom Cebela, 1995.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*, 8ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

GOMES, Paulo Emílio Sales. *Trajetória no subdesenvolvimento*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUARESCHI, Pedrinho A. *Comunicação e Poder: a presença e o papel dos meios de comunicação de massa estrangeiros na América Latina*, Petrópolis: Vozes, 1987.

HAUSSEN, Doris Fagundes. *Sistemas de Comunicação e Identidades da América Latina*, Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.

HOHFEDT, Antonio. *Teorias da Comunicação: escolas, conceitos e tendências*. Petrópolis: Vozes, 2000.

IPANEMA, Marcelo de, e IPANEMA Cybelle. *História da Comunicação: notas*, Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1967.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e poética*. In.: *Linguística e comunicação*. Trad. Isidoro Blinkstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1969.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de Lopes & MELO, José Marques de (organizadores). *Políticas regionais de comunicação: os desafios do Mercosul*. Londrina: INTERCOM: Ed. Da UEL, 1997.

KOTSCHO, Ricardo. *A prática da reportagem*, São Paulo: Ática, 1988.

KUCINSKI, Bernardo *Jornalismo Econômico*, São Paulo: USP, 1996.

LAFER, Celso. *A Identidade Internacional do Brasil e a Política Externa Brasileira: passado, presente, futuro*, São Paulo: Perspectiva, 2001.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Colômbia espelho América: dos piratas a García Márquez, viagem pelo sonho da integração latino-americana*, São Paulo: Perspectiva, 1989.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de Lopes & MELO, José Marques de (organizadores). *Políticas regionais de comunicação: os desafios do Mercosul*. Londrina: INTERCOM: Ed. Da UEL, 1997.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. *Pesquisa em Comunicação*, São Paulo: 6ª ed. Edições Loyola, 2001.

MARCONDES, Filho C. *O Capital da Notícia: jornalismo como produção da Segunda grandeza*, 2ª ed., São Paulo: Ática, 1989.

MEDINA, C. A.. *Notícia, um produto à venda: Jornalismo na era urbana e industrial*, São Paulo: Alfa-Ômega, 1978.

MELLO, José Marques de. Comunicação Latino-americana. Reforma/ Revolução, in Cadernos da Intercom nº 3, São Paulo: Cortez editora, 1982

_____ (Org.). *Comunicação na América Latina: desenvolvimento e crise*, Campinas: Papyrus, 1989.

_____ Teorias da Comunicação: Paradigmas Latino-americanos, Petrópolis: Vozes, 1998.

NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*, São Paulo: Contexto, 2002.

NÖTH, Winfried. *Panorama da Semiótica: de Platão a Peirce*. 3ª edição. São Paulo: Annablume, 2003.

PARANAGUÁ, Paulo. *Cinema na América Latina*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1985.

ROSSI, Clóvis. *O que é jornalismo*, São Paulo: Brasiliense, 1980.

SALINAS, Raquel. *Agencias transnacionais de información y el tercer mundo*. Quito: "The Quito Times", 1984.

SCALZO, Marília. *Jornalismo de revista*. São Paulo: Contexto, 2003.

SCHILLER, Herbert. *O império norte-americano das comunicações*, Tradução Tereza Lúcia Halliday, Petrópolis: Vozes, 1978.

SOUZA, Jorge Pedro. *Teorias da Notícia e do Jornalismo*, Chapecó: Argos, 2002.

STEINBERGER, Margarethe Born. *Discursos geopolíticos da mídia: jornalismo e imaginário internacional na América Latina*. São Paulo: EDUC; Fapesp; Cortez, 2005

THOMPSON, John. *Ideologia e Cultura Moderna*, Petrópolis: Vozes, 1995.

TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América: a Questão do Outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MacBride, Relatório. *Um mundo e muitas vozes: comunicação e informação na nossa época*. Comissão Internacional para o Estudo dos Problemas da Comunicação/Unesco; trad. De Eliane Zagury – Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1983.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*, Lisboa: Editorial Presença, 1995.

Periódicos Científicos:

FADUL, Ana Maria. “Globalização cultural e fluxo internacional da ficção televisiva seriada: o caso da telenovela brasileira”, in *Comunicação:Veredas*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade de Marília, São Paulo: Arte e Ciência, 2002.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Procesos de comunicacion y matrices de cultura: itinerario para salir de la razon dualista*. (FELAFACS) México: Ediciones G. Gili, 1987.

MATTELART, Armand. *Hacia la formación de los aparatos ideológicos del Estado multinacional*. in: *Comunicación y Cultura*, No 4 (pp 73-115), Buenos Aires, setembro de 1975.

MAUAD, Ana Maria. *Cultura visual e consumo nas revistas ilustradas cariocas (1930-1960)*. In: CONGRESSO: "A Integração da diversidade racial e cultural do novo mundo", Rio de Janeiro: UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 22 a 26 de novembro de 2004.

Monografia:

BARRETO, Bruno Augusto A. *Comunicação Controlada: as Agências de Notícias na América Latina*. Monografia de Conclusão de Curso. Marília: Universidade de Marília, 2003.

Almanaques e Enciclopédias:

ALMANAQUE, *Enciclopédia da Atualidade*, São Paulo: Editora Abril, 2001 e 2003.

Volumes Mundo e Brasil.

ENCICLOPÉDIA ILUSTRADA DO ESTUDANTE, São Paulo, 1992. Volumes de 1 a 10.

Jornais:

ABC COLOR. Jornal diário de circulação nacional. Assunção – Paraguai. Edições de: 20, 21, 22, 23, 24, 25 e 26 jul. 2003.

A TARDE. Jornal diário de circulação na região Nordeste. Salvador-BA - Brasil. Edições de: 20, 21, 22, 23, 24, 25 e 26 jul. 2003.

CLARÍN. Jornal diário de circulação nacional. Buenos Aires – Argentina. Edições de: 20, 21, 22, 23, 24, 25 e 26 jul. 2003.

CORREIO BRAZILIENSE. Jornal diário de circulação nacional. Brasília-DF - Brasil. Edições de: 20, 21, 22, 23, 24, 25 e 26 jul. 2003.

COUTO, Geraldo José. *Cinema é tratado como assunto estratégico*. Folha de São Paulo, 16/09/200.

EL DEBER. jornal diário de circulação nacional. Santa Cruz de la Sierra - Bolívia: n. 17.107, 20 jun. 2004

EL PAÍS. jornal diário de circulação nacional. Montevideú - Uruguai: n. 29.886, 22 out. 2004

ESTADO DE MINAS. Jornal diário de circulação regional. Belo Horizonte-MG - Brasil. Edições de: 20, 21, 22, 23, 24, 25 e 26 jul. 2003.

ESTADÃO DO NORTE. Jornal diário de circulação na região Norte. Porto Velho-RO - Brasil. Edições de: 20, 21, 22, 23, 24, 25 e 26 jul. 2003.

FOLHA DE S. PAULO. Jornal diário de circulação nacional. São Paulo-SP - Brasil. Edições de: 20, 21, 22, 23, 24, 25 e 26 jul. 2003.

LA NACIÓN. jornal diário de circulação nacional. Buenos Aires – Argentina: n. 47.780, 20 out. 2004

LOS TIEMPOS. jornal diário de circulação nacional. Cochabamba - Bolívia: n. 12.712, 20 nov. 2004

MAXWELL, Kenneth. *A América Latina joga a toalha*, Suplemento Mais, Folha de São Paulo, 19/05/2002.

O ESTADO DE SÃO PAULO. Jornal diário de circulação nacional. São Paulo-SP - Brasil. Edições: 20, 21, 22, 23, 24, 25 e 26 jul. 2003.

ZERO HORA. Jornal diário de circulação na região Sul. Porto Alegre-RS - Brasil. Edições de: 20, 21, 22, 23, 24, 25 e 26 jul. 2003.

Revistas:

CARAS Y CARETAS. revista semanal de circulação nacional. Montevideu (URU): Ed. Rideban, n. 165, 15 out. 2004

DINHEIRO, As melhores da. Edição Especial. São Paulo (BRA): Ed. Três, n. 370A, out. 2004

FERREIRA, Juca. In (entrevista): HOLLANDA, Eduardo. *É hora de dialogar*. ISTOÉ, São Paulo, n. 1823, p. 7-11, 15 set. 2004.

ISTOÉ. revista semanal de circulação nacional. São Paulo (BRA): Ed. Três, n. 1834, 01 dez. 2004

_____. edição
1806 de 19 de maio de 2004

NOTÍCIAS. revista semanal de circulação nacional. Buenos Aires (ARG): Ed. Perfil, n. 1451, 16 out. 2004

REVISTA ABC COLOR. revista semanal de circulação nacional. Assunção (PAR): s/e, n. s/n, 20 jul. 2003

Rede Mundial de Computadores (World Wide Web)

AMARAL, Fabiana. *O cerne da notícia*. Canal da Imprensa. Disponível em: <http://www.canaldaimprensa.com.br/midia/deprimedicao/midia>, em 04/02/03.

ARÉBALOS, Alberto. *Sobrevivirán las agencias noticiosa?* Disponível em: <http://www.pulso.org/espanho/archivo>, em 07/03/03.

AGENCE FRANCE-PRESSE. *Cinema latino-americano em Veneza*. Disponível em: <http://www.terra.com.br/cinema/noticias/2002>, acesso: 21/03/2004.

_____. *Cannes 2000 tem boa representação latino-americana*. Disponível em: <http://www.terra.com.br/cinema/festivais/cannes>, acesso em: 21/03/2004.

AFP, *Agence France-Presse*. Disponível em: <http://www.afp.com.br>

ANSA. Disponível em: <http://www.ansa.com.br>.

AP. *Associated Press*. Disponível em: <http://www.ap.org>.

CALLEGARI, Bruna. *Joyson Blair, o justiceiro do New York Times*. Disponível em: <http://www.ilhabrasil.net>, acessado em 22/05/2004.

CARAVANTES, Marta. *El Sur según el Norte*. Disponível em: <http://www.ucm.es/info> em 11/05/03.

DURÁN, Johnny Vargas. *Las agencias de noticias: estrategia para la conformación de una cultura de paz*, Revista Acta Académica, Costa Rica. Disponível em: <http://www.uaca.ac.cr/acta/200may/jvargas.htm>, 07/03/03.

EFE. Disponível em: <http://www.efe.com.br>.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *MERCOSUL*. Disponível em:

<http://www.rio.rj.gov.br/mercosulcultural/mercosul.htm>, 12/12/2004

GOVERNO FEDERAL. *MERCOSUL*. Disponível em: <http://www.mercosul.gov.br>,

12/12/2004

HOHFEDT, Antonio. *Os estudos sobre a hipótese de agendamento*. Disponível em:

<http://ultra.pucrs.br/famecos/rh7hoht.html>, 11/06/2002.

MISTÉRIO DE EDUCACIÓN, CULTURA Y DESPORTES DE ESPAÑA.

Las agencias de información, . Disponível em:

<http://www.clavesistemas.com/media/prensa>.

O GLOBO. Rio de Janeiro-RJ. Edições: 20, 21, 22, 23, 24, 25 e 26 jul. 2003.

ONU Organização das Nações Unidas. Base de Dados. Disponível em:

<http://www.undp.org>.

_____. Disponível em:

http://www.undp.org/hdr2003/portugues/pdf/hdr03_por_HDI.pdf

REUTERS. . Disponível em: <http://www.reuters.com.br>.

SILVA, Sónia Marisa Pereira. *Contributo para uma história das agências noticiosas em Portugal. Cap. O nascimento das agências noticiosas*. Tese de Mestrado.

Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-sonia-agencias-notiviosas-portugal.html>, 07/03/2003.

Sindicato dos jornalista do Estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.sjsp.org.br/estimativas>. Em 07/03/03.

THE NEW YORK TIMES. Disponível em: <http://www.nytimes.com>, acessado em 12/06/2004.

TODOROV, Tzvetan. *O Estado de São Paulo*. (entrevista) . Disponível em: <http://www.estadao.com.br/ext/frances>.

UPI. Disponível em: <http://www.upi.com>.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)